

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO
DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

RONALDO VICENTE PEREIRA

PARACAMBI INDUSTRIAL: UMA PROPOSTA DE ROTEIRO CULTURAL.

RIO DE JANEIRO

2018

PARACAMBI INDUSTRIAL: UMA PROPOSTA DE ROTEIRO CULTURAL.

POR

RONALDO VICENTE PEREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos sociais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, como requisito necessário para obtenção do título de mestre em Bens Culturais e Projetos sociais.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Paulo Fontes – Orientador – CPDOC FGV

Professora Dra. Luciana Quillet Heymann – PPHPBC

Professor Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro – UFRRJ

Rio de Janeiro, maio de 2018.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV

Pereira, Ronaldo Vicente

Paracambi industrial: uma proposta de roteiro cultural / Ronaldo Vicente Pereira. - 2018.

123 f.

Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

Orientador: Paulo Fontes.

Inclui bibliografia.

1. Turismo cultural. 2. Patrimônio cultural – Proteção. 3. Edifícios industriais – Conservação e restauração. 4. Paracambi (RJ) – História. I. Fontes, Paulo. II. Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 306.4819

RONALDO VICENTE PEREIRA

“PARACAMBI INDUSTRIAL: UMA PROPOSTA DE UM ROTEIRO CULTURAL”.

dissertação apresentado(a) ao Curso de Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais do(a) Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil para obtenção do grau de Mestre(a) em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Data da defesa: 28/05/2018

ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA


Paulo Roberto Ribeiro Fontes
Orientador(a)


Luciana Quillet Heymann
Membro


Felipe Ribeiro
Membro

DEDICATÓRIA

Ao pequeno hoje, mas grande amanhã, Ronaldo Vicente Pereira Filho, que um dia possa descobrir novos roteiros e entenda a importância de estudá-los;

À querida e amada Maria Helena B. Vicente Pereira, companheira paciente, cúmplice e parceira de nossos roteiros pelo mundo;

Ao povo paracambiense, mas em especial, aos ex-operários têxteis da cidade, a minha sincera homenagem.

AGRADECIMENTOS

São tantos que tenho medo de esquecer alguém e ser injusto, mas procurarei ser sucinto e global.

Primeiramente agradeço a DEUS pela oportunidade de poder estudar, pela força e paciência a mim dadas, porque não foi fácil! ah! Não foi! Mas sabendo que Ele estava comigo, criei coragem e segui em frente;

Aos meus amigos de profissão, professores do IFRJ Campus Paracambi pelo incentivo e apoio e, especialmente, ao professor Dr. Israel Souza por ter me preparado para o processo seletivo de ingresso neste curso de mestrado; à professora Dra. Joyce Rocha, uma grande educadora que sempre teve minha admiração, agradeço pelas palavras de motivação, correção de alguns trabalhos e principalmente pelo empréstimo bibliográfico de seu vasto acervo. Que a mão de DEUS paire sobre suas vidas e os abençoe grandemente.

Aos professores Paulo Keller e Maria Ciavatta pelo empréstimo de material que me ajudou na composição deste trabalho.

À família Romeiro, família de professores doutores, moradores de Paracambi e meus amigos pessoais. Davi Romeiro, Ida Romeiro, Julieta Romeiro e Juliana Romeiro foram de uma solicitude ímpar e, se este trabalho andou, foi porque eles também me ajudaram-principalmente Davi e Julieta, esta pelas críticas sinceras ao trabalho, aquele pelas aventuras na cidade em busca dos “últimos moicanos”. Confesso que se não tivesse tido uma família na minha criação, gostaria de ter sido dessa.

De igual forma ao casal de paracambienses Marilene Teixeira e Álvaro (Seu Alvinho), do qual nunca me esquecerei, em especial dos sacos e mais sacos de frutas que colhi no sítio deles quando ia entrevistá-los.

À amiga e também professora Sthefanie Solrac pelo empréstimo literário.

Ao professor Fábio Carlos de Mattos da Fonseca pela motivação e correção gramatical deste trabalho.

E a todos os meus queridos professores do CPDOC FGV RJ, um time de excelência que me deu as condições de traçar o caminho do meu roteiro. A todos os funcionários da FGV RJ,

dos seguranças aos zeladores, dos técnicos em informática à secretária do CPDOC, muito obrigado.

Ao meu amigo Nelson Wagner, ex-aluno, web designer que me emprestou seu talento sempre que precisei.

Aos meus colegas de turma do Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais.

E por fim à banca examinadora; à Professora Dra. Luciana Quillet Heymann por ter sido minha professora em duas disciplinas e por aceitar fazer parte de minha avaliação contribuindo com suas opiniões; ao Professor Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro pelo apoio, incentivo e sugestões ao meu trabalho; em especial, ao meu orientador Professor Dr. Paulo Roberto Ribeiro Fontes, que sem me conhecer aceitou o desafio de orientar minha pesquisa. Cada encontro, cada e-mail era uma ajuda, uma motivação para não desistir. Vontade de abandonar o barco não me faltou. Contudo, quando eu ouvia “eu acredito em você! Seu trabalho tem tudo para ser uma referência de algo novo também para mim! Vamos lá, eu quero ver o Ronaldo aparecer!”, meu ânimo se redobrava. Obrigado, Paulo. Bem haja por sua vida.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é investigar, dentro do mundo do turismo cultural, a possibilidade de elaboração de um roteiro cultural na cidade de Paracambi no Estado do Rio de Janeiro. O referido município se desenvolveu a partir do surgimento de três fábricas têxteis, com destaque para maior delas, a Companhia Têxtil Brasil Industrial, e todo um patrimônio constituído nos seus mais de cem anos de atividades na região. A pesquisa se justifica pelo fato de Paracambi já desenvolver o turismo ecológico, em função da diversidade natural da região. Some-se a isso sua proximidade com o Vale do Café Fluminense, uma rota turística consagrada no estado. Desta forma, a elaboração de um roteiro cultural poderia ser um importante incremento das atividades de turismo desenvolvidas na cidade. As reflexões desenvolvidas nesta pesquisa se valeram de uma perspectiva teórica multidisciplinar envolvendo *Sociologia* (Keller 1997), *Antropologia* (Leite Lopes, 1988), *Educação e Trabalho* (Ciavatta, 2007), *Historiografia* (Furtado, 2003; Silva 2009), *Geografia* (Simões 2006) e *Turismo Cultural* (Molleta 1998; Cordeiro 2006). A proposta metodológica se baseou em revisão de literatura, visitas de campo e em entrevistas realizadas junto a moradores de Paracambi que trabalharam na Companhia Têxtil Brasil Industrial. Ao final do trabalho, apresenta-se uma proposta de roteiro cultural capaz de relacionar a história da referida Fábrica e da cidade de Paracambi, as quais se (con)fundem; paralelamente, a pesquisa produz, para além de um roteiro, subsídios suficientes para se afirmar uma estreita correspondência entre patrimônio industrial e memória operária.

Palavras chave: Turismo Cultural, Roteiro Cultural, Paracambi, Brasil Industrial, Patrimônio Industrial.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to investigate, within the world of cultural tourism, the possibility of elaborating a cultural itinerary in the city of Paracambi in the State of Rio de Janeiro. The mentioned municipality was developed from the appearance of three textile factories, especially the Textile Company Brazil Industrial, and an entire asset constituted in its more than one hundred years of activities in the region. The research is justified by the fact that Paracambi already develops ecological tourism, due to the natural diversity of the region. Add to that its proximity to the Fluminense Coffee Valley, a tourist route consecrated in the state. In this way, the elaboration of a cultural itinerary could be an important increase of the activities of tourism developed in the city. The reflections developed in this research were based on a multidisciplinary theoretical perspective involving *Sociology* (Keller 1997), *Anthropology* (Leite Lopes, 1988), *Education and Work* (Ciavatta, 2007), *Historiography* (Furtado, 2003; Silva 2009), *Geography*) and *Cultural Tourism* (Molleta 1998; Cordeiro 2006). The methodological proposal was based on literature review, field visits and interviews with residents of Paracambi who worked at Companhia Têxtil Brasil Industrial. At the end of the work, a proposal is presented for a cultural itinerary capable of relating the history of the said Factory and the city of

Paracambi, which are merged; At the same time, research produces, besides a script, enough subsidies to establish a close correspondence between industrial patrimony and working memory.

Keywords: Cultural Tourism, Cultural Route, Paracambi, Brazil Industrial, Industrial Patrimony.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1- Veneza no verão de 2017
- Figura 2- Regiões do Estado do Rio de Janeiro
- Figura 3- Fábrica Brasil Industrial
- Figura 4 – Bondinho Trolley
- Figura 5 – Tijolo Rio de Janeiro
- Figura 6 – Tijolo Macacos
- Figura 7 – Procissão
- Figura 8 – Logotipo da PMP gestão 2009-16
- Figura 9 - Brasão do município
- Figura 10 – Bandeira do Município
- Figura 11 – Antiga estação ferroviária de Paracambi na década de 1920
- Figura 12 - Antiga estação ferroviária de Paracambi na década de 1940
- Figura 13 – Recorte de jornal sobre a eletrificação da estação ferroviária
- Figura 14 – Galpão do terminal do trem na Fábrica
- Figura 15 – Antiga Praça Cara Nova
- Figura 16 – Relógio de Sol
- Figura 17 – Sede do Tupy Sport Club
- Figura 18 – Uniforme do Tupy Sport Club
- Figura 19 – Igreja Evangélica Congregacional
- Figura 20 – Diretor Presidente Dominique Lével
- Figura 21 – Antiga ponte sobre o Rio dos Macacos em 1964
- Figura 22 - Antiga ponte sobre o Rio dos Macacos em 1964
- Figura 23 – Matriz de São Pedro e São Paulo
- Figura 24 – Rua Dominique Lével em 1940
- Figura 25 – Fazenda Sabugo em 1940
- Figura 26 - Fazenda Sabugo em 2017
- Figura 27 – Av. dos Operários atualmente
- Figura 28 – Escultura em Bronze de Roberto Silveira

- Figura 29 – Colégio Estadual Presidente Rodrigues Alves
- Figura 30 – Sede do BIEC
- Figura 31 – Rio dos Macacos em 2017
- Figura 32 – Casa da vila operária na Rua Dr. Barcelos
- Figura 33 – Casa da vila operária na A. dos Operários
- Figura 34 – Antiga Avenida dos Operários na década de 1920
- Figura 35 – Morro do Parque na década de 1930
- Figura 36 – Muro de zinco
- Figura 37 – Sede do Sindicato dos Têxteis em Paracambi
- Figura 38 – Nova Capela de Nossa Senhora da Conceição
- Figura 39 – Praça Castelo Branco
- Figura 40 – Antigo Coreto Avenida dos Operários em 2017
- Figura 41 – Clube Cassino atualmente
- Figura 42 – Antigo bairro Raia na década de 1930
- Figura 43 – Antiga Capela de N.S. da Conceição
- Figura 44 – Interior da Antiga capela de Nossa Senhora da Conceição
- Figura 45 – Casa Gerencial
- Figura 46 – Companhia Têxtil Brasil Industrial

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

AMF – Associação dos Magistrados Fluminense

AMORJ - Arquivo de Memória Operária de Rio de Janeiro

BN - Biblioteca Nacional

BNH - Banco Nacional de Habitação

BR – Rodovia Brasileira

CBTI – Companhia Têxtil Brasil Industrial

CEFET- Centro Federal Tecnológico

CEFETEQ - Centro Federal Tecnológico de Química

CEPRA – Colégio Estadual Presidente Rodrigues Alves

CIDE – Contribuições de Intervenções no Domínio Econmico

CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas

COEX – Coordenação de Extensão

CPAR – Campus Paracambi

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

CET - Conselho Estadual de Tombamento

CETEP Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante

CIA - Companhia

DCMUN – Depósito Central de Munição

EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo

FAETEC - Fundação de Apoio  Escola Técnica

FEEMA - Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente

FEM – Forum Econmico Mundial

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FICCIM - First International Congress on the Conservation of Industrial Monument

GRESP – Grmio Recreativo Esportivo e Social de Paracambi

H.P. – Horse-power (cavalo de potência)

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais

IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

INEPAC Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPTU – Imposto Predial Territorial Urbano

IST - Instituto Superior de Tecnologia

LPS – Laboratório de Pesquisas Sociais

MAC – Museu de Arte Contemporânea

MTUR – Ministério do Turismo

OMT – Organização Mundial do Turismo

PIB – Produto Interno Bruto

PMP – Prefeitura Municipal de Paracambi

PNH – Plano Nacional de Habitação

PUC- Pontifica Universidade Católica

QR – Quick Response

RJ – Rio de Janeiro

RMRJ - Região Metropolitana do Rio de Janeiro

S.M.I. – Sua Majestade Imperial

TCE-RJ – Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFRJ - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1	
PANORAMA HISTÓRICO DE PARACAMBI E REGIÃO.....	33
O início das atividades em Paracambi.....	38
A Fábrica Brasil e a cidade no decorrer do século XX.....	41
As redes de assistência.....	45
CAPÍTULO 2	
O FIM DA FÁBRICA BRASIL INDUSTRIAL.....	58
A memória operária de Paracambi.....	60
O processo de desindustrialização e reconversão.....	62
O processo de tombamento.....	65
A “vocação” e o patrimônio industrial de Paracambi.....	67
O potencial turístico de Paracambi.....	69
O turismo cultural e sua possibilidade na cidade.....	72
CAPÍTULO 3	
O ROTEIRO CULTURAL EM PARACAMBI.....	75
MAPA DO ROTEIRO CULTURAL EM PARACAMBI.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117
INVENTÁRIO DE ENTREVISTAS.....	122

INTRODUÇÃO

Há onze anos trabalho na cidade de Paracambi, Baixada Fluminense¹, no edifício da antiga Companhia Têxtil Brasil Industrial, aquela que foi, segundo Keller (1997), Suzigan, (1986), a maior fábrica têxtil da região, até o final do século XIX. Entre as que existiram:

A maior era a Fábrica Brasil Industrial, instalada em 1872 em Macacos, equipada com 24.000 fusos e 400 teares, empregando 400 pessoas e movida por 350 H.P de energia hidráulica. Essa foi a primeira grande (a até o final da década de 1880 a maior) fábrica de tecidos de algodão do Brasil. (...). (KELLER, 1997:32), (SUZIGAN, 1986:134).

Refuncionalizada como instituição de ensino em fevereiro de 2002, seis anos após a Companhia ter encerrado suas atividades fabris, o prédio da antiga Fábrica hoje abriga instituições públicas e pequenas empresas privadas, em um processo que Santos (2017) chamou de reconversão.

A reconversão do prédio industrial em escolas, na cidade de Paracambi, teve início com a regulamentação em 19 de fevereiro de 2002. O prefeito de Paracambi encaminhou ao presidente da Câmara dos Vereadores o projeto de lei que “dispõe sobre autorização para aquisição de imóvel de particulares com a finalidade de instalação de Centro Tecnológico Universitário de Paracambi”. Em sessão e votação únicas, dois dias após, em 21 de fevereiro de 2002, o projeto seria aprovado e a Câmara de Vereadores promulgaria a Lei Municipal Ordinária n° 646. A finalidade da Lei foi autorizar o prefeito a adquirir o imóvel de propriedade da Cia

¹ De acordo com Simões (2006, p. 2), “não existe um consenso geral do que seja a Baixada Fluminense, quais os seus limites e os municípios que a compõem. A cada trabalho sobre essa região reabre-se o debate, pois cada autor se coloca de maneira diferenciada com relação a área a ser delimitada. Contudo, existem alguns consensos que devem ser ressaltados. Os municípios de Nova Iguaçu e Duque de Caxias são apontados, com unanimidade, como núcleos desta região, assim como não há questionamento sobre a inclusão de seus “satélites” imediatos, como Belford Roxo, São João de Meriti, Nilópolis, Mesquita, Queimados e Japeri, que são incluídos como parte da Baixada Fluminense por todos os autores, mas nem sempre analisados com a mesma profundidade que o “núcleo duro”. Os problemas se encontram nos limites leste, oeste e norte. Dependendo dos autores, Magé e Guapimirim podem ser ou não inseridos na Baixada Fluminense, o mesmo ocorrendo com Itaguaí, Seropédica e Paracambi”.

Fábrica de Tecidos São Pedro de Alcântara, sucessora da Cia Brasil Industrial. (SANTOS, 2017: 67).

Nos seus mais de cem anos de atividades, a Fábrica Brasil empregou milhares de operários, contribuindo para o surgimento e o crescimento urbano da cidade, e foi por trabalhar como professor em uma das instituições instaladas na Fábrica refuncionalizada que surgiu a proposta de estudar as diversas formas de produção e reprodução da memória local a partir das falas de seus principais atores, os ex-operários e moradores da cidade.

Difícilmente alguém que visita Paracambi deixa de contemplar o gigantesco prédio da Fábrica, que é o ponto turístico mais importante da cidade. Envolvida por uma reserva de Mata Atlântica, em sua parte posterior, e agraciada por um grande bosque em sua ala frontal, a construção serve a centenas de pessoas que, diariamente, realizam suas atividades físicas pelas ruas que lhe dão acesso, misturando-se aos estudantes das diversas instituições ali instaladas, bem como trabalhadores de empresas e servidores públicos do município.

Dentre as conversas com moradores da cidade, muitos deles ex-operários, e ouvindo depoimentos realizados por outros pesquisadores, percebi o quão importante e rica era a história daquela cidade interiorana. As narrativas detalhadas do passado e o grau de importância conferido à Fábrica pelos seus antigos funcionários contrastam com a ausência de informações no presente sobre a história da empresa e de seus trabalhadores. Talvez seja este um dos motivos do desconhecimento do patrimônio local pelas gerações mais jovens, para quem aquelas instalações só representam um complexo escolar e uma área de lazer.

Os distanciamentos das gerações mais jovens, a importância histórica do patrimônio material e da memória da classe operária na cidade figuram como um importante ponto de partida para a compreensão das relações cidadão-cidade e seu patrimônio. Enquanto para os moradores mais antigos, a Fábrica figura como ponto central de suas narrativas, seja pela centralidade que as relações de trabalho exerciam em suas vidas, seja pelas relações sociais estreitas que eram estabelecidas, para as gerações mais jovens, aquele patrimônio tem sido dotado de um novo significado, em que a educação e não mais o trabalho passa a ser seu pilar. É a partir da tentativa de compreender essa memória, a importância e reconhecimento que a Fábrica tem e teve na vida da população de Paracambi, que este trabalho se justifica.

Diante da ausência de informações ou dados públicos sobre a Fábrica e da carência de um acervo sistematizado sobre a vida operária, este trabalho teve como ponto de partida as narrativas de antigos moradores da cidade sobre suas percepções em relação ao patrimônio local. Trata-se

de um espólio que começa pela própria Fábrica, local de trabalho e fonte de renda do operariado, passando pelo Clube Cassino, lugar de festas promovidas pelo patronato, pela vila operária, espaço de moradia dos trabalhadores e seus familiares, pelas praças públicas, território de encontros sociais sem fiscalização, pela capela, lugar de culto e, muitas vezes, festas que terminavam no Cassino, pelo campo de futebol, área de entretenimento dominical, e pela estação ferroviária que, apesar de não fazer parte do antigo patrimônio fabril, seria o *locus* de chegada e partida das pessoas que vinham tentar a vida na nova cidade industrial. Em cada um desses lugares há histórias intimamente relacionando a cidade à Fábrica e esta dissertação se presta a resgatar algumas delas. São histórias que poderiam servir, entre outros, de subsídio aos currículos escolares, num esforço de preservação não apenas do patrimônio material, mas também histórico que marca a região. Isso certamente poderia ser o início do estreitamento entre moradores e o reconhecimento de sua herança cultural.

Através de conversas com os moradores mais antigos, tomei conhecimento dos muitos lugares que se relacionavam com a história de Paracambi, mas que nem sempre apareciam nas narrativas “oficiais” sobre a cidade e a Fábrica. São histórias, “causos” e lendas vivenciadas por ex-operários que poderiam ser trazidas à tona por meio de um roteiro cultural, capaz de conter informações a respeito da história local e ser mais um atrativo turístico em uma região que dispõe de poucas opções de lazer e entretenimento. A proposta deste roteiro cultural visa a oferecer uma solução rápida e de baixo custo, para resolver a questão da falta de informação sobre a história e os bens patrimoniais de Paracambi. Neste trabalho são apresentados vários pontos da cidade, destacados pelos ex-trabalhadores da Fábrica como importantes e relevantes para a história de Paracambi. Do ponto de vista funcional, a proposta é que as narrativas referidas anteriormente estejam contidas em diversos Quick Response (*QR code*)², os quais comporiam, com outros recursos, um mapa instalado em placas junto a cada ponto turístico identificado. Dessa maneira, eventuais turistas (e mesmo a população local) poderiam ter acesso não apenas aos lugares, mas às memórias a eles relacionados.

O objetivo é entender através de relatos, imagens e documentos a história não apenas da Fábrica Têxtil Brasil Industrial, mas a de outros espaços que foram importantes para a construção da cidade e de seu patrimônio. Para isso foi necessário conhecer a história local

² Código QR (ou QR code) é a sigla de "Quick Response" que significa resposta rápida. É um código de barras, criado em 1994; possui esse nome, pois permite às pessoas que a ele têm acesso um conjunto diverso de informações. A tecnologia é capaz de armazenar até 100 vezes mais dados e caracteres do que os tradicionais códigos de barras. No Brasil, algumas empresas passaram a adotar o código QR no ano de 2007. Há exemplos do uso em ingressos de cinema, passagens aéreas, em revistas e algumas embalagens de alimentos, como nas embalagens de bebidas e hortifrúteis de uma rede de abastecimento nacional. O uso do código QR como um código de barras inteligente é bastante eficaz, pois possui alta velocidade de leitura com precisão e funcionalidade, permitindo, por exemplo, arquivar informações de lote, validade, características do produto e do processo de produção.

através de entrevistas realizadas, neste estudo e no de outros autores, com pessoas mais velhas, todas ex-trabalhadores da antiga Fábrica de tecidos.

A Fábrica Brasil Industrial e a antiga vila operária - entre outros espaços do antigo patrimônio da cidade - podem ser vistas como lugares que sintetizam os afetos, as alegrias, as tristezas, as expectativas e frustrações do passado. Trata-se aqui, portanto, de uma tentativa de resgate de todos esses aspectos a partir de um roteiro turístico cultural. Acredita-se que o desenvolvimento, em todos os sentidos, de um lugar se dá por diversas formas, entre as quais se poderia considerar o turismo cultural. Optou-se por esta via por se tratar de um segmento em crescimento capaz de incrementar econômica, social e culturalmente uma região; além disso, o turismo de um modo geral é uma das atividades econômicas mais rentáveis para o país.

De acordo com o Fórum Econômico Mundial (FEM) e a Organização Mundial de Turismo (OMT), temos o maior potencial de belezas naturais e o oitavo em riqueza cultural do mundo (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017). Já o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC, na sigla em inglês) - entidade que reúne os maiores empresários de turismo no mundo - divulgou o estudo anual “Viagens e Turismo: Impacto Econômico”, com dados coletados em 184 países. O Brasil aparece em 6º lugar no ranking de países que leva em conta vários indicadores do setor – importância do turismo para o Produto Interno Bruto (PIB), geração de empregos, divisas geradas por turistas internacionais e investimentos públicos e privados.

O impacto do turismo na economia do Brasil deverá alcançar 9,5% do PIB (R\$ 466,6 bilhões), um crescimento de 5,2% em relação ao ano passado, que foi de 9,2% do PIB (R\$ 443,7 bilhões), segundo o WTTC. O número é superior à média mundial, que será de 2,5%. (PORTAL BRASIL, 2014).

Para o economista e vice-presidente da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Marcos Cintra³:

O turismo representa atualmente um meganegócio que responde por 11% do PIB mundial e gera cerca de 260 milhões de empregos. A expectativa é que o setor continue se expandindo de modo robusto nos próximos anos. A OMT estima que o contingente de turistas internacionais chegue a 1,6 bilhão em 2020.

Para os pesquisadores da área de meio ambiente Medeiros & Morais (2013), o turismo é uma das maiores fontes de divisas do mundo em constante crescimento devido a sua integração entre os diversos setores da economia. A temática do turismo vem atraindo pesquisadores das mais distintas formações nos últimos anos e cada vez mais faz crescer o debate desse rico e

³ <https://www.brasil247.com/pt/247/economia/87207/Potencial-do-turismo-brasileiro.htm> - Acesso em 16/06/2018.

complexo estudo. Contudo, as definições sobre o tema são bem diversificadas. Para esses pesquisadores:

Cada autor estabelece um conceito conforme seu olhar sobre a atividade que causa impactos tanto positivos quanto negativos nas localidades onde ocorrem os fenômenos. Ressalta-se a relevância da preocupação com o desenvolvimento do turismo, uma vez que está presente nos setores econômico, social, cultural e ambiental. Conseqüentemente, pode, desta forma, impactá-los favorável ou desfavoravelmente. Portanto, é importante que sejam delimitadas ações capazes de controlar estes efeitos, minimizando os negativos e maximizando os positivos. (MEDEIROS, MORAIS, 2013:198).

No gigantesco mundo do turismo, uma área vem ganhando destaque nos últimos anos: o turismo cultural. Com definições muito ambíguas, essa categoria do turismo ainda pode ser dividida, entre outros, em rural, ecológico, náutica ou marítima, gastronômica, religiosa, esportiva, de negócios, de consumo, de estudos, de aventura e industrial.

O turismo cultural segundo Baudrihaye (1997) é um turismo que apela à memória do homem e sua criação, e é apresentado como uma alternativa ou complemento ao turismo típico do sol e praia, de lotação, podendo também ser uma forma de reativar economicamente determinadas cidades ou regiões. Existem diferentes fórmulas para o desenvolvimento do turismo cultural, entre as quais a elaboração de rotas e itinerários, a desconcentração cultural ou as viagens temáticas.

Para Meirelles (2016), o turismo é sempre associado à movimentação de pessoas que se deslocam de uma região para outra, por tempo limitado, para descanso e lazer, aproveitando da melhor maneira o ambiente diferente no qual se encontram. Porém, pode-se falar também em turismo quando se pensa em outros grupos de turistas que fogem a essa regra, considerando que há muitas espécies de turismo e de turista, cujo comportamento, direcionado para o tipo de atividade que desenvolvem, imprime conseqüências diversas para o meio e a população que os recebe.

O chamado turismo de massa pode ser um exemplo. Meirelles (2016) aponta esse tipo de atividade, nos moldes de hoje, como uma crescente a partir do pós-guerra, permitindo, nos países industrializados, que massas populares viajem e sustentem o setor econômico do turismo. Para ele, o turismo de massa é do tipo descanso e/ou desfrute; nele os destinos já são conhecidos de antemão, não há objetivo de aperfeiçoamento humano, os ambientes tendem a se uniformizar e há uma assepsia generalizada.

Com isso, o turismo de massa difere-se do turismo cultural no quesito oferta e público-alvo. Para o primeiro, a principal característica é o entretenimento, geralmente engloba os recursos naturais e as grandes festas populares, tem características predatórias e é não sustentável quando realizado de forma desordenada, trazendo problemas sérios para o local visitado. Já o segundo, de acordo com o Ministério do Turismo (MTUR), em seu documento orientativo – Turismo Cultural: Orientações Básicas (2006):

Compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.

Em artigo publicado por Nirlando Beirão, na revista Carta Capital, do dia 15/08/2017, com o título, “Entre o despovoamento e o turismo de massa, Veneza pede socorro”, é possível perceber como o turismo cultural traz consigo uma série de desafios semelhantes àqueles enfrentados pelo turismo de massa.

A morte de Veneza já foi anunciada pelo inclemente acúmulo de água na laguna, de forma a solapar os alicerces seculares de seus solares, e pela frequente invasão de líquens infectos que empestieiam os canais e tornam o ar irrespirável especialmente no verão. Parece uma cidade condenada a um combate permanente contra a natureza. O desastre que se aproxima agora é resultado do paradoxal encanto que Veneza desperta: **o turismo de multidões** trepidantes e insensíveis. Este verão de 2017 decreta o ponto de não retorno na antes amistosa relação de moradores e visitantes. (...) O despovoamento e o turismo de massa são há muito tempo motivos de desespero local. (...) Os passageiros de cruzeiros são os vilões mais visados pelos locais. Afirmam os venezianos que essas aves de arribação pousam por lá apenas algumas horas, gastam pouco e deixam um rastro de sujeira. São 60 mil turistas, em média, dia após dia, numa cidade que tem hoje 55 mil habitantes. São 28 milhões de turistas por ano. Meio ambiente e qualidade de vida estão definitivamente prejudicados. (Carta Capital, 2017).

É possível observar que mesmo uma cidade como Veneza - tombada como Patrimônio Mundial da Humanidade, marco geográfico importante para as duas culturas, a ocidental e a oriental, rica em edifícios históricos, aspectos e características cotidianas exclusivas por conta de sua geografia peculiar - pode sofrer dos mesmos problemas que outros lugares sem tantos predicados. Com tantos atributos, a cidade traz em sua história o valor agregado do turismo cultural e mesmo assim não escapa aos ataques ferozes do turismo de massa, como pode ser visto na (figura 1), extraída do mesmo artigo referido anteriormente.



Fig. 1- Veneza no verão de 2017.

O turismo de massa não surgiu de repente, ele se desenvolveu à medida que a civilização humana se deslocou ao longo de sua existência, confundindo-se muitas vezes com qualquer outro tipo de turismo, uma vez que em todos os casos sugerem deslocamento de pessoas. Segundo Panazzolo (2015), turismo de massa é um fenômeno social e difere sutilmente dos demais conceitos pelo deslocamento do grande número de pessoas a um determinado local de acordo com a demanda, ou seja, um lugar onde a procura para visitação é alta. Ela acrescenta que o turismo de massa vem crescendo com o passar dos anos desde as épocas mais remotas, mas é a partir da segunda metade do século XX que ganha as características dos dias atuais. Há evidências históricas que comprovam a existência de deslocamentos em massa para os mais diversos locais e com inúmeros fins.

O turismo cultural tem como público alvo o turista preocupado com a história e a cultura do local, sua motivação em vivenciar o patrimônio histórico e cultural implica nas experiências de preservação. Essas relações de vivências entre o turista e a cultura podem ser divididas de duas vertentes: uma perpassa o querer entender o objeto visitado; a outra busca as experiências participativas no que tange ao entretenimento. O Ministério do Turismo (MTUR) faz um recorte do que seria esse segmento no Brasil:

Turismo Cultural compreende as atividades relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006:10).

Outro conceito que pode ser abordado dentro do turismo cultural é o da sustentabilidade, capaz de contribuir socialmente e economicamente com o local. A esse respeito Maduro, Guerreiro e Oliveira (2015) destacam:

O conceito de turismo sustentável apareceu no final da década de 1980, depois da Organização Mundial de Turismo (OMT) ter notado que certos destinos turísticos pioneiros estavam a começar a perder a sua *atração* e competitividade a nível internacional por causa do turismo de massa e de seu crescimento não controlado, uma vez que não tinham levado em conta os aspectos ambientais e sociais. (MADURO, GUERREIRO & OLIVEIRA 2015: 1134).

Segundo documento da OMT de 2003, baseado em autores como Korossy e Candiotto, “o turismo sustentável é aquele que atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro”. Ele deve ser concebido como um condutor da gestão de todos os recursos existentes, tanto do ponto de vista da satisfação das necessidades econômicas, sociais e estéticas quanto da manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas de suporte à vida. (KOROSSY, 2008:63), (CANDIOTTO, 2009:49).

Em linhas gerais, o turismo sustentável busca atender tanto à comunidade local quanto ao turista que visita esta comunidade, mas sem por em risco gerações futuras, atendendo basicamente às suas necessidades principais. Segundo a OMT, o turismo sustentável deve ser aquele que salvaguarda o ambiente e os recursos naturais, garantindo o crescimento econômico da atividade, ou seja, mostrando-se capaz de satisfazer as necessidades das presentes e futuras gerações.

Dentro da categoria turismo cultural temos o turismo industrial, que é, segundo o professor José Manoel Lopes Cordeiro, da Universidade do Minho Portugal (2016), o aproveitamento turístico do patrimônio industrial. É também, segundo Dalonso (2013), aquele em que o visitante percorre as dependências da fábrica, acompanha a linha de produção de determinado produto e conhece como esse produto final chega à sua mão, o consumidor final.

O turismo industrial envolve a visita de turistas aos locais de operação das fábricas, onde a atividade executada no núcleo de trabalho é orientada por um monitor. O conceito da atividade representa os demais segmentos econômicos, demonstrando que não inclui somente os segmentos tradicionais da indústria como: mineração, construção, agricultura, pesca transporte, comunicações, mas sim, a inclusão de serviços: comércio de atacado e varejo, prestação de serviços em geral. Assim as indústrias envolvidas no turismo podem produzir bens e/ou serviços, podem ter um número grande ou pequeno de empregados e os processos podem ser automatizados ou manuais. (DALONSO, 2013:1).

Alguns estados brasileiros já vêm adotando o turismo cultural aliado ao turismo industrial como forma de expansão de suas atividades. No Rio Grande Sul e no Vale do São Francisco, no

sertão pernambucano, além da rica cultura da região, o turista pode visitar as chamadas “Rotas da uva”; é possível ainda ao turista conhecer as indústrias de gêneros alimentícios e de tecnologia de Santa Catarina, os alambiques de Minas Gerais, a fábrica de chocolate em Vitória, no Espírito Santo, a produção diversificada do Rio de Janeiro, como a cachaça de Paraty, a cerveja em Petrópolis e Teresópolis, e as fazendas do Vale do Café. Estes são alguns exemplos de turismo cultural que, em suas particularidades, estão atrelados a processos produtivos com destaque para o industrial. Este segmento, que surgiu na Inglaterra na segunda metade do século XIX (Vidal, 2010), também vem crescendo na Ásia, América do Norte e América do Sul devido ao grande número de indústrias desativadas e refuncionalizadas como museus e outras que ainda exercem sua função primária, criando programas e roteiros para atrair turistas.

Na cidade paulista de São Bernardo do Campo, por exemplo, o turismo industrial começou a ser praticado a partir de 2013 e mais oito municípios da região adotaram a ideia, somando hoje 15 empresas que vem atraindo cerca de 200 visitantes ao mês em cada uma das fábricas do programa de turismo industrial. (PREFEITURA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO⁴, 2017).

No caso da cidade de São Bernardo do Campo, o turista que visita suas fábricas vai com interesse de conhecer a história de uma das principais áreas da indústria nacional: a automobilística. Mas além desta oportunidade, ele também pode desfrutar de outras áreas como hospedagem, gastronomia, religião, cultura, arte, recursos naturais e a própria história do local e da região.

No caso de Paracambi, que cresceu com o avanço de suas indústrias têxteis, em especial a Brasil Industrial, o principal atrativo cultural é a própria história deste empreendimento e da classe operária que formou a cidade, unida ao turismo ecológico já praticado no município e futuramente ao possível turismo cultural e industrial nas diversas empresas de grande porte instaladas na região. Tudo isso poderia contribuir para o desenvolvimento do local. Neste último segmento, o fato de as empresas abrirem suas portas ao turismo permitiria que o visitante conhecesse seus produtos e como são feitos, gerando uma boa imagem e credibilidade de sua marca, atraindo com isso mais pessoas.

O desenvolvimento de um roteiro cultural é antes de mais nada um cumprimento de parte do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais da FGV RJ, o que possibilita a criação de um produto além de sua fundamentação teórica. Este roteiro em Paracambi é um esforço para que se preserve a

⁴ <https://www.turismoindustrialsbc.com.br/copia-turismo-industrial> (Acesso em 07/10/2017).

memória dos ex-funcionários da Fábrica, mas, sobretudo, uma oportunidade de refletir sobre as relações da cidade com os bens patrimoniais deixados pela antiga Companhia Têxtil Brasil Industrial, procurando com isso, em uma perspectiva de história pública, problematizar as relações entre memória social, espaço urbano e patrimônio industrial, aproximando principalmente a população local a esse legado.

A proposta do roteiro cultural desenvolvido nesta pesquisa leva em consideração sua praticidade e modernização, uma vez que o modelo aqui apresentado tem a forma de um mapa e este sinaliza os pontos de interesse na cidade e sua relação com a história da Fábrica Brasil Industrial. Esses pontos estão acompanhados de códigos eletrônicos contendo as informações necessárias e relevantes, além de alguns depoimentos de ex-operários para melhor compreensão do local histórico, bastando para isso que o interessado em conhecer a cidade disponha de um celular ou qualquer outra mídia eletrônica de comunicação com internet. Desta maneira a história de Paracambi estaria alinhavada à proposta do turismo cultural.

Outro pressuposto para elaboração deste roteiro é o baixo custo do material impresso; contudo, caso os órgãos públicos assim o queiram, o sistema de informação pode ser implantado sob a forma de placas físicas a serem fixadas nos pontos de interesse do roteiro em questão e para isso há um custo devido.

O roteiro poderia ser feito a pé em aproximadamente 2h. Começaria pela estação ferroviária da cidade por se tratar, não do único, mas do principal ponto de chegada ao município, e terminaria na antiga Companhia Têxtil Brasil Industrial, distando pouco mais de 1 km. Em seu itinerário cultural, moradores e visitantes poderiam ter acesso à história local bastando seguir o mapa, que conteria as informações resultantes desta pesquisa. Espera-se que esta proposta facilite a localização no tempo e no espaço geográfico e estimule a compreensão e a importância da ação de debater e preservar as memórias locais.

A ênfase nas narrativas individuais dos ex-trabalhadores da Fábrica se deu através da curiosidade despertada pelas inúmeras histórias ouvidas ao longo de uma década de trabalho como professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, uma das instituições que ocupam hoje a antiga sede da Cia. Têxtil Brasil Industrial, rebatizada de “Fábrica do Conhecimento”. O contato com ex-operários que trabalharam em diversos períodos

de funcionamento da Fábrica permitiu-me, por meio da pesquisa de história oral⁵, conseguir depoimentos de quem viveu da Fábrica Brasil Industrial em algum momento de sua vida.

Por meios desses relatos, foi possível observar, por exemplo, as regras impostas como controle no cotidiano dos operários e de seus familiares, e de como esse padrão de domínio dentro e fora da Fábrica afetava a vida social de uma classe que fez de seu espaço de trabalho um espaço de convívio social total (TUAN, 1977)⁶. Seja na extensa jornada de trabalho, em suas casas, que eram de propriedade da Fábrica Brasil, seja nos momentos de lazer, como nos bailes, no banho de açude e rio ou nas partidas de futebol, é possível verificar a importância e centralidade que o trabalho desempenhava na vida dos indivíduos, das famílias e de toda a comunidade. Segundo Halbwachs (1990), somos capazes de reconstruir lembranças e até mesmo reconhecê-las quando percebemos algo que nos estava esquecido, pois nossas lembranças são sempre coletivas, mesmo quando vividas sozinho. Esse processo de lembrança é sempre fruto do coletivo e está inserido num contexto social preciso, (HALBWACHS, 1990:25). Em algumas entrevistas para este trabalho, o local onde o entrevistado estava inserido, por exemplo, trazia-lhe lembranças esquecidas, que ao serem revisitadas, eram reconstruídas, pois o sujeito da experiência se apoiava em outras lembranças. É assim que este trabalho traz algumas histórias contadas por esses atores para que possamos entender como era a vida da classe operária nos primórdios da formação da cidade de Paracambi.

Além das entrevistas, foi realizada uma pesquisa documental com base em alguns relatórios da antiga Fábrica Brasil Industrial, jornais e periódicos da época contida na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN). Realizou-se, também, consulta ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) e ao Arquivo de Memória Operária de Rio de Janeiro (AMORJ), onde se encontram os primeiros estudos do professor Paulo Fernandes Keller sobre a vila operária de Paracambi, que doou seu material a esta instituição. Ainda do ponto de vista metodológico, a visita de campo completou este estudo, pois permitiu que se conhecesse em detalhes o roteiro e sua viabilidade técnica.

O processo de construção e planejamento de um roteiro cultural nos possibilita pensar em alguns pontos importantes, como a viabilidade entre aquilo que se pretende realizar e o que é

⁵ A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Fonte: CPDOC: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acessado em 15/04/2017.

⁶ Dentro da Geografia Humanística, quem mais se dedicou ao estudo do cotidiano e das relações subjetivas que as pessoas estabelecem com o espaço, foi Yi Fu Tuan em *Espaço e lugar* (1977). Ele diz que um lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também através de uma mente ativa e reflexiva. Tuan, p.35, 1977.

possível ser feito, e as possibilidades de desenvolvimento que permitam a transformação desse espaço em um lugar que aproxime a comunidade local com sua história. Diante disto, algumas questões nortearam sua elaboração, como por exemplo: Será que o espaço está pronto para receber o visitante? O que se quer mostrar? O que se tem para mostrar? Por que mostrar isto? Quem irá mostrar? E como mostrar? Como serão compartilhadas as responsabilidades? Embora não tenha sido possível responder a todos esses questionamentos, eles inspiraram boa parte das reflexões e discussões realizadas neste trabalho.

Foi a partir desses questionamentos surgidos durante esta pesquisa, principalmente enquanto se realizou a visita de campo, que se começou a pensar na viabilidade deste roteiro. Mesmo estando na condição de um projeto, este trabalho poderá contribuir para a difusão da história de Paracambi, bastando o interessado estar munido de um celular ou outra mídia de comunicação com internet.

O roteiro aqui sugerido não quer apenas mostrar monumentos e lugares de belezas estéticas notáveis, mas também mostrar como esses espaços estão significados a partir de inúmeras histórias de vida. Há um patrimônio industrial em Paracambi esquecido e a proposta deste roteiro é mostrar que a história vai além do patrimônio material, com suas histórias, lendas e “causos” desconhecidos principalmente pelos mais jovens.

Sobre as bibliografias consultadas, cujo tema envolvia a cidade de Paracambi, teve destaque o livro “Fábrica & Vila Operária: A vida Cotidiana dos Operários Têxteis em Paracambi/RJ”, de 1997, de autoria do sociólogo Paulo Fernandes Keller. Esse trabalho tornou-se uma fonte muito eficaz para esta pesquisa. Seu livro é uma referência para quem pesquisa a região e tenta compreender as relações do operariado nas fábricas têxteis do final do século XIX até a primeira metade do século XX. Já este trabalho procurará compreender o que houve com a cidade depois da segunda metade desse século e principalmente depois do fechamento da Fábrica. Nesse sentido, a fim de superar a carência de pesquisas acerca do local neste recorte de tempo, a história oral teve um papel de suma importância.

Em seu trabalho, Keller deixa claro seu objetivo de investigar a vida cotidiana do operariado das fábricas têxteis de Paracambi. Fala-se de fábricas, pois o autor também traz relatos de outra fábrica na região, a Maria Cândida, que também possuía uma vila operária e que, assim como a Fábrica Brasil, teve seu apogeu na primeira metade do século XX. Keller menciona o caso de uma fábrica instalada na cidade de Paulista, em Pernambuco. Denominado

“sistema paulista”⁷, segundo estudo de José Sérgio Leite Lopes, assemelha-se em muito ao de Paracambi, pois a fábrica pernambucana foi, por muito tempo, a maior do Brasil e também possuía vila operária e toda rede de assistencialismo oferecida pelos proprietários.

O autor também possui uma coleção iconográfica particular com raríssimas fotos do período de atividades da Fábrica Brasil e da Maria Cândida; são fotos que mostram o cotidiano e a cultura nas fábricas, os espaços de lazer dos operários, a forma de vestir da época, além de aspectos arquitetônicos e geográficos da região. A coleção reúne fotografias recentes e de época, coloridas e em preto e branco, de um período em que ele era graduando em Ciências Sociais e membro do Laboratório de Pesquisa Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LPS/IFCS/UFRJ). As fotos de época são de fotógrafos anônimos e foram doadas pelos ex-operários das antigas fábricas de tecidos durante a pesquisa que resultou em sua dissertação de mestrado defendida em 1996 no IFCS/UFRJ.

Maria Ciavatta, outra importante pesquisadora do trabalho, esteve em Paracambi pela primeira vez em 2003. Na ocasião, a autora veio em visita a um casal de amigos e ex-operários. Ao visitar o antigo galpão, a “turista” deparou-se com um local abandonado, cheio de restos de material de escritório e alguns resquícios de produção fabril como bobinas, carreteis de fios de algodão e algumas máquinas. Seu projeto de pesquisa surge a partir dali, daquele “apagamento da memória do trabalho”⁸ naquela pequena cidade que cresceu com o desenvolvimento da Fábrica. Em um primeiro momento a pesquisadora procura recuperar a “memória apagada” por meio da fotografia e da história oral feita com os ex-operários junto com a transformação da antiga Fábrica em escola. Em seguida os colaboradores Elisa Tavares Duarte e Paulo Fernandes Keller discutem a cidade como fonte de pesquisa e a apropriação da memória respectivamente. Na sequência, Ciavatta foca na formação do cidadão produtivo e emancipado fazendo uma reflexão sobre a formação integrada entre a cultura da escola e a cultura do trabalho. Vale ressaltar que as instituições de ensino hoje instaladas no antigo prédio da Fábrica Brasil são quase todas voltadas para atender as demandas do mercado de trabalho. São cursos técnicos, tecnológicos e de nível superior, além de cursos livres de educação profissional dentro da esfera municipal, estadual e federal.

Por fim, a pesquisa se debruça sobre a memória da educação profissional, com a colaboração de três professores do antigo Centro Federal de Educação Tecnológica de Química

⁷ A expressão caracterizava a forma de dominação estabelecida pelo patronato local e ocupa-se das condições materiais de existência dos trabalhadores e de suas famílias.

⁸ Expressão usada por Maria Ciavatta em seu livro *Memória e Temporalidades do Trabalho e da Educação*, p. 14, 2007.

do Rio de Janeiro (CEFETEQ/RJ), que através da fotografia como fonte histórica constroem um Centro de Memória sobre a formação profissional e técnica nessa unidade de ensino no Rio de Janeiro.

A historiadora Cristiane Silva Furtado (2012), ao defender sua dissertação de mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RJ) com o título “Tecendo as Redes do Paternalismo: Lazer e Identidade entre os trabalhadores da fábrica Paracambi (1874-1918)”, analisa o cotidiano dos trabalhadores através do uso de elementos culturais como: banda de música, festas religiosas, grupo teatral, clube de futebol, o carnaval e faz uma investigação sobre as redes de relação paternalista entre a Companhia Brasil Industrial e seus trabalhadores; trata-se de outra obra acadêmica muito importante para esta pesquisa. Do mesmo modo, ganha relevância para esta pesquisa o trabalho - não acadêmico, mas muito rico em informações - de Clélia e Gilson Natal, um casal de ex-moradores que escrevem um livro sobre a história da cidade. “História de Paracambi: 1800 a 1987” foi o primeiro trabalho literário sobre a cidade de que se tem notícia. Uma das entrevistas que a esta pesquisa teve acesso foi realizada por Keller no início da década de 1990 e gentilmente cedida; trata-se do testemunho de um dos autores do primeiro livro sobre a cidade, a Dona Clélia Natal.

Os dois primeiros livros são referências para esta pesquisa no que tange à história da cidade de Paracambi, pois se, por um lado, em Keller, fala-se das relações de trabalho na Fábrica Têxtil com a classe operária que morava na vila, em Ciavatta, por outro, é a relação de trabalho com educação - nessa mesma Fábrica transformada posteriormente em escola - que interessa. Já os outros dois trabalhos contribuem da seguinte maneira: um importa para o entendimento do funcionalismo das redes de assistências adotadas pela Fábrica; o outro dá suporte ao tratar de diversos pontos na cidade destacados, lugares que remetem à memória operária local e que contribuíram para esta pesquisa na elaboração de um roteiro cultural. Um trabalho de pesquisa acadêmica mais recente intitulado “Paracambi: estudo de caso do processo de reconversão de uma fábrica de tecidos em fábrica do Conhecimento”, de Joanilda Maria dos Santos, complementa esse esforço de compreender melhor, no contexto anunciado em seu próprio título, as relações muito estreitas entre trabalho e educação.

Pollack, em seu trabalho “Memória, esquecimento, silêncio” de 1989, nos mostra de que maneira a *memória* se constrói ao longo dos anos, seja ela individual ou coletiva. Seja no âmbito de cada indivíduo, seja no âmbito de uma coletividade, as experiências de vida (mesmo as silenciadas), diz o autor em linhas gerais, deixam um rastro a ser seguido, se tornam referências

narrativas que podem ajudar a compor a própria história. Isso se deve ao fato de que essa memória (tanto a lembrada quanto a esquecida) gera interpretações plurais até mesmo da história real. Conhecer a história da cidade e todo o seu antigo patrimônio através das falas de seus atores nos permite relacionar essa memória sensível, individual ou coletiva a uma possível construção de identidade local.

José Reginaldo, em seu texto “O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição” de 2015, diz ser o *patrimônio* uma categoria universal de caráter histórico e cultural, atrelado a uma demanda de patrimônio reconhecido que, no sentido das políticas públicas, muda ao longo do tempo. Hoje essa dimensão não se restringe somente em identificar ou produzir a ideia de Estado-Nação, uma ideia de uma identidade nacional, mas uma noção ampliada, apropriada por outros grupos sociais e não apenas pelo Estado; esses grupos hoje buscam novas afirmações e reconhecimentos. Por isso o ato de patrimonializar é um ato de seleção.

Em Paracambi todos conhecem a antiga Fábrica Têxtil, mas nem todos ou quase ninguém reconhece esse espaço como um bem patrimonializado, talvez pela falta de conhecimento de seu tombamento. Para Santos (2017).

O desconhecimento do tombamento e a não preservação da memória fabril da cidade por parte destes atores sociais acarretam consequências para o processo de patrimonialização deste bem cultural. Identificou-se na literatura que o que justifica e caracteriza um processo de patrimonialização é o interesse comum do grupo pelo bem, e que este está ligado ao sentimento de identificação e de continuidade do grupo. O que identifica aquelas edificações é sua origem como fábrica de tecidos, portanto, enquanto as memórias dos ex-operários, não estiverem representadas de alguma forma, o processo de patrimonialização do bem não se concretizará. (SANTOS, 2017:106).

Outro ponto a ser tratado neste trabalho é a questão do patrimônio industrial. O conceito de patrimônio industrial gira em torno da ressignificação e da apropriação do que sobrou da indústria. Após o fechamento das fábricas, os objetos que antes tinham uma função dentro delas passam a ter o valor agregado de patrimônio. Como disse Ferreira (2009).

A noção de patrimônio industrial nos remete a ideia de uma inversão de funções e sentidos: o que antes era um lugar de trabalho se transforma em lugar de memória. A patrimonialização desses espaços confere aos mesmos outros sentidos, deslocando-os daqueles que estão em sua origem. Inseridos em outra ordem, a da memória, e outra estética, a do patrimônio, lugares de trabalho e produção passam, então, a fazer parte de roteiros culturais e de entretenimento. (FERREIRA, 2009:22).

Nada sobrou de maquinários que lembrem o cotidiano da Fábrica Brasil, apenas espaços físicos ocupados hoje por salas de aula e algumas empresas após o processo da reconversão. Iniciativas foram feitas, como reuniões envolvendo profissionais da educação, ex-operários e alguns simpatizantes, no intuito de se construir um centro de memória operária na cidade, mas essa iniciativa não saiu do campo teórico.

Este trabalho desperta o interesse pelo estudo das memórias dos grupos de trabalhadores têxteis dessa Fábrica, cujas engrenagens se confundem com a vida e a dinâmica da cidade. Para isso, é preciso entender que esse grupo social é uma das principais peças da construção da identidade local no processo de formação da população da cidade e principalmente da formação da classe operária, pois pensar tudo isso nos faz querer saber como a Fábrica poderia transformar-se em um espaço de ressignificação da memória.

Já outros lugares que remetem à memória operária, espaços de assistencialismo à classe trabalhadora, como o Clube Cassino e o campo de futebol, também se encontram preservados, embora este último seja restrito aos sócios do clube e o outro administrado pela prefeitura. Nenhum deles, contudo, é considerado um bem patrimonializado. A casa gerencial e a igreja foram outros lugares significativos durante o processo de formação da cidade, principalmente a igreja, com suas festividades religiosas, que ainda hoje, mesmo fechada ao público, remete à memória industrial da região. A banda de música, que já não existe, ficou eternizada no hino do município, um lugar de memória ainda lembrado diariamente nas escolas, nos cerimoniais públicos e no dia do aniversário da cidade.

A vila operária - depois da Fábrica Brasil onde se realizava todo o trabalho operário - se conformava enquanto espaço privilegiado em que se teciam muitas histórias, pois se tratava do lar dos trabalhadores. Hoje, a vila se encontra descaracterizada, com suas diversas intervenções arquitetônicas e urbanísticas impostas pelo poder público e pelos atuais moradores. Sendo assim Gonçalves (2015) diz:

Qualquer objeto material, qualquer espaço, qualquer prática social, qualquer tipo de conhecimento pode ser identificado, celebrado ou contestado como patrimônio por um ou mais grupos sociais, diz (GONÇALVES, 2015: 212).

Um ponto muito importante na fala desse autor que chama a atenção deste trabalho em Paracambi é a questão da identidade, uma categoria intimamente ligada a de patrimônio. Gonçalves se debruça sobre a noção de patrimônio cultural, mas deixa em aberto a de patrimônio industrial. Para ele:

O Estado com suas políticas de patrimônio, ao identificar um grupo, exerce sobre este seu poder. Isso pode ser bom e ruim ao mesmo tempo, pois por um lado, o grupo identificado se firma publicamente, mas por outro o Estado controla esse grupo. Os patrimônios são menos expressões de identidades do que meios de produção de determinadas formas de autoconsciência individual e coletiva. O debate sobre os patrimônios não deve, portanto, do ponto de vista analítico, limitar-se às tarefas de descobrir, defender e preservar “identidades” supostamente dadas. Essa noção deve ser problematizada, sendo necessário também, ao mesmo tempo, discutir a noção de “patrimônio”, como ela emerge na história da modernidade e quais os perfis semânticos que ela veio a assumir. (GONÇALVES, 2015: 213-214).

Contudo, existe uma construção de identidade em Paracambi relacionada ao patrimônio industrial, não apenas no que diz respeito à Fábrica Brasil, mas a toda a rede de assistencialismo e seus desdobramentos sobre o modo de vida da classe trabalhadora. Há uma lembrança muito forte dos tempos das atividades fabris, das personagens que marcaram a Fábrica, da experiência dos amigos, dos encontros, das festas, enfim, uma memória muito viva, lembrada com muita nostalgia, saudades; afinal de contas, as vidas dessas pessoas não passaram somente pela Fábrica, há toda uma rede enorme de sociabilidade em torno daquela estrutura fabril. No entanto, se por um lado esse quadro revela a existência de um terreno fértil para se pensar a questão da identidade ligada ao universo laboral, por outro, é preciso admitir também a existência de um processo de desinteresse, de afastamento, um distanciamento em relação ao papel central que o trabalho na Fábrica desempenhou em Paracambi.

O município em questão, como todas as cidades fabris do Brasil a partir da segunda metade do século XIX, tem na sua vila operária uma característica muito peculiar. As vilas fabris brasileiras tomam como modelo os dormitórios típicos da Revolução Industrial, espécies de alojamentos das antigas fábricas destinados apenas aos seus operários; com o passar do tempo, eles se transformaram em vilas. Essas vilas operárias agora podiam não só acomodar o operário ativo, mas também seus familiares, o que de certa forma legitimava o poder patronal sobre o operariado. Uma vez na fábrica, o operário e toda sua família tinham casa e toda rede de assistência oferecida e garantida pelo patrão. Esse sistema de assistencialismo foi desenvolvido na região por mais de meio século, desde sua implantação até o pós-guerra quando começou a entrar em desuso.

Para José Sérgio Leite Lopes, as fábricas com vila operária formam uma espécie de padrão específico de relações dominantes, são fábricas que subordinam seus trabalhadores para além da esfera da produção. Elas formam uma estrutura de relações sociais de dominação entre o

patronato e a classe operária. O trabalho de Lopes, que estudou o caso de uma fábrica com vila operária em Pernambuco, o já referido “sistema paulista” - uma alusão à cidade de Paulista na Região Metropolitana do Recife - tem muita semelhança com este estudo, pois nos dois casos, as fábricas e suas vilas contribuíram para a formação da cidade.

No decorrer deste trabalho, veremos como a cidade foi surgindo e desenvolvendo-se com o progresso de suas fábricas, mas em especial a Fábrica Brasil. Consideraremos ainda os desdobramentos de seu fechamento⁹, por se tratar do recorte temporal da pesquisa.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro deles, nos ocupamos de uma narrativa geral e histórica da cidade, da região onde ela está inserida e da contextualização de seu processo de industrialização, a partir dos relatórios iniciais da Fábrica Brasil e os primeiros autores que escreveram sobre ela. A intenção é entendermos como Paracambi desenvolveu-se desde a implantação das atividades fabris no último quartel do século XIX e durante a primeira do século XX. São consideradas também algumas redes de assistência ofertadas pelos industriais aos seus operários e como isso influenciou na política e na cultura local.

No segundo capítulo, tratamos do fim das atividades da antiga Fábrica na década de 1990, assim como das questões que envolvem a memória local e o processo de desindustrialização e tombamento do patrimônio industrial. A reconversão do complexo fabril, o potencial turístico da cidade e suas ligações com o turismo cultural nos permitiriam entender como o patrimônio cultural local é visto e quais as perspectivas de desenvolvimento desse tipo de turismo na cidade.

O terceiro capítulo se ocupa da questão do desenvolvimento turístico da cidade, a partir da proposta de um projeto de roteiro cultural, com o intuito de (re)viver memórias esquecidas de uma cidade operária. Este roteiro enumera pontos em Paracambi que relacionam a história do município com as fábricas ali instaladas, mas especificamente a Brasil Industrial.

⁹ A 16 de novembro de 1996 (Keller, p. 107, 1997).

CAPÍTULO 1

PANORAMA HISTÓRICO DE PARACAMBI E REGIÃO

A ocupação do município de Paracambi está diretamente ligada à instalação da estação ferroviária em 1861 com a antiga Estrada de Ferro D. Pedro II, à expansão da Estrada de Ferro Central do Brasil e à instalação da Fábrica de tecidos Cia. Brasil Industrial uma década depois, além de mais duas fábricas têxteis, todas com vilas operárias. Estes marcos contribuíram para a formação urbana da cidade. A região pertencia a dois municípios, Vassouras e Itaguaí. Nesse contexto industrial fluminense, Stein descreve:

A construção de uma rede de estradas de ferro ligando o Rio de Janeiro a São Paulo e Minas Gerais após a década de 1860 contribuiu, finalmente, e de forma decisiva, para o desenvolvimento da supremacia têxtil da Bahia para a região centro-sul do Brasil (STEIN, 1979:38).



Fig. 2 - Regiões do Estado do Rio de Janeiro Fonte: Fundação CIDE, Estado do Rio de Janeiro.

A construção do ramal férreo nessa região contribuiu para o empreendimento fabril, pois este veio a reboque da necessidade de transporte e escoamento da produção cafeeira do Vale do Paraíba. Pelo povoado de Macacos, sobre tropas de muares e passando por meio de uma primitiva estrada, é que descia de Vassouras e Valença toda produção de café da província muito antes da implantação das indústrias têxteis na região. Sobre isso disse Stein:

A Presidente Pedreira¹⁰ cortava o rio Paraíba em Ypiranga¹¹, atravessava o município de Vassouras para descer a Serra do Mar através do afluente Ribeirão dos Macacos; por ela era transportada a produção agrícola de Valença e, mais tarde, de Vassouras, na década de 1850. (STEIN, 1990:136).

Com a chegada da Estrada de Ferro D. Pedro II a Belém em 1858¹², crescem as expectativas de investimentos na região e isso de certa maneira contribuiu para o surgimento das fábricas têxteis em Macacos, pois a distância entre esses dois pontos, Japeri – Paracambi, além de relativamente curto é também plano. Stein mais uma vez aponta para isso.

Quando os trilhos da ferrovia se aproximam da cidade de Belém, situada no sopé das montanhas costeiras, o critério do apoio financeiro provincial à Estrada de Ferro Dom Pedro II tornou-se evidente. No projeto original do traçado através das planícies até Belém haverá estações em pontos de junção com estradas de tráfego pesado. Mas na segunda seção da ferrovia, entre Belém e Barra do Piraí, a Presidente Pedreira podia canalizar sua carga em pontos sucessivos em vagões de carga, à medida que os trilhos subiam as montanhas costeiras seguindo o caminho tanto da ferrovia quanto da estrada principal, ou seja, o caminho do afluente ribeirão dos Macacos. Originalmente uma estrada direta entre Minas e o Porto do Rio de Janeiro, a Presidente Pedreira tornou-se agora uma linha de abastecimento para a ferrovia. Além do mais, quanto mais os trilhos subiam as montanhas costeiras, mas rapidamente o tesouro provincial reduzia os programas de manutenção das partes abandonadas da Presidente Pedreira. Para evitar um trecho pantanoso da estrada, a Pedro II abriu um tronco para Macacos em 1861; imediatamente a província passou a economizar 2:526\$400 por ano, em manutenção. (STEIN, 1990:137).

Após a chegada do trem em Macacos, vieram os empreendimentos fabris e com isso o crescimento populacional, apesar de já haver uma comunidade nas proximidades da região, a de São Pedro e São Paulo, formada no início do século XIX. O local hoje pertence ao município de Seropédica onde está instalada uma unidade militar do Exército Brasileiro. Do antigo povoado resta apenas o cemitério.

¹⁰ Estrada que ligava o antigo povoado de Macacos a Vassouras, hoje é um trecho rodoviário da RJ 127.

¹¹ Distrito do município de Mendes e que antes pertencia a Vassouras.

¹² Natal e Natal, p. 22, 1987.

Uma nova comunidade - incluída a já existente - se desenvolveu em torno da estação ferroviária e formou o atual centro de Paracambi. Esses dois núcleos de temporalidades distintas eram formados por trabalhadores rurais: o mais antigo, oriundo da antiga Fazenda do Ribeirão dos Macacos; o mais novo, formado por grupos recém-chegados, principalmente de Minas Gerais.

Essas terras foram desapropriadas dos jesuítas após sua expulsão do país, em 1759, e anexadas à Fazenda Ribeirão dos Macacos, mais tarde adquirida pelos proprietários da Brasil Industrial. Há um anúncio no *Jornal do Commercio*¹³ falando dessa transação. A região que conhecemos hoje como Paracambi pertencia a dois municípios. A parte que envolvia o atual centro e que se estendia até a estação ferroviária, denominada Macacos, fazia parte do 7º Distrito de Vassouras. A partir do rio até as instalações da Fábrica Brasil pertencia ao 3º Distrito de Itaguaí. Essas terras, no entanto, só se tornaram, de fato, propriedade da Companhia em 1897, segundo 24º Relatório da Companhia desse mesmo ano:

Finalmente depois de cinco anos de protelação, os delegados nomeados pelo Ministério da Fazenda, concluíram a medição e demarcação das terras que pertenciam à fazenda de Santa Cruz e que estavam aforadas a Companhia Brasil¹⁴. Industrial, tendo sido assignada a *escriptura* de remissão de fôros no dia 5 de maio do corrente *anno*, entretanto a companhia daquela data em diante no pleno *goso* de senhoria *directa* de suas terras que são avaliadas em 13.486.250 metros quadrados. (24º RELATÓRIO, 1897).

Com as instalações das indústrias têxteis, mas principalmente a Fábrica Brasil em Paracambi, pessoas de vários lugares, estrangeiros e brasileiros - principalmente os de Minas Gerais - são atraídos pela promessa de trabalho remunerado, um padrão de migração que durou muitos anos durante o século XX. Com isso, o ritmo de trabalho agora era outro, não mais o trabalho do campo, que dependia das condições climáticas, mas o assalariado nas fábricas. Essa oferta de oportunidade que as recém-criadas indústrias têxteis ofereciam trouxe progresso e desenvolvimento econômico à região e fez surgir o que seria mais tarde a cidade.

¹³ http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_06&pasta=ano%20187&pesq=companhia%20brazil%20industrial. Acesso em 30/11/2017.

¹⁴ A grafia com “Z” está presente em todos os documentos pesquisados da época que vai da segunda metade do século XIX até o primeiro quartel do século XX e por isso estão descritos tal qual se encontra nesses documentos, já a grafia com “S” é quando se fala da Fábrica sem relatar documento algum.

Sobre isso, em entrevista realizada em 2010 a Angelissa Silva¹⁵, o ex-operário Leonan Oliveira, que veio do Espírito Santo na década de 1940, diz ter nascido em 1931, chegou a Paracambi com mais 10 integrantes da família e ingressou na fábrica com 14 anos. Foi funcionário da fábrica de 1945 até seu fechamento. Começando como varredor, passou ao cargo de ajudante de mecânico e aos 16 anos já era contramestre¹⁶.

Mas não apenas brasileiros foram atraídos pela oferta de emprego. Estrangeiros também chegaram para trabalhar nas fábricas de tecido. Esta pesquisa teve acesso a três fotocópias de fichas funcionais do início do século passado e que mostram funcionários nascidos em Portugal, mas que devido à má qualidade de imagem, não foram anexados ao corpo deste trabalho. Também não há registros dos primeiros empregados durante as instalações da fábrica no século XIX, pois certamente a documentação foi feita em livros e estes se perderam, mas há ainda fichas funcionais¹⁷ em ótimo estado de conservação.

Para Furtado (2012), o processo de formação de um operário qualificado era demorado. O primeiro relatório da Fábrica de 1874 dizia que a Brasil Industrial chegou a contar com 986 trabalhadores de nacionalidades diversas. O mais interessante disso é que esses empregados estrangeiros ocupavam cargos profissionais e não cargos auxiliares, o que pode demonstrar que os primeiros profissionais da Fábrica Brasil já tinham uma experiência na indústria e foram instrutores de outros operários nos primórdios das atividades fabris. O primeiro relatório da fábrica confirma:

Na montagem do maquinismo tem estado empregados desde o mês passado, 5 mestres mecânicos contratados da Inglaterra unicamente para esse mister, achando-se na fábrica mais 27 operários de ambos os sexos, mestres de fiação e tecelões também contratado na Inglaterra por dois anos. (1º RELATORIO DA FÁBRICA BRASIL. 1874).

Instalada em lugar privilegiado, a Companhia Têxtil Brasil Industrial, (figura 3), contou com duas grandes vantagens: a primeira foi a grande quantidade de água na região e principalmente as elevações montanhosas propiciando à queda d'água que movia o maquinário, Keller (1997). A segunda foi a recém-inaugurada estação férrea, por onde se abastecia e escoava-

¹⁵ Angelissa Silva, professora de História do IFRJ Campus Paracambi, realizou pesquisas sobre a história da Fábrica Brasil a partir de 2009 e em 2012 publica artigo intitulado: Uma fábrica de memórias: a Companhia Têxtil Brasil Industrial e a cidade de Paracambi – RJ.

¹⁶ Assistente de supervisor, encarregado de várias etapas do processo de produção em um mesmo setor de uma fábrica têxtil.

¹⁷ Essas fichas foram doadas por ex-operários e que datam de um período a partir da década de 1940, encontram-se hoje na Coordenação de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro Campus Paracambi (COEX IFRJ CPAR) no qual é coordenado nesse momento por este pesquisador.

se a produção fabril, sendo esta vantagem a mais importante na visão dos acionistas da Fábrica como mostra esse relatório:

Constam esses favores das cláusulas anexas ao referido decreto de 18 de setembro de 1867, sendo que o mais importante entre eles é por sem dúvida o transporte gratuito da Estrada de Ferro D. Pedro II de todo o material que se destine ao estabelecimento fabril da Companhia. Sem ele pode se dizer que a fundação desse estabelecimento na localidade escolhida teria sido impraticável, atendendo-se a descomunal quantidade de material que tem sido transportado, que para a construção do vasto edifício da fábrica, que pertencente ao imenso maquinismo que se faz mister para o trabalho de 400 teares.¹⁸ (1º RELATORIO DA FÁBRICA BRASIL. 1874).



Fig. 3. <http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/31920-fabrica-do-conhecimento.htm>. (Acesso em: 07/10/2017).

Para ajudar no escoamento da produção e chegada de pessoal e matéria prima, foi instalado cerca de um quilômetro de linha férrea ligando a estação de Macacos até o pátio da Fábrica Brasil (KELLER, 1997:30). Esse pequeno trecho era feito por um trem a vapor e, posteriormente, por bondes chamados de Trolley, puxados por burros (Figura 4). O transporte semovente acabou caindo nas graças dos moradores, que o chamavam de “Trole”; algumas lendas giram em torno desse personagem característico dos tempos da Paracambi industrial. Uma delas fala que o entregador de pão do bairro deixava os pães, conforme a encomenda, em pacotes pendurados nas janelas das casas da Avenida dos Operários. Os animais que eram soltos à noite, pois só trabalhavam durante o dia, viviam pastando pela via e quando viam os pacotes de pão nos sacos tratavam logo de comê-los. Conta-se que os moradores tinham que acordar cedo, bem antes de os burros passarem, para não ficar sem o pão do café. Após a instalação do pequeno trecho férreo entre a estação e a Fábrica tem-se o início suas atividades.

¹⁸ Furtado, 2012:19.



Fig. 4 - <http://paracambimelhor.web987.uni5.net/historia/>. (Acesso em: 02/10/2017).

O INÍCIO DAS ATIVIDADES FABRÍIS EM PARACAMBI

A Companhia Têxtil Brasil Industrial teve seus planos de instalação finalizados em 1871, seguindo-se, nos anos seguintes, o seu efetivo desenvolvimento, cronologicamente bem antes da maioria das fábricas de tecidos instaladas no Rio de Janeiro. A segunda fábrica instalada na região, a Tecelagem Santa Luisa, foi inaugurada em 1891. Já os planos para implantação da maioria das indústrias do setor têxtil no país, segundo alguns autores, se deram na década de 1880. Nesse período houve um verdadeiro “surto industrial”, pois são dessa época, no Rio de Janeiro, a Fiação e Tecidos Aliança (1880), a Confiança Industrial (1885), a Fiação e Tecidos Carioca (1886), a Fiação e Tecidos Corcovado (1889), a Fábrica São Cristóvão (1889), a Fábrica Cruzeiro (1891) e a Fábrica Bonfim (1891), como apontam Simonsen (1973) e Oliveira (2006).

Esse “surto” da década de 1880 fez do Rio de Janeiro o primeiro centro industrial do Brasil, do fim do império às primeiras décadas de 1920, a partir do que o Estado de São Paulo passaria a assumir o protagonismo, como Explica Oliveira:

A importância de tal surto para o Rio de Janeiro é tamanha que, das indústrias de fiação e tecidos de algodão do Distrito Federal que participaram da Exposição Nacional de 1908, todas haviam sido fundadas até o ano de 1891. Segundo o censo de 1920, no Distrito Federal, as empresas têxteis fundadas até 1889 representavam 72,9% do capital investido em 1920. (OLIVEIRA, 2006:15-16).

Portanto, o Rio de Janeiro estava na vanguarda política e econômica do país. Capital da colônia, do império e, mais tarde, da república, era dele a principal região produtora de café, o

Vale do Paraíba, que se encontrava em decadência no final do século XIX, o que foi outro ponto positivo para a incipiente indústria têxtil. Outros fatores merecem destaque no processo de instauração e funcionamento das fábricas de tecidos no Estado como a crise do Estado imperial no Brasil. Nesse período ocorre o fim da Guerra Civil Americana e, com isso, voltam a ficar aquecidas exportações ao mercado internacional. Com muito algodão em estoque, o Brasil entrou em crise tendo que oferecer essa *commoditie* a preços muito baixos. De certa forma, isso acabou sendo favorável às indústrias têxteis que começavam a surgir nas últimas décadas do século XIX (Stein, 1979). No ano de 1889, o Brasil já contava com 600 estabelecimentos industriais (Azevedo, 2010).

Keller (1997) destaca, a partir do primeiro relatório, os diretores pioneiros da Fábrica Brasil: o Sr. Joaquim de Lima e Silva Sobrinho; Visconde do Tocantins, que era membro do parlamento; o Senhor Barão de S. Francisco Filho; Joaquim Antônio Fernandes Pinheiro; Evaristo Juliano de Sá; José Correia D'Aguiar; e o comendador João Batista Vianna Drummond - este último, segundo Furtado (2012), amigo de Dom Pedro II. Com isso, pode-se observar possíveis relações entre o Governo Imperial e os diretores da Fábrica Brasil, uma vez que esta teve sua aprovação¹⁹ ainda nesse governo, apesar das polêmicas geradas quanto à ida ou não do Imperador à cidade. Vale destacar, contudo, a confirmação de sua presença à região como relata o jornal O Globo de 05 de abril de 1875²⁰.

(...) foi *ante-hontem* honrada com a augusta presença de S.M. o Imperador, que, partindo de S. Cristóvão às 9h da manhã ali chegou às 11 horas parando o trem junto ao edifício (...). (O GLOBO, 5/4/1875:2).

A presença do monarca na região ainda é descrita por Natal e Natal (1987), apesar do relato não ser condizente com as datas de publicação do jornal.

Poucos são os lugares que podem vangloriar-se de ter recebido S. M. Imperial D. Pedro II e toda a família Imperial. Macacos teve, para júbilo e honra essa vaidade e para maior glória, por três vezes; a 1^a na inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, em 1861; a 2^a em julho de 1880, percorrendo as dependências da Fábrica, examinando as secções de trabalho com grande interesse, ficando satisfeitíssimo com a administração e operariado; a 3^a vez em 31 de novembro de 1885, quando da festa de reinauguração da fábrica que havia sido destruída por incêndio, isto em 21 de dezembro de 1883, às 17 horas. Durante forte tempestade caiu uma faísca elétrica numa das extremidades do prédio e percorrendo as máquinas foi queimando todo o algodão em processo,

¹⁹ A 6 de setembro de 1871 pelo decreto n. 4.786 (KELLER, p. 30, 1997).

²⁰ <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital> (Acesso em: 01/05/2018).

tomando conta em um momento de todo o edifício. (NATAL e NATAL, 1987:38).

Com o funcionamento total da Fábrica Brasil, começam as transformações na região, principalmente na vida pessoal de quem trabalhou nela, ainda que formas antigas de administração tenham sido adotadas. Sobre o novo empreendimento, diz Furtado:

A Companhia Brasil Industrial foi idealizada e construída por empresários que faziam parte de uma elite imperial ligada aos negócios do café. Esse novo empreendimento reivindicou novas formas de relação de trabalho, que foram moldadas, contudo, a partir de velhas práticas de dominação senhorial. Cristiane Maria Magalhães²¹, ao analisar a fábrica de tecidos Companhia União Itabirana, ressalta a ambivalência dessa nova realidade industrial, que interligava um conjunto de práticas notadamente patriarcais a um modelo de produção “moderno”. Conforme a autora, a relação entre empresários e trabalhadores foi se moldando no cotidiano, na própria experiência do contexto fabril. (FURTADO, 2012:22).

Esses empreendimentos estão relacionados à lógica da cidade-empresa visto que, segundo Barros, Santos & Silva (2012), a construção de uma cidade-empresa está diretamente associada à lógica da sociedade industrial, em que a organização social ao redor da empresa é resultado das condições objetivas construídas para permitir a eficiência econômica. A esse respeito, Sjoberg (1965), Singer (1971) e Simões (2007) concordam que o surgimento das cidades está intimamente ligado a duas pré-condições: a existência de excedente econômico que pode ser acumulado e o surgimento de estrutura de classes que determina quem administrará e/ou quem se apropriará desse excedente. Desse modo, a evolução da cidade depende do desenvolvimento econômico e da estrutura de classe que se formam. Em Paracambi, Souza (2011) afirma que o crescimento urbano atraiu muitas pessoas que não conseguiram adquirir casas da vila operária, gerando, com isso, o início de uma ocupação desordenada.

Apesar de este trabalho tratar apenas da antiga Fábrica Brasil, seu patrimônio e as relações com a cidade de Paracambi, vale ressaltar que as outras duas fábricas têxteis, também com vila operária, contribuíram para o aumento do povoado na região. A Cia. Tecelagem Santa Luisa foi instalada em 1891, mas suas atividades duraram pouco tempo até que a Sociedade Anônima S.A Fábrica de Tecidos Maria Cândida adquiriu seus bens e instalou-se no mesmo local em 1924 ficando em atividade por todo o século XX.

²¹ Estudou as relações culturais de patrões e empregados em: A paisagem fabril-têxtil no município de Itabira: uma experiência industrial no espaço rural. In: BORGES, Maria Elisa Linhares (org). Campo e Cidade na Modernidade Brasileira: literatura, vilas operárias, cultura alimentar, futebol, correspondência privada e cultura visual. Belo Horizonte: Argumentum, 2008:221.

A FÁBRICA BRASIL E A CIDADE NO DECORRER DO SÉCULO XX

Não há registros iconográficos sobre a construção e inauguração da Fábrica Brasil, mas segundo o INEPAC, o projeto do edifício central da Companhia Têxtil Brasil-Industrial foi concluído no ano de 1871, coordenado pelo engenheiro da Estrada de Ferro D. Pedro II William S. Ellison (Keller, 1997; Rocha, 2006). O 1º Relatório da Fábrica, de 1874, descreve o edifício assim:

(...) para *ella* o competente edifício, com 500 pés²² de comprimento sobre 50 de largura, com 3 andares, além das lojas, com alicerces de pedra, e grossas paredes de pedra rústica até o vigamento do 1º andar, e com paredes de tijolos *d'ahi* para cima. (1º RELATÓRIO DA FÁBRICA BRASIL INDUSTRIAL, 1874:5).

Não foram encontrados registros de que os tijolos que compõe o grande edifício fabril tivessem vindo do exterior; parte dos tijolos utilizados nessa obra tem a mesma procedência de outros encontrados em construções da região Sul Fluminense como no caso do Engenho de Bracuhy em Angra dos Reis, que se utiliza de uma cruz de malta ladeada da palavra “Rio de Janeiro” (figura 5). Já outros foram feitos talvez no próprio local “Macacos”, (figura 6), denominação primeira do território de Paracambi (Rocha, 2006). Na Fábrica Brasil é possível ver diversos tijolos que formam as paredes do edifício com as marcas citadas grafadas em encavo.



Fig. 5 e 6 . Tijolos da Fábrica Brasil com os nomes do antigo fabricante e do antigo povoado. Fotos do autor 2017.

A Companhia Brasil Industrial tinha um capital de 1.000:000\$000 contos de reis e operava com 400 teares, mais de 20.000 fusos²³ e empregava 400 operários. Foi considerada a principal indústria têxtil do Brasil até o final do século XIX (Keller, 1997; SUZIGAN, 2000). Possuía ainda vários terrenos, dezenas de casas de vila, um clube para festas, um campo de futebol, escola para aprendizes, armazém de víveres alimentícios, farmácia, cemitério, casas gerenciais e

²² Medidas equivalentes a quase 122 metros de comprimento e pouco mais de 15 metros de largura.

²³ Utensílio cilíndrico feito de madeira, utilizado para fiação e torção de fibras como lã, linho, cânhamo e algodão em fio.

uma capela que, somados, compunham uma parte significativa do patrimônio industrial da antiga Fábrica ao longo de sua atuação na cidade.

Vale ressaltar que a vila operária não foi a gênese habitacional de Paracambi, como dito anteriormente. Havia na região os povoados de Macacos que habitavam o entorno da estação ferroviária e, ainda mais antiga, o povoado de São Pedro e São Paulo, que depois das instalações da Fábrica Brasil, migrou para suas proximidades. Como a região antes da Fábrica era ocupada pela Fazenda Macacos, na aquisição da propriedade foram inclusos alguns estabelecimentos residenciais que segundo Keller (1997) serviram à Companhia antes da construção da vila em 1880. Em número de 12, segundo esse autor, eram construções muito rústicas formadas de pedra e cal e da técnica arquitetônica do pau a pique. Havia também no subsolo da Fábrica, na parte formada de pedras onde ficam os armazéns junto à olaria e à ferraria, uma senzala, local de residência dos escravos da antiga fazenda e que trabalharam na construção do complexo fabril.

A nova classe operária era formada por ex-escravos oriundos das decadentes fazendas de café do Vale do Paraíba, libertos com o fim do regime em 1888. Segundo o 1º Relatório da Fábrica, na sua página de número 6, dos 400 teares, a metade estava em funcionamento desde o início das atividades fabris, em meados de 1874; faltava, contudo, mão de obra especializada. Stein comenta isso:

A escassez de trabalhadores especializados complicava a construção das fábricas têxteis de algodão no século XIX. Daí o medo dos diretores da Brasil Industrial de dispensar, temporariamente, a turma da construção. A economia baseada no plantation escravista dificultava o recrutamento de um contingente de trabalhadores livre e especializados para trabalhar em empreendimentos industriais. Por isso os empresários têxteis empregavam simultaneamente, o trabalho escravo e livre. (STEIN, 1979:49).

Frente a esse problema de falta de mão-de-obra especializada, os dirigentes da Fábrica Brasil tiveram que adotar algumas estratégias. Uma delas foi contratar gente de fora com experiência em indústria e a outra, preparar a mão de obra na própria Fábrica. É daí que surge o Corpo de Aprendizes. O 48º Relatório dá detalhes a esse respeito:

Era esse pessoal composto de mestres e alguns operários contratados da Inglaterra, nacionais que estavam aprendendo e meninos do Corpo de Aprendizes, pois assim se chamava um grupo de menores que eram mantidos pela companhia em edifício especial, com regime colegial, frequentando de dia a fábrica e de noite aulas de instrução elementar. (48º RELATÓRIO DA FÁBRICA, 1871/1921:6).

Através da fala de Dona Francisca, uma ex-operária²⁴ podemos ter uma noção do trabalho numa fábrica de tecido dessa época:

Eu comecei na Fábrica Brasil Industrial em 1918, na época *tavam* pedindo operários para fiação, com 10, com 11, com 12, de 14 *pra* baixo, muitas crianças. A gente trabalhava em regime alternado, uma turma na fábrica e outra em aula, no dia seguinte, a que *tava* na aula ia *pra* fábrica e a da fábrica ia *pra* aula, então era 15 de trabalho e 15 em aula. Não tinha lei, trabalhava de segunda a domingo e de domingo à segunda (...). A gente trabalhava de 6 às 10 e de 11 às 3 (15h), as crianças, esse era o horário da primeira turma e depois a outra, Os operários era de 6 às 9 e meia (21:30) parando *pra* almoço 10h, lanche 3 e 15 (15:15) e 4 e meia (16:30) a janta, 5 e meia (17:30) entrava o segundo turno. Tinha uns 4000 operários trabalhando na Fábrica (...). O salário era pequeno, mas se vivia, não tinha direito nenhum *pra* gente, não tinha aposentadoria, era o que se ganhava no mês e mais nada, se ficasse doente não recebia se morresse um ajudava o outro a fazer o enterro, era assim meu filho (...) (DONA FRANCISCA DA SILVA, 14/11/1992).

Como se pode ver na fala da ex-operária, a vida dos trabalhadores em uma fábrica têxtil no início do século XX não era fácil. Ela não dá detalhes se os operários usavam algum equipamento de segurança, mas em entrevista realizada junto a outro ex-operário, este conta que constantemente havia pessoas sofrendo amputações de membros ou outros ferimentos graves enquanto manuseavam as máquinas.

A escola a que Dona Francisca se refere na entrevista é a chamada Escola Noturna²⁵. Ela se recorda que nesse mesmo ano, 1918, ocorreu uma grande greve na Baixada Fluminense. Ela era ainda muito jovem, aprendia mais pelo que seus pais lhe contavam do que pelo que ela mesma ouvia. Foi justo neste ano que se tentou criar a União Operária, uma espécie de célula de sindicato, mas eles, os delegados da tal união, segundo ela, não explicavam direito o porquê de os operários terem que fazer greve; sabia-se, no entanto, que era para melhorar o salário, diminuir a extensa carga horária etc. “Eles ensinavam a gente meter o pau, ensinavam nós a bater, é o que eu me lembro”, disse Dona Francisca. Em outro trecho, ela mesma acrescenta:

A greve durou 90 dias, era criança, mas entendia algo, muitos se iludiram, mas *pra* superar os dias sem receber, muitos estavam indo fazer bicos na Esplanada dos Ministérios do Castelo, *tavam* fazendo uma grande esplanada lá, disso eu me lembro (...). Aí as pessoas que *tavam* indo lá *pra* baixo *tinha* que descer em Japeri do trem e *vim* a pé até aqui, porque se eles vissem, batiam neles (...). Mas a greve surtiu efeito sim, a

²⁴ Dona Francisca, em entrevista a Keller em 14/11/1992, cedida a este trabalho em agosto de 2016.

²⁵ A Escola Noturna consta no 48º Relatório da Cia. Brasil Industrial, p. 6, de 1871/1921 e Keller (1997). Comenta-se que essa escola surgiu quando o Corpo de Aprendizes, criado em 1881, foi dissolvido 10 anos depois de ter regularizado um número suficiente de operários para o trabalho na fábrica, que funcionava com a metade da capacidade operacional.

redução da carga horária foi negociada e o trabalho aos domingos foi extinto, a Fábrica funcionava nesse dia, mas na forma de cerão. O trabalho fichado só aconteceria mais tarde no governo de Getúlio Vargas. (DONA FRANCISCA DA SILVA, 14/11/1992).

Durante as primeiras décadas do século XX, na Fábrica Brasil, os trabalhadores viviam com seus familiares presos ao regime patronal, sujeitando-se a todo tipo de regra, vivendo à custa da rede de assistencialismo oferecida pela Fábrica como o armazém²⁶, espécie de cooperativa operária destinada aos trabalhadores que precisassem de algum mantimento ou qualquer outro gênero alimentício. Quando fosse preciso retirar algo nesse estabelecimento, o valor do bem adquirido era descontado do salário do operário no mês posterior. Há relatos de trabalhadores que nem recebiam salário no mês por conta do volume de suprimentos retirados, pois entre esses suprimentos estavam o leite, a carne e o remédio, tudo oferecido pela Fábrica. Todavia nenhum operário estava obrigado a comprar, mas pela facilidade do comprar “fiado” e falta de opções, a esmagadora maioria da classe operária acabava comprando.

Vários surtos de epidemias ocorreram no início do século passado: em 1913, uma de Varíola e em 1918, uma de Gripe Espanhola. Esta última paralisou as atividades na Fábrica Brasil por 17 dias, quando 1250 operários foram afetados, dos quais 22 vieram a óbito, (NATAL e NATAL, 1987:40). Outro morador e ex-operário conta que nessa época desmatou-se muito na região para dar lugar ao plantio de mudas de eucalipto, pois se acreditava que essa árvore purificava o ar então contaminado e também suas madeiras serviam para alimentar as caldeiras da Fábrica.

De sua implantação na região nos fins do século XIX até meados da década de 1950, a Fábrica Brasil passou por dezenas de administrações, sendo a gestão do grupo Othon a mais pronunciada pelos entrevistados, uma vez que os ex-funcionários ainda vivos trabalharam a partir daquela década nessa nova administração. Outra curiosidade apresentada por esses trabalhadores é que todos moraram na vila operária e tiveram algum grau de parentesco com alguém que trabalhou na Fábrica ainda na primeira metade do século XX. Era muito grande a dependência de trabalho, pelo menos em Paracambi, no setor têxtil. Entrevistados relataram que “ninguém saía para procurar emprego fora, aqui tinha emprego”. Por isso era muito comum vários membros de uma mesma família, morando na mesma casa, trabalharem nas fábricas de tecido da região.

²⁶ Criado em 1882, mas reaberto após o incêndio da Fábrica Brasil de 1883. Fechou suas portas em 1919. Segundo Keller (1997), o armazém foi reaberto em gestões posteriores como mostram algumas entrevistas de outros ex-operários.

A indústria têxtil no Brasil vinha se desenvolvendo bem durante o século XIX, principalmente no Nordeste. A partir da segunda metade desse século e no início do seguinte, contudo, as fábricas passam a se concentrar na região centro-sul, principalmente no Rio de Janeiro, cujo crescimento demonstrava a importância econômica e política da região. É bom ressaltar que a recém-criada linha férrea contribuiu para a expansão e desenvolvimento nessa região ligando aquele Estado aos de Minas Gerais e São Paulo. A partir da década de 1950²⁷ a economia brasileira é marcada pelo Plano Nacional de Desenvolvimento do Presidente Juscelino Kubitschek e o setor têxtil passa por algumas adaptações.

Segundo Coan e Kon (2009), na década de 1950 o setor têxtil no Brasil era responsável por 25% da força de trabalho da indústria e em torno de 20% do valor da produção nacional. A partir da década seguinte esses índices vão caindo cada vez mais e tem início uma forte recessão no setor. Fujita & Jorente (2015) falam sobre um dos fatores que contribuíram para esse declínio, a entrada dos tecidos sintéticos:

Ao longo da década de 1970 houve a entrada de investidores estrangeiros que priorizavam a produção de fibras e filamentos artificiais e sintéticos para responder pela demanda do setor do vestuário por tecidos de tergal e lycra. (FUJITA E JORENTE, 2015:163).

A partir de então, e principalmente de 1990, a indústria nacional estagnou tecnologicamente, quando passaram a vigorar políticas econômicas de liberação comercial e a exposição internacional, a partir do que, repentinamente, teve início uma severa concorrência por parte da poderosa indústria têxtil internacional, o que levou à falência muitas fábricas têxteis no país, inclusive a Fábrica Brasil Industrial.

AS REDES DE ASSISTÊNCIA

Nesta parte, o trabalho procurará identificar as redes de assistências oferecidas pelos industriais desde a implantação das atividades fabris na cidade, procurando entender de que forma elas contribuíram para o desenvolvimento cultural e político da região. Esse movimento de identificação das principais redes de assistência se presta a conhecer o patrimônio industrial local.

²⁷ Neste período, o produto têxtil nacional ganha espaço nas ruas, nos desfiles, nas campanhas publicitárias. Revistas e jornais veiculam “modelos” que acabam por influenciar o modo do vestir que, por sua vez, passa a definir escolhas estéticas de diversos segmentos sociais. A visibilidade urbana torna-se fator determinante no vestir, obrigando as indústrias têxteis a observar a moda de rua (Ronaldo Salvador Vasques em: A Indústria Têxtil Formadora de Conceitos e Moda Brasileira Nos Anos 1960. Acesso: DOI:10.4025/5cih.pphuem.0911 em 12/05/2018).

Dos inúmeros espaços de convívios praticados em Paracambi, podemos observar que depois da Fábrica Brasil, a vila operária foi um dos principais. Primeiro por seu caráter de necessidade básica, a moradia, segundo porque ela estava atrelada a outras formas de assistências que os industriais ofereciam. O próprio emprego na Fábrica estava ligado à vila, porque se poderia até trabalhar na Fábrica sem morar na vila, mas não o contrário. Essa forma de assistência lembra os aparatos institucionais que Leite Lopes descreveu em suas pesquisas no Estado de Pernambuco. Lá, tomou-se como modelo os dormitórios da Revolução Industrial, espécies de alojamentos das antigas fábricas inglesas destinados apenas aos seus operários que com o passar do tempo transformaram-se em vilas. Essas vilas operárias agora podiam não apenas acomodar o operário ativo, mas também seus familiares, o que de certa forma legitimava o poder patronal sobre o operariado.

Uma vez na fábrica, o operário e toda sua família tinham casa e toda a rede de assistência oferecida e garantida pelo patrão. Esse sistema de assistencialismo foi desenvolvido por muitos anos, até o sistema entrar em desuso no final da década de 1960, não apenas na região, mas em todo o país. Praticamente todas as grandes indústrias instaladas no Brasil nos fins do século XIX e nas primeiras décadas do século seguinte dispunham desse sistema, visto que era uma das melhores formas de segurar o trabalhador na empresa, dando-lhe uma ideia falsa de que aquilo de que ele está usufruindo lhe pertence.

Em Pernambuco, por exemplo, o “sistema paulista” estudado por Leite Lopes (1988) na cidade de Paulista, Região Metropolitana do Recife, tal estratégia foi uma forma de relação trabalhista caracterizada pela dominação patronal instaurada por meio do aliciamento, uma espécie de recrutamento feito por agentes da companhia, que alistavam grupos de trabalhadores não apenas na região onde ficava a fábrica, mas no interior e até mesmo em outros estados. Esses trabalhadores eram preparados com instruções específicas antes mesmo de ingressarem nas atividades fabris.

O “sistema paulista” também se caracterizava pela forma de fábrica com vila operária, um tipo de administração exercida pelos industriais que ultrapassava os limites da vida do operário, que se sujeitava não somente ao emprego e à moradia, mas a outras condições materiais de existência. O roçado e a lenha oferecidos aos operários, para Leite Lopes, incorporam-se nas condições subsidiárias à moradia permitindo com isso que se plantasse, se colhesse e se consumisse através das feiras administradas pelos patrões. Além disso, havia outros aparatos

como a capela, o clube, o armazém, o armarinho, a farmácia, entre outros, que legitimavam o poder dos industriais. Para o pesquisador:

A sistematização das peculiaridades desta fábrica têxtil pode assim fazer desta situação um “caso-limite” servindo para iluminar aspectos importantes deste padrão específico de relações de dominação das fábricas com vila operária, ou das fábricas que subordinam diretamente os seus trabalhadores para além da esfera da produção. (LEITE LOPES, 1988:16).

Há algumas semelhanças entre o “sistema paulista” e este estudo, apesar da companhia fluminense ser pelo menos duas décadas mais velha que a pernambucana; nos dois casos, a Fábrica e sua vila contribuíram para a formação da cidade e a maioria dos aparatos usados em Paulista foram usados em Paracambi.

Aparentemente as vilas operárias não oneravam os industriais, pelo contrário, podiam gerar lucros. Uma vez empregado, o operário sempre seria o locatário do imóvel e com isso o aluguel era sempre descontado de seu ordenado, o que dificilmente originava a inadimplência. Durante a pesquisa de Leite Lopes, não ficou constatado que se cobrava aluguel pela permanência nas casas da vila operária de Paracambi; o autor tece esse comentário usando a expressão aluguel como metáfora do trabalho operário. O desconto a que se refere é o próprio emprego do trabalhador, pois sem trabalho não tem casa.

O controle sobre a vila operária por parte do patronato era, portanto, tão rigoroso que pode ser visto nesse depoimento de um ex-operário²⁸:

Era tão severa a Avenida dos Operários: o gerente era tão exigente que se algum operário ficasse debruçado na janela de casa sem camisa, mandava chamar na fábrica, (SILVA, 2010:14).

A Avenida dos Operários era o caminho de entrada da Fábrica Brasil, não se chagava a ela sem passar por aquela avenida. A vila operária ladeava essa via por onde passava o Trolley cujos vestígios o asfalto encobriu. Havia ronda noturna e toque de recolher às 22h; quem desrespeitasse essa e outras normas, muitas vezes era reprimido. O Trolley servia de transporte, principalmente aos diretores. Se algum deles, ao transitar pela via visse qualquer irregularidade quanto à conduta de algum residente da vila, eles mandavam parar o bonde, desciam e chamavam a atenção do morador ali mesmo na porta de casa. Um ex-operário conta a Keller em entrevista de 1992:

²⁸ Octacílio Lima entrevistado por Angelissa Silva no ano de 2010.

Se você tivesse um rádio ou um aparelho eletrônico qualquer principalmente rádio, aparelho de difusão você não era assim bem visto, porque era sinal de que você estava *panhando* informações, você estava sendo informado. (KELLER, 1997:51).

O controle e o domínio dos operários atravessavam os limites de sua vida privada, o medo gerado nesse tipo de ação legitimava ainda mais o poder patronal, o dono de tudo. Perder a casa significava perder o emprego na Fábrica; empregar-se nela implicava na possibilidade de morar na vila, mas sob todas as normas estabelecidas pelo patronato. A vila operária foi sem dúvida uma grande estratégia dos patrões para segurar seus empregados no trabalho, uma ação dissimulada da exploração e autoridade paternalista, pois nos relatos, podemos ver que o próprio gerente fazia questão de acompanhar de perto a vida de seus operários. O contato face a face, patrão/trabalhador, legitimava essa ação paternalista que irá se repetir em outras ações como na religião.

A igreja, de certa maneira, funcionava como lazer aos operários e moradores da antiga Paracambi, pois estava associada à religiosidade católica. A festa da padroeira da Fábrica Brasil sempre foi um marco do entretenimento na região. A religião, portanto, também foi utilizada pelos industriais como forma de assistência ao operariado local.

Os católicos da Fábrica unidos e com a ajuda de antigos diretores, a 06 de maio de 1880, constroem sua ermida. A construção durou seis meses começando no ano anterior a do lançamento da pedra fundamental, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. (48º RELATÓRIO DA FÁBRICA, 1871/1921:7).

A ermida erguida em terreno doado pelos diretores da Fábrica Brasil fica no topo de uma colina, que fora planejada para a construção e localiza-se em frente ao casarão que servia de residência para os antigos diretores e estrategicamente funcionava como um posto de observação, pois do local via-se toda a Fábrica e o caminho de acesso a ela.

Antes de se iniciar a subida dessa colina que dá acesso à igreja e ao casarão, tem-se acesso à antiga Fábrica numa caminhada de pouco mais de 300 metros. A capela da Fábrica, como era chamada pelos operários e ainda o é, não tinha pároco fixo no início; os primeiros vinham de Mendes e Vassouras, cidades ao norte de Paracambi, distantes 18 e 42 Km respectivamente.

Um período marcante da Fábrica Brasil Industrial e conseqüentemente para seu operariado o que compreendeu a gestão do Diretor-Presidente Dominique Lével, que vai de 1889

até sua morte em 1917. Nesse período, os operários trabalhavam de segunda a domingo e de domingo a segunda como já foi mostrado aqui. A jornada de trabalho era muito extensa, pois a vida do operariado da época não tinha respaldo em lei alguma, eram somente as leis patronais. A jornada diária chegava à 14h; descontados os intervalos de almoço, os trabalhadores permaneciam 12h em atividade; aos domingos, a carga horária era de 9h, com 1h de almoço, o que totalizava 10h de permanência na Fábrica. KELLER (1997) apresenta em sua pesquisa outra fala de Dona Francisca na qual ela trata do período em que não havia tempo para o lazer.

No fim ano a Fábrica parava uma semana para balanço, era justamente quando eles diziam que eram as férias da gente. (...) Aí eles diziam que gozou férias (...) justamente no papel eles diziam que gozou férias naquela época. Mas era uma semana e eles pagavam as férias tudo em dia, se você não tivesse nenhuma falta. Se tivesse falta descontava o dia, entendeu? Ah era tudo à moda deles, mas era um serviço gostoso e todo mundo concordava, porque todo mundo vivia ali em paz. Era um cantinho onde todo mundo vivia, assim, em família. (DONA FRANCISCA DA SILVA, 14/11/1992).

Em algumas entrevistas de ex-operários, pode ser visto que isso começou a mudar. Depois que o Sr. Lével morreu, houve uma greve geral dos têxteis em 1918, ficando a Fábrica Brasil parada por algumas semanas. Antes dela, um grupo de religiosos crentes recusaram-se a trabalhar aos domingos alegando ser este o dia do Senhor (Keller, 2006). A referida greve geral interrompeu por alguns anos as festividades religiosas, que já eram consideradas uma tradição na região. Esse simbolismo religioso marcou a vida desses operários, que se uniram com muito esforço e conseguiram resgatar essa tradição na cidade. Uma ex-operária²⁹ em entrevista a KELLER (1997: 77) relata:

Já tinha passado esse tempo de greve, as coisas já *tava* tudo mudado, entendeu, já *tava* mudado, a diretoria (da fábrica) não se envolvia mais, teve um tempo, passou um, dois anos, três anos sem festa, depois o saudoso seu Alberto Cardoso, falou gente vamos fazer uma *pra* Nossa Senhora, não é possível, é tantos operários, a gente protegido aqui por Nossa Senhora (...) foi aí que começou o pessoal a se animar outra vez e fazer as festas (...).

As festividades para a padroeira Nossa Senhora da Conceição eram comemoradas sempre no dia 8 de dezembro; era o momento mais aguardado do ano e nesse mesmo mês havia uma semana em que as máquinas paravam de funcionar para balanço; era o maior momento de lazer

²⁹ Não foram encontrados registros de data da entrevista, tampouco o nome da entrevistada.

do operariado da época. O Sr. Afonso Ferreira³⁰ conta alguns detalhes, inclusive sobre a vida do Sr. Lével:

(...) a Fábrica contratava especialista em shows pirotécnicos, o show acontecia logo na entrada da subida da capela onde era colocada uma miniatura da fábrica e a imagem de Nossa Senhora cercada de flores, próximo ao cassino. Tinha projeção da Paixão de Cristo numa tela onde tinha um rapaz que rodava com a mão. Primeiro tinha a alvorada né, tinha reza, missa campal, uma semana antes, tinha baile no dia da festa e antes também (...), tudo muito organizado né, tinha as pessoas, que organizavam tudinho, minha mãe era uma delas, tinha leilão nos coretos e a procissão. (...) Coronel Lével era quem organizava tudo, ele era muito querido, ninguém chamava ele de Dominique Lével não, era seu Lével, Coronel Lével, era quase um DEUS (...). Disse sua mãe a ele. (AFONSO FERREIRA, 22/08/1995).

Pela narração do Sr. Afonso, durante a gestão do Sr. Lével, os operários sentiam-se muito motivados, pois não só ele participava das festividades como toda sua família e as famílias dos outros diretores e gerentes. Tanto na missa, quanto na procissão e no baile, operários e diretores conviviam no mesmo espaço, vejamos:

Nas vésperas da festa seu Lével mandava dá cortes de tecidos aos operários para fazerem suas roupas, lanche para as crianças, parquinho, tudo por conta dele, ninguém pagava nada, ele só cobrava uma prenda de cada um sabe, porque ele dizia que cada operário tinha que fazer um voto à Nossa Senhora, aí todo mundo levava uma prenda *pra* ser leiloado no coreto. Era uma galinha, um pato, um porco, o que cada um podia dá (...). Era muito bom, não tinha nada em Paracambi né, Paracambi nem existia, pertencia ou a Vassouras ou a Itaguaí. Aqui onde tem a Fábrica, o cassino, tudo, era de Itaguaí, só tinha um fiscal de Itaguaí aqui, o resto era tudo da Fábrica sabe, a farmácia era da Fábrica e ficava dentro da Fábrica, o médico ficava aqui dentro da Fábrica, o cartório era dentro da Fábrica (...). Nas festas era muita diversão, a festa no domingo começa 10h da manhã e ia até 2, 3h da madrugada com o baile no cassino, aí no dia seguinte, na segunda ninguém trabalhava sabe, mas todo mundo ganhava, no tempo dele era assim (...) Depois da procissão tinha a banda tocando no coreto em frente a Fábrica *pra* os operários dançarem e os diretores com suas famílias também, todos dançavam, tinha muito respeito. Quando a banda parava tinha o leilão, depois todos iam *pro* baile no cassino, quem não podia ia embora porque a vila era ali mesmo. (AFONSO FERREIRA, 22/08/1995).

Assim, a religião também era um meio de que o patronato fabril se utilizava para exercer suas ações paternalistas, promovendo festas e se envolvendo com outros atos religiosos. Nos

³⁰ Ex-operário, era flautista da banda de música da antiga Fábrica Brasil e filho de ex-operária, esta trabalhou no início do século XX. Seu pai era escrivão na fábrica no mesmo período. Nessa entrevista realizada em 22/08/1995 pelo sociólogo Paulo F. Keller e gentilmente cedida a mim em setembro de 2016, o Sr. Afonso narra que sua mãe lhe contava histórias sobre a fábrica na época em que trabalhou.

relatos nostálgicos dos ex-operários, carregados de boas lembranças, emerge a imagem de um tempo em que os trabalhadores, apesar das dificuldades vividas, conseguiam com essas festas ter um pouco de lazer.

As festividades religiosas (figura 7) formavam lugares de memória cheios de simbolismos, muitos deles comemorados na forma de feriados regionais e nacionais como São Pedro e São Paulo para a cidade e Nossa Senhora da Conceição somente para a Fábrica Brasil. Até a própria figura do diretor Dominique Lével, que esteve à frente da companhia de 1889 a 1917, um símbolo do paternalismo industrial, transformou-se num marco desse simbolismo, pois seu nome consta em um importante logradouro da cidade.



Fig. 7- Procissão de N. S. da Conceição por volta de 1910 na estrada de acesso à Fábrica Brasil. Notar linha férrea por onde passava o Trolley. Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid> (Acesso em: 1/10217).

Com a aquisição do patrimônio industrial pelo poder público no início da década de 2000, todos os bens de caráter sacro pertencente à capela foram vendidos, mesmo estando ela na condição de tombamento provisório pelo INEPAC sob o nº: E-18/300.031/84 desde 1985.

Completamente esvaziada, como contou um morador a esta pesquisa, a capela é praticamente desconhecida da população mais nova, pois o povo paracambiense não tem mais acesso. Hoje a antiga capela continua de pé, mas não mais com sua função primária. Ela não é aberta à visitação e os interessados sequer podem se aproximar do edifício que está dentro de uma propriedade particular. Da capela, saíam as procissões em homenagem à padroeira. Nela também se organizavam outras atividades religiosas que aconteciam semanalmente como casamentos, batizados e catecismos. Os esses cortejos seguiam em direção à fábrica, mas finalizavam no Clube Cassino Social, outra forma de assistência que veremos a seguir.

O Cassino Social pertenceu à antiga Fábrica Brasil, que se utilizou desse espaço como forma de assistencialismo adotado pela diretoria. Ele foi fundado em 1894, durante a gestão do

diretor Dominique Lével, que no mesmo ano fundou a banda de música São José, tendo como maestro o Sr. João de Almeida, (NATAL e NATAL, 1987:47). A primitiva construção era formada de madeira e zinco, mas foi substituída por outra mais moderna, mas conservando-se as linhas arquitetônicas originais. O edifício sofreu algumas modificações estruturais ao longo do século XX como a troca da madeira antiga por alvenaria. Essas mudanças ocorreram também no quesito segurança com as novas instalações elétrico-hidráulicas e com a criação de mecanismos de combate a incêndio. O edifício atual encontra-se no mesmo local. Desde sua fundação até os dias de hoje, a vida social de Paracambi passa por esse marco arquitetônico, que tem bem a sua frente a maior praça do município, a Praça Castelo Branco, onde grandes shows artísticos acontecem em datas comemorativas.

Era sem dúvida um lugar de muita alegria e ainda o é. Por exemplo, anualmente, durante o mês de setembro, acontece o encontro de ex-paracambienses; pessoas que não moram mais na cidade se juntam com os que ainda residem e fazem uma grande festa, esta chamada oficialmente de Reencontro, organizada pela Secretaria de Turismo de Paracambi. O evento faz parte do calendário festivo da cidade e acontece no último domingo de setembro.

O Cassino era um espaço de sociabilidade dos operários e pertencia à Fábrica Brasil. Nele aconteciam as festas da padroeira, casamentos, aniversários, festas natalinas, bailes de carnaval e os bailes de domingo. Foi concebido para atender aos anseios da própria Fábrica. Mesmo que seu uso fosse coletivo por parte do operariado, é bom lembrar que os antigos diretores tinham controle sobre esta instituição, pois “era no cassino onde aconteciam as exposições dos produtos fabris”, (KELLER, 1997:92).

Em entrevista dada ao Keller (1997), Dona Clélia, uma moradora da cidade, diz:

(...) a pessoa fazia aniversário, convidava para o aniversário, tinha lá um arrasta pezinho (...). Os casamentos todos tinham baile. Tinha muito casamento. Tinha muita distração para a gente. (DONA CLÉLIA NATAL, 19/11/1992).

Ela diz que no tempo do diretor Dr. Junqueira³¹, havia preconceito no acesso ao cassino:

(...) naquela época o carnaval do cassino era muito organizado, um ambiente bom. Só entrava gente... no cassino não entrava gente de cor. Então tinha o clube Bico do Urubu para as pessoas de cor e mais pobres. Hoje³² não, entra qualquer um, é só pagar o ingresso (...). É, mas havia muito regulamento, não era um carnaval solto. No clube até na entrada se

³¹ Foi diretor da Fábrica Brasil Industrial de 1928 a 1955.

³² Na época da entrevista quando se referia às festas particulares que exigiam entrada.

tivesse com roupa indecente não ia. O dono da fábrica mandava na cidade inteira. Não só nos operários não. Todo mundo. Os comerciantes... Todos. Se o rapaz tirasse você para dançar, mesmo que você não gostasse dele, era obrigada a dançar, porque se você recusasse, você era expulsa do clube. (DONA CLÉLIA NATAL, 19/11/1992).

Sempre aos domingos, o Clube Cassino era o local onde aconteciam as domingueiras³³. Nessa época, a classe operária já havia conseguido alguns benefícios depois da greve de 1918, como a redução da jornada de trabalho e o descanso aos domingos. Só depois de muito tempo, com a Consolidação das Leis do Trabalho³⁴ (CLT), é que vieram outros benefícios, no período em que a Fábrica Brasil esteve sob a gestão do Dr. Junqueira.

O Cassino foi outro patrimônio industrial adquirido pelo poder público, mas diferente da capela, das casas gerenciais e das casas da vila operária, todas negociadas financeiramente com particulares após o fim das atividades da Fábrica Brasil, o Cassino permaneceu como sendo de utilidade pública. Administrado pela Prefeitura de Paracambi, é um lugar que guarda recordações de tempos que só são lembrados coletivamente nos bailes da terceira idade de todos os meses de setembro, quando acontece o referido Reencontro, ou na apreciação do monumento arquitetônico ainda bem conservado.

Símbolo da memória operária local, que antes marcava as ações paternalistas de seus antigos donos e que agia como vitrina do resultado do processo fabril, o Cassino hoje traz para o meio urbano da cidade novas práticas sociais, fundamentadas não mais na produção material, mas em outras ações que dizem respeito a uma nova identidade da sociedade de hoje.

Havia outras formas de assistência nos tempos de atividade da Fábrica Brasil. O armazém da Fábrica que consta no 48º Relatório da Companhia de 1871/1921 foi instituído após incêndio em 1883 com o intuito de socorrer os operários que ficaram furtados de meios de subsistência. A Escola de Aprendizes, como já foi citada, surgiu no intuito de suprir a necessidade da mão de obra qualificada de que se carecia nos primeiros anos de fundação da Companhia. Ela funcionava no mesmo prédio, juntamente com o armazém, a farmácia e o armarinho; este último, por sua vez, oferecia tecidos da Fábrica e outros aviamentos, tudo devidamente descontado do

³³ Eram as festas nesse dia, feitas por moças que faziam chocolate dançante e servidos em todas as mesas de graça.

³⁴ Criada no governo de Getúlio Vargas em 1º/5/1943, publicado no DOU de 9/8/1943 e retificado pelo Decreto-Lei no 6.353, decretado em 20/3/1944 e publicado no DOU de 22/3/1944, e pelo Decreto-Lei no 9.797, decretado em 9/9/1946 e publicado no DOU de 11/9/1946. Seu principal objetivo é a regulamentação das relações individuais e coletivas do trabalho, nela previstas. A CLT é o resultado de 13 anos de trabalho - desde o início do Estado Novo até 1943 - de destacados juristas, que se empenharam em criar uma legislação trabalhista que atendessem à necessidade de proteção do trabalhador, dentro de um contexto de "estado regulamentador".

salário dos funcionários. Com o passar dos anos, esses pontos de distribuição saíram das dependências do complexo fabril e ocuparam novo edifício em frente ao Cassino Social.

A Fábrica também possuía um cemitério, citado no 18º Relatório da Companhia Brasil Industrial de 1891; localizava-se em terreno próprio de onde hoje só resta um morro cercado de casas. O serviço de assistência funeral era gratuito para os operários que morressem durante o serviço na Fábrica. Oferecia-se, ainda, alguma espécie de assistência às famílias do falecido. Mas se alguém falecesse por razões não relacionadas à atividade de trabalho, cabia aos familiares, com a ajuda dos vizinhos, a realização do enterro. Keller fala sobre isso segundo o que descreve o 48º Relatório da Companhia Brasil Industrial de 1871/1921:

A perda de três bons empregados da Fábrica: o apontador José Eden, Antônio Teixeira Guimaraes e Antônio João da Silveira, este turbineiro e aquele cavoqueiro, *victimas* de desastres no exercício de seus empregos. Tendo deixado as famílias em completa pobreza, a Directoria, deliberou suprir às suas famílias os meios de subsistência enquanto a seu juízo merecesse auxilio. (KELLER, 1997:101).

Quando a Escola de Aprendizes atingiu seu objetivo, foi extinta e transformou-se em Escola Noturna, outra forma de assistência voltada para os menores, que trabalhavam com carga horária reduzida e em dias alternados como já mencionado. A Escola Noturna mais tarde transformou-se em uma escola regular também para outros funcionários e funcionava em um prédio no sopé do morro que dá acesso à capela e à casa gerencial. O local foi apropriado pelo poder público, que o utilizou como sede da Guarda Municipal da cidade. Hoje, o prédio encontra-se abandonado e está há alguns metros da Praça Castelo Branco onde aconteciam as apresentações das bandas musicais e em frente ao Clube Cassino, outro patrimônio industrial já referido.

Todo esse assistencialismo foi usado como estratégia de administração patronal tendo início ainda no século XIX e que se consolidou no decorrer da primeira metade do século seguinte. Durante todo esse tempo ou pelo menos até as primeiras duas décadas do século XX, a classe operária viveu sob a condição do medo, da ameaça da perda do emprego, da casa e de toda rede de assistência. Foi assim que tudo se passou durante anos a fio até surgirem as primeiras conquistas com as greves.

O fim da rede de assistências na Fábrica Brasil, assim como em outras localidades, era certo. O país se modernizava, crescia a uma velocidade desproporcional a qualquer tipo de assistência oferecida por qualquer empresa, os meios de comunicação chegavam às casas, o

trabalhador se politizou e já não era mais o mesmo do início do século, agora já brigava ou estava aprendendo a brigar pelos seus direitos, por melhores condições de vida.

O Clube de futebol, essa instituição de lazer destacada nesta pesquisa dos tempos fabris em Paracambi, surge não como um meio terapêutico de manutenção da saúde, pois se assim o fosse, todos os operários deveriam praticar o esporte com essa intenção. Na verdade, ele surge numa época oportuna para o patronato local, que viu no futebol a forma de distrair não só quem praticava o esporte como os que assistiam às partidas durante as competições. Motivar os operários a jogar bola era, acima de tudo, uma forma de distração desse operário-atleta, pois isso de certa forma desfocava a atenção do operário para as questões de lutas de classe. Aos olhos do patrão, também poderia ser usado como garoto propaganda dos produtos e da própria companhia.

O Brasil Industrial Futebol Clube (BIEC) surgiu em 1937 depois que o Paracambi Futebol Clube (PFC) foi desfeito. Este surgiu em 1912 pela ação de alguns rapazes, todos os ex-jogadores do Bangu Atlético Clube (BAC) que também fazia parte de uma indústria têxtil, a Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB) ou simplesmente Fábrica Bangu.

Segundo Keller (1997), o clube teve vários locais de prática do futebol. O primeiro deles foi uma área localizada em frente ao prédio da Fábrica Brasil, mas meses depois foi transferido para um local longe dali, a pedido dos dirigentes da Fábrica. O motivo, segundo relato de um ex-operário, é que as atividades esportivas dos atletas chamavam a atenção dos operários em serviço, os quais paralisavam a produção para assistir, das janelas da Fábrica, aos treinos e às competições dominicais, pois naquela época também se trabalhava aos domingos.

Vários incômodos foram gerados em torno do clube de futebol. Além das mudanças dos locais de treino e competições, a mudança do nome é sem dúvida o maior deles. O antigo PFC ficou na memória de muitos entusiastas mesmo depois da mudança para BIEC. Antes dessa mudança de nome, já havia ocorrido uma dissidência entre os jogadores do primeiro clube, que estavam descontentes pelo fato de a Fábrica Brasil também querer mandar no time. Outra insatisfação era que o clube usasse as cores adotadas pela Fábrica Brasil, o branco e vermelho. Essas discussões acabaram gerando um movimento no povoado e o resultado disso foi o surgimento de um novo clube na região, o Tupy Sport Club (TSC), criado em 1922 sem vínculo algum com a Fábrica. O Tupy é, até hoje, o arquirrival do PFC.

Com a mudança definitiva do PFC para BIEC, o clube passaria definitivamente a adotar as cores da Fábrica e seria uma espécie de garoto propaganda da indústria têxtil local. Essa

dominação patronal sobre uma agremiação operária entra em concordância com o que nos diz Keller:

O domínio do patronato fabril, através dos aparatos institucionais das vilas operárias, não surgiu como um plano estratégico linear, mas sim de forma descontínua, procurando manipular e controlar a classe operária, como num processo inverso, se apropriando de agremiações formadas pelo próprio operariado. A “troca” entre clube esportivo e a Fábrica funciona como uma reciprocidade de ações entre patrão e operário. O patrão, sendo paternal com seus operários ajudando na manutenção do clube, e o operariado, reciprocamente, sendo leal ostentando o emblema da Fábrica, e tudo que este gesto implica. (KELLER, 1997:97).

Ainda sobre essa relação de poder patronal *versus* operariado, alguns autores³⁵ tratam o fenômeno futebol como algo que surgiu e se desenvolveu no início do século XX, ladeado à indústria brasileira. Assim como nas fábricas desse período, fortemente marcadas pela intervenção dos patrões, das autoridades e do poder público, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, os dois maiores centros industriais do país, também o futebol se viu refém de interesses estranhos à atividade esportiva em si. As greves em São Paulo de 1917 fizeram com que as autoridades percebessem que a cidade precisava de um esporte de massa, os operários teriam sido mandados a jogar futebol na tentativa de harmonizar e controlar a produção depois da greve. Portanto, patrões fizeram do futebol um elemento disciplinador no meio operário.

No estado do Rio de Janeiro, em especial, foi um poderoso instrumento de distração que conseguia “descuidar” o trabalhador de seus problemas e dificuldades, muito embora também servisse de disciplina afastando-o de revoltas e de lutas. O futebol cresceu tanto na capital quanto nas províncias interioranas, caiu no gosto da população em geral e nos planos do patronato da época de seu surgimento. Era muito comum ver uma indústria no início do século XX com seu time, pois o mesmo servia como meio de propaganda não só de seus produtos ou de suas cores, mas, sobretudo mostrar que era um bom lugar para trabalhar, pois tinha até time de futebol.

O campo de futebol foi durante muito tempo, e ainda o é, um símbolo do patrimônio industrial de Paracambi; basta observarmos como os diretores da Fábrica Brasil mandavam no time e como usavam essa forma de dominação por meio da distração, como relatado aqui. Hoje esse lugar de memória operária que marcou a cidade durante sua formação em todo o século XX pertence a particulares, desvinculado do poder público, ao qual se pode ter acesso por meio da associação ao clube ou pela compra de ingressos durante os jogos.

³⁵ Ver Leonardo Afonso de Miranda Pereira, no texto O Jogo dos Sentidos: Os Literatos e a Popularização do Futebol no Rio de Janeiro, quando cita, entre outros, Joel Rufino dos Santos e seu livro A História Política do Futebol Brasileiro Pereira.

O BIEC é até hoje referido pelos moradores como Paracambi Futebol Clube e não ao Brasil Industrial Esporte Clube, nome oficial do time. Encontra-se instalado na Avenida dos Operários desde 1936 e fez história na região; revelou talentos como Eli do Amparo³⁶ que alcançou outros clubes maiores na capital e em outros estados.

³⁶ Paracambiense de nascimento, jogou no BIEC, no Vasco da Gama do Rio de Janeiro, no Canto do Rio e no Sport Recife, obtendo muitos títulos com esses clubes; pela Seleção Brasileira, foi campeão sul-americano em 1949 e vice-campeão do mundo em 1950. Jogava como volante e lateral.

CAPÍTULO 2

O FIM DA FÁBRICA BRASIL INDUSTRIAL

Existem poucas pesquisas sobre a Fábrica Brasil a partir da década de 1950 até o ano de seu fechamento. As informações disponíveis são, na sua maioria, baseadas na pesquisa de história oral com ex-operários e moradores da cidade. O fim das atividades fabris em Paracambi em meados da década de 1990 foi resultado de um processo iniciado quando o Grupo Othon Bezerra de Mello assumiu a direção da companhia em 1955 e implantou diversas mudanças administrativas que viriam a alterar toda uma estrutura iniciada ainda no século XIX. A esse respeito, KELLER (1997:106) nos diz que o referido grupo, formado por Arthur Britto Bezerra de Mello (presidente), Luís Britto Bezerra de Mello e Dr. Othon Lynch Bezerra de Mello, foi responsável pelas principais mudanças na produção e na desestruturação do sistema de assistencialismo, numa fase de declínio do complexo fábrica e da vila operária. Os anos seguintes da nova gestão provocaram um distanciamento entre os novos dirigentes e os operários.

Foi nos quase 30 anos de administração dos Othons que a Fábrica Brasil entrou em declínio. O processo de emancipação de Paracambi, que antes pertencia a Vassouras e a Itaguaí, ocorreu em 08 de agosto de 1960 através da Lei 4.426. Essa mudança política alterou as relações de poder, caracterizadas agora por um confronto entre o poder local, dirigentes da Fábrica e o recém-criado poder político, a prefeitura e a vereança. Se antes da emancipação, a Fábrica “mandava” na cidade, agora, com uma estrutura de administração pública implantada, já não “mandava” mais e com isso começam a surgir embates.

A venda das casas³⁷ da vila operária a partir da década de 1970 é outro ponto que marca este período de decadência e sua desagregação tem início na Ditadura Militar em 1964, quando ganha impulso com a criação da Lei nº 4.380, de 21 de agosto, que estabelece o Plano Nacional da Habitação (PNH) e o Banco Nacional da Habitação (BNH). Este plano surge justamente no período em que a aceleração industrial começou a demandar um maior número de moradias para os trabalhadores, pois os sistemas de fábricas-vilas operárias começavam a entrar em desuso no país. Este processo, de certo modo, seria bom para o trabalhador que agora poderia ter sua casa própria sem ter de ficar atrelado àquela Fábrica que antes era dona do imóvel. Contudo, ele poderia trabalhar onde quisesse e isso foi ruim para os industriais da época.

Mesmo após a autonomia política, Paracambi permaneceu como uma pequena cidade proletária em função das fábricas de tecidos, resalta Simões (2011). Após a eletrificação da Estrada de Ferro Central do Brasil em 1949, no trecho que vai de Japeri à Barra do Piraí - e que passava por Paracambi -, o ramal com a capital passou a ser mais rápido e isso favoreceu a ocupação do município através de loteamentos populares gerando uma expansão da área urbana, consolidando com isso a incorporação de Paracambi à dinâmica urbana metropolitana. Para esse autor, a “falência” da Companhia Brasil Industrial e a desativação das outras fábricas têxteis, no entanto, gerou uma transformação no mercado de trabalho local. A população passou a procurar empregos fora do município, o que gerou uma dependência econômica em relação às cidades vizinhas, principalmente Nova Iguaçu e Itaguaí. Ele destaca ainda que a transformação da antiga Fábrica Brasil em um centro universitário com diversas unidades de ensino trouxe uma nova função para a cidade e pode criar sinergias capazes de gerar dinamismo econômico e uma possível expansão urbana; contudo, ele frisa:

Com sua refuncionalização, a antiga Fábrica Têxtil Brasil Industrial, hoje está ocupada com diversas instituições de ensino como a Escola de Música Vila Lobos, a Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FATERJ), o Centro de Educação Tecnológica Profissional (CETEP), o Instituto Superior de Tecnologia em Ciências da Computação do Rio de Janeiro (IST), o Consórcio de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), fazem dela hoje uma Fábrica de Conhecimento. Além de algumas secretarias do município e algumas microempresas. (SIMÕES, 2011:177).

Ressalte-se que o Centro Federal de Educação Tecnológica de Química (CEFETEQ), no início dos anos 2000, encontrava-se ainda em projeto de instalação e, quando este se instalou de fato em 2006, dois anos depois se transformaria em IFRJ.

³⁷ Segundo (NATAL e NATAL, 1987:44), o número de casas da vila nessa época era de 345 unidades, além de cerca de 2000 lotes com água e luz, todas vendidas a operários e a particulares, mas a preferência era aos operários pelo plano do BNH.

De acordo com Santos (2017), os problemas ambientais que o município enfrentou junto ao Instituto Brasileiro de Meio Ambiente, (IBAMA) e a Fundação Estadual de Engenharia de Meio Ambiente (FEEMA) detectou irregularidades nos recursos naturais como o desmatamento e a poluição dos rios da região. Tudo isso veio contribuir para o fechamento da Fábrica.

A MEMÓRIA OPERÁRIA DE PARACAMBI

Nessa particular região do Rio de Janeiro, o local que originou a cidade de Paracambi desenvolveu-se ao som ensurdecido do apito de entrada e saída dos turnos de sua gestora, a Companhia Têxtil Brasil Industrial. O sinal, que ainda funciona e é tocado no mês de setembro durante o Reencontro³⁸ de ex-moradores, é um símbolo da memória operária, revivido todos os anos em um aparente tom de nostalgia.

Fixado nas mentes de seus simpatizantes e idealizadores, o Reencontro é por excelência uma tentativa de reviver a memória operária da cidade. Esse momento ritualístico representaria, segundo a ótica de Norra (1984), um exemplo de desejo de memória operária, um esforço de (re) construção de lembranças e/ou de reconhecimento de um passado esquecido, vivido sozinho ou coletivamente (Halbwachs, 1990).

Em algumas conversas informais com moradores, muitos disseram que o Reencontro não tem sido tão bom como no passado, mas resiste. Muitos dos mais velhos (moradores e ex-moradores; operários e ex-operários) não estão mais em condições de comparecerem. Os mais novos, por sua vez, não têm demonstrado interesse e com isso a memória operária da cidade vai se perdendo aos poucos. A vila operária, uma das maiores expressões do período fabril local, por exemplo, sofreu várias modificações com a formação urbanística e social. Hoje, ela se encontra encoberta por transformações paisagísticas promovidas pelo poder público ou por seus proprietários.

Com isso, as pouquíssimas casas da vila que ainda preservam suas características originais, ou pertencem a pessoas preocupadas com a preservação ou somente assim se conservam por falta de recursos financeiros para as modificações.

A Fábrica Brasil é o marco arquitetônico, o símbolo maior do patrimônio industrial da cidade; ela representa Paracambi em tudo, desde o logotipo da prefeitura (figura 8) até o brasão e

³⁸ Nesse link é possível assistir a uma matéria sobre o dia do encontro de ex-moradores <http://paracambimelhor.web987.uni5.net/dia-do-reencontro-em-paracambi-2013/>, acesso em 4/10/2017.

a bandeira do município (figuras 9 e 10). Observa-se que há uma representação estilizada da Fábrica na parte superior do brasão, no qual é possível ver uma chaminé soltando fumaça, talvez como símbolo de atividade constante. Esta pesquisa não se propõe, obviamente, a trazer uma descrição heráldica do brasão do município. Pretende-se, tão somente, frisar o uso da imagem da Fábrica Têxtil como símbolo da cidade.



Figura 8 – Logotipo da cidade de Paracambi, gestão 2009-2016. Fonte: <http://seducpbi.wix.com/wwwixcompbiseduc>. Acessado em 10/12/2017.



Fig. 9 – Brasão. Fonte: <http://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/simbolo/municipio-paracambi-rj-br/>. Acesso: 02/10/2017.



Fig. 10 – Bandeira. Fonte: <http://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/simbolo/municipio-paracambi-rj-br/>. Acesso: 02/10/2017.

Os diversos lugares que lembram a memória de Paracambi são assim descritos como sendo experiências coletivas vividas concretamente nesses lugares de convívio. A Fábrica Brasil, símbolo maior desse patrimônio industrial, desponta como palco de muitas lembranças - tristes e alegres -, como fonte do sustento do trabalhador. A vila operária, conforme já referido nesta pesquisa, constituía-se no lar dos operários, no aconchego familiar, ainda que eles não escapassem ao controle do patronato. A capela, local de oração e de meditação, de refrigério da alma, se caracterizava enquanto palco para o convívio entre trabalhadores e pessoas mais próximas e, até mesmo, entre os operários e seus patrões. O Clube Social conservou-se ao longo dos anos como um lugar de lazer muito prezado pela classe trabalhadora, pois era nele que a alegria transbordava, mesmo que muito raramente. As praças, com seus coretos, ficaram marcadas como espaço de manifestações ligados às diversas formas de exploração e de medo, mas também da alegria quando se podia parar para ouvir a banda tocar. O Clube de futebol, área de lazer principalmente para a classe masculina, foi uma espécie de vitrina para a Fábrica, que soube também tirar proveito desse tipo de assistência prestada ao operário. O açude da Fábrica, nos dias de sol forte - o que não é nenhuma novidade em Paracambi -, servia à população como local de veraneio ou mesmo para a prática de atividades pesqueiras. O Sindicato, espaço de lutas e conquista, à custa de muito suor e lágrimas, consolidou-se como *locus* importante para a causa operária. O cemitério, lugar de memória eterna. O trem, no seu eterno vai-e-vem, transportava as memórias dos que nele viajavam.

O PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO E RECONVERSÃO

O processo de desindustrialização em Paracambi se completou em 1996 com o encerramento das atividades na Fábrica Brasil Industrial. Esse fenômeno começou com as novas formas administrativas da gestão do Grupo Othon Bezerra de Mello, que teve início em 1955, rompendo com algumas práticas assistenciais prestadas por antigos gestores desde o final do século XIX. A exemplo disso, em meados da década de 1970, a venda das casas da vila operária foi a primeira ação de rompimento adotada pelos novos administradores, assim como as negociações nos anos seguintes do Clube Cassino e de terrenos pertencentes aos industriais como afirma Keller (1996):

No ano de 1984, ocorre um fato relevante no processo de rompimento através da apropriação de alguns “aparatos institucionais” do antigo complexo (Cassino e Clube Brasil Industrial) e áreas territoriais da Cia. Brasil Industrial (através da declaração de utilidade pública pelo

município). (...) A venda das casas da Vila Operária da Companhia Brasil Industrial na década de 1970 e a construção de um conjunto habitacional moderno em suas terras através do BNH. O desmonte progressivo da rede de serviços desta fábrica se efetiva a partir da gestão dos Othon Bezerra de Mello. (KELLER, 1996:106).

Em muitos lugares, a desindustrialização gerou o abandono e, com ela, a marginalização e desvalorização do local onde a atividade industrial era exercida. Mudanças nas paisagens geográficas desses antigos complexos fabris acabam ocorrendo devido às ocupações irregulares nesses espaços, fazendo surgir novas comunidades, muitas vezes esquecidas pelo poder público e dominadas pelo tráfico de drogas. Há vários exemplos na cidade e no Estado do Rio de Janeiro; em Paracambi, contudo, o abandono durou pouco e nesse caso não houve invasão irregular, mas outro fenômeno após a desindustrialização, a reconversão.

Em Paracambi, o processo de desindustrialização trouxe muitas consequências como, principalmente, o desemprego, pois a cidade foi, durante muito tempo, dependente da oferta de vagas em suas fábricas têxteis, entre as, de modo destacado, a Brasil Industrial. O antigo complexo fabril não foi ocupado irregularmente, mas esteve por cerca de cinco anos esquecido e vinha se deteriorando gradativamente até acontecer sua reconversão, que foi um fator determinante no processo de ressignificação aliada a ações do poder público. Com isso, o antigo complexo foi revitalizado gerando muitas expectativas.

A compra do antigo prédio em 2001 se deu na gestão do prefeito André Ceciliano, que assumiu a prefeitura nesse ano. A aquisição teve a ajuda do governo do Estado do Rio de Janeiro (Keller, 2006; Ciavatta, 2007). Para esta última, o local logo foi transformado em espaço cultural. Santos (2017) reproduz, em sua pesquisa, parte do documento de aquisição da Fábrica Brasil pela prefeitura de Paracambi:

Artigo 1º - Fica o prefeito de Paracambi autorizado a adquirir o imóvel descrito no Anexo desta lei, de propriedade da Cia Fábrica de tecidos São Pedro de Alcântara, sucessora da Fábrica de Tecidos Brasil Industrial, pelo preço total de 6.576.242,10 (seis milhões, quinhentos e setenta e seis mil, duzentos e quarenta e dois reais e dez centavos); sendo 5.400,00 (cinco milhões e quatrocentos mil reais) divididos em 180 (cento e oitenta) prestações, mensais e consecutivas, de 30.000 (trinta mil reais) ou importância correspondente, e o restante em forma de concessão de isenção do Imposto Predial territorial Urbano-IPTU, dos demais imóveis de propriedade da empresa vendedora, pelo prazo improrrogável de 15 anos. (SANTOS, 2017:67).

Em entrevista³⁹ realizada por Ciavatta, Maria das Graças, uma ex-operária diz:

Foi muito bom retornar ali, agora para estudar. Ver completamente diferente e ficar lembrando como era, nossa! Eu gostei do que vi, das mudanças que ocorreram. Estava parada, não tinha aproveitamento nenhum. Agora não. Você vê a cidade movimentada (...). Vem gente à beça de Japeri, Engenheiro Pedreira, Queimados (...). Eles veem o espaço de outra forma. Nós vimos de uma. Eles estão frequentando o mesmo espaço com outro objetivo. (MARIA DAS GRAÇAS SANTOS, 02/01/2006).

Pode-se dizer que os olhos da população paracambiense voltam-se novamente para antiga Fábrica Brasil a partir desse período, quando o poder público adquire o antigo prédio e resolve transformá-lo em um centro de educação. A esse respeito diz Santos (2017):

O início dos anos 2000 pode ser considerado um novo marco na história das instalações da antiga Fábrica e dos moradores de Paracambi. A prefeitura, ao comprar parte das instalações do sítio fabril tombado, conquistava os espaços possíveis para efetivação da parceria com os governos estadual e federal. (SANTOS, 2017:71).

Com a ocupação da antiga Fábrica por órgãos ligados à educação e cultura, os poderes municipal, estadual e federal instalaram ali escolas técnicas de ensino médio, cursos profissionalizantes livres, cursos superiores, escola de idiomas, escola de música e ballet, além de algumas empresas. Isso fez com que essa ocupação mudasse a paisagem geográfica não apenas do complexo fabril, mas da cidade de uma forma em geral.

Essa reconversão mudou a economia da cidade trazendo um novo segmento comercial para Paracambi, o de bares e restaurantes; o comércio varejista atraiu para o município franquias que só eram vistas em cidades maiores como Nova Iguaçu e Itaguaí. Igualmente, houve significativo crescimento na oferta de imóveis para locação, como consequência do incremento da demanda por locais para residência, ainda que temporários. O gabarito predial aumentou e, hoje, é notório o número expressivo de imóveis verticais, caracterizando uma escalada jamais vista nesse setor.

Novos empreendimentos industriais, incentivados por benefícios fiscais oferecidos pela prefeitura, foram instalados na região e passaram a absorver parte da mão de obra técnica formada na Fábrica refuncionalizada. Todas essas transformações vêm contribuindo para o crescimento populacional e hoje uma boa parcela dela trabalha na própria cidade não cabendo

³⁹ De 2 de janeiro de 2006 com Maria das Graças Santos. In (CIAVATTA, 2007:79), “A história contada do trabalho e da educação”: entrevistas com moradores de Paracambi e com professores gestores das instituições educacionais

mais, portanto, o rótulo de cidade-dormitório para a cidade de Paracambi, pois 84% da população ocupada trabalha no próprio município (BARROS, SANTOS e SILVA, 2012:8).

Se com a desindustrialização, Paracambi passou por um processo de mudança negativa em sua economia, a reconversão fez o caminho contrário, deu novas oportunidades à cidade, provocando mudanças não apenas econômicas, mas sociológicas e geográficas na região. Essas mudanças trouxeram novamente a centralidade para a antiga Fábrica Têxtil, hoje conhecida como Fábrica do Conhecimento, que acabou atraindo novos investidores mudou a dinâmica local.

A respeito disso, um entrevistado⁴⁰, Seu João, morador de Paracambi, dá sua opinião:

Eu gostei viu professor, eu gostei mesmo, meu sogro foi quem trabalhou aqui, ele gostava, ele vinha de bicicleta lá do Costa (bairro há 3 km da Fábrica Brasil), foi um tempo bom, a cidade *tava* sempre movimentada, depois que fechou, ficou morto um tempo, mas depois reviveu (...). Agora parece que a cidade nasceu de novo, tem muito comércio, muita loja e agora eu *tô* trabalhando aqui né, aqui na Fábrica do Conhecimento, graças a Deus. (JOÃO BATISTA, 16/01/2017).

Na fala do senhor João, morador nascido em Paracambi, é notória a sua alegria de trabalhar na cidade onde mora, sem ter que viajar longas distâncias em busca de trabalho. Para ele, a reconversão da Fábrica em escola trouxe muitas oportunidades para cidade e ele foi um dos muitos beneficiados.

Hoje a estrutura urbana da cidade possui dois eixos de ocupação e expansão com temporalidades diferentes. A mais antiga, constituída no séc. XIX, corresponde ao eixo ferroviário que ligava a estação à vila dos operários e à Fábrica; a mais recente corresponde ao eixo rodoviário RJ 127 que dá acesso à cidade de Vassouras, passando por Paracambi, e à BR 116, mais conhecida como Via Dutra, principal eixo de ligação entre Rio de Janeiro e São Paulo (BARROS, SANTOS e SILVA, 2012:6).

O PROCESSO DE TOMBAMENTO

Para esta pesquisa, o maior símbolo da memória industrial de Paracambi é o prédio da antiga Fábrica Brasil, adquirida no início dos anos 2000 pelo poder público local com a ajuda do

⁴⁰ Sr. João Batista é funcionário de uma empresa de segurança terceirizada pelo IFRJ e trabalha no edifício há mais de cinco anos. Contribuiu para essa pesquisa por meio de uma entrevista realizada em 16 de janeiro de 2017.

governo estadual do Rio de Janeiro. O processo de aquisição foi viabilizado a despeito do tombamento provisório das antigas instalações fabris junto ao INEPAC. A esse respeito, Santos (2017) diz:

Em 12 de março de 1984, o Prefeito de Paracambi, Délio Leal, encaminha ofício nº. 058/84 ao INEPAC, solicitando o tombamento das instalações da Brasil Industrial. A administração municipal, ao solicitar o processo de tombamento do sítio fabril, demonstra, oficialmente, as primeiras preocupações com a preservação e a conservação do símbolo mais representativo da identidade daquela cidade. (SANTOS, 2017:63).

A pesquisadora, em sua dissertação de mestrado, fala que no final da década de 1960, o antigo Estado da Guanabara começa a tratar das questões dos Bens Integrantes do Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico com criação de um decreto que cuidasse desses assuntos. Cabia à Secretaria de Educação e Cultura a competência de determinar o que seria um bem tombado. Contudo, somente no início da década de 1980 é que esse assunto de salvaguarda patrimonial entrou na pauta, com a criação do Conselho Estadual de Tombamento (CET), de responsabilidade da mesma secretaria. O processo de tombamento da Fábrica Brasil é da mesma época de criação desse novo órgão.

Ela destaca o argumento do prefeito de Paracambi, em 1984, no tocante à justificativa e à preservação da Fábrica, ressaltando seu valor histórico, longevidade e os fortes laços afetivos de quase a totalidade da população, além da importância que a Fábrica Brasil Industrial teve no processo de industrialização do Estado do Rio de Janeiro. “[...] a Fábrica com todas as estórias e histórias está intensamente presente na memória de todos os paracambienses”. (SANTOS, 2017:64). Agora vejamos a resposta do pedido de tombado relatado por Santos (2017):

A resposta ao pedido de tombamento se deu em 29 de março do mesmo ano, pelo ofício no 47/INEPAC/84. O documento expedido pelo diretor-geral do Departamento de Cultura, Leonel Kaz, avalia a justificativa da solicitação como “tocante e irrecusável”. Acrescenta outros argumentos favoráveis à aprovação dos anseios da população de Paracambi, enaltecendo características exuberantes das instalações do prédio e seu valor histórico, segundo o OFICIO n. 47, 1984 as edificações da Brasil Industrial com seus padrões ingleses foram incendiadas em 1873, foi reconstruída com tijolos aparentes fabricados no local, atirantados à estrutura metálica, de forma a manter-se na exatidão severa que lhe confirma a feição inglesa. Nunca parou de funcionar, e hoje é mais do que um monumento local, é um dos mais bonitos testemunhos da primeira industrialização do Brasil e do surgimento da nossa classe operária. (SANTOS, 2017:64).

Com isso, fica decretado o processo de tombamento da Fábrica, e, conseqüentemente, assegura-se sua preservação uma decisão final. Proíbe-se, na esteira, qualquer projeto ou obra que implique em sua modificação ou destruição, equiparando o tombamento provisório ao definitivo para quase todos os efeitos. Mas, segundo Santos (2017), há a necessidade do pedido e aprovação do tombamento definitivo pelo CET, pois, caso o secretário de estado de Educação e Cultura denegasse o pedido, com a autorização prévia do governador do Estado, o tombamento provisório se tornaria sem efeito.

Todo esse processo de salvaguarda do patrimônio da cidade é desconhecido por parte significativa da população; até mesmo alguns servidores da prefeitura não sabem que o prédio da Fábrica é tombado e, portanto, protegido.

A “VOCAÇÃO” E O PATRIMONIO INDUSTRIAL DA CIDADE

A “vocalção” industrial local é de longa data. O fato da maior fábrica de tecidos da região ter surgido entre o município de Vassouras, símbolo da cafeicultura fluminense, e o município de Itaguaí, terras então pertencentes à Fazenda de Santa Cruz - um híbrido geográfico - fez nascer Paracamby, hoje Paracambi, cidade industrial. Consolidou-se no século XX, instalando-se relativamente próxima à província e contribuindo com o setor têxtil e para a não decadência da economia.

Outras fábricas foram instaladas na região, ainda no final do século XIX, como a já referida Companhia Tecelagem Santa Luisa que, em 1924, deu lugar a S.A. Fábrica de Tecidos Maria Cândida, no bairro da Cascata. Em 1954, surgiu a Siderúrgica Lanari; em 1979, a Crown Indústria e Comércio; em 1961, a Indústria de Arame Paracambi, atualmente Fábrica de Máquinas Benfica. Vale ressaltar que todas essas empresas se localizavam dentro do perímetro urbano. Hoje, no entanto, o setor industrial expandiu-se para as regiões próximas à entrada da cidade, no trecho da rodovia RJ 127 que se liga à BR 116, especificamente na altura da saída 212. Formou-se, assim, um novo Polo Industrial na região, distante 12 km do centro de Paracambi, uma amostra contundente de sua “vocalção” industrial.

No Brasil, os debates em torno do patrimônio industrial e, conseqüentemente, da arqueologia industrial são muito recentes, mas vem ganhando volume principalmente no centro-sul do país - onde se concentram as maiores e o maior número de indústrias - e, em particular, no Estado de São Paulo, detentor da maior parcela industrial.

Em países como Inglaterra, berço da Revolução Industrial, o movimento de arqueologia industrial teve sua expansão a partir do Primeiro Congresso Internacional para Conservação dos Monumentos Industriais (FICCIM), em 1973, com a criação do Museu de *Ironbridge Gorge*, onde pessoas ligadas ao setor de diversos países europeus, do Canadá e dos Estados Unidos estiveram representados (Rosa, 2011). Esse congresso repercutiu de tal forma que outros países preocupados com a salvaguarda de seu patrimônio industrial deram continuidade ao congresso nos anos seguintes. Inclusive o Brasil, décadas depois do primeiro evento, se ocupou de sediar e organizar um. Isso mostra como os estudos nessa área de pesquisa são recentes por aqui.

Segundo Fontes (2006), o I encontro de Patrimônio Industrial ocorreu em 2004 em São Paulo com o intuito de apoiar iniciativas de salvaguarda, oferecendo assistência a órgãos do governo, pesquisadores e comunidades de todas as partes do país, sensibilizando-os para essas questões. Alguns monumentos arquitetônicos vêm sendo refuncionalizados como é o caso da Fábrica Brasil, que é utilizada por diversas instituições de ensino, diversas empresas e órgãos da prefeitura ali instalados, os quais, no caso de Paracambi, desconhecem os processos de salvaguarda do complexo em uso ou sequer consideram o lugar como patrimônio industrial.

O conceito de patrimônio industrial gira em torno da ressignificação e da apropriação do que sobrou da indústria. Objetos que antes tinham uma função dentro das fábricas, passam a ter, com o fechamento delas, valor agregado de patrimônio. Como bem diz Ferreira (2009),

a noção de patrimônio industrial nos remete a ideia de uma inversão de funções e sentidos: o que antes era um lugar de trabalho se transforma em lugar de memória. A patrimonialização desses espaços confere aos mesmos outros sentidos, deslocando-os daqueles que estão em sua origem. Inseridos em outra ordem, a da memória, e a outra estética, a do patrimônio, lugares de trabalho e produção passam, então, a fazer parte de roteiros culturais e de entretenimento. (FERREIRA, 2009:22).

A palavra “patrimônio” se origina no étimo latino *patrimonium*⁴¹, que quer dizer herança familiar ou herança *pater*; daí os cognatos “paternal” ou “pai”. A palavra também pode ser traduzida como um conjunto de bens, direitos e obrigações, segundo o Dicionário Etimológico. É como se termo passasse a ideia de algo bom e agradável a quem recebe. Amplo, o termo abrange diversas áreas e pode ser estudado no meio natural, familiar, histórico, religioso, cultural, industrial, entre outros.

⁴¹ <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/patrimonio/>, acessado em 5/10/2017.

Em Paracambi, o Parque Municipal do Curió, criado por meio de decreto, é uma fração considerável de Mata Atlântica local bem preservada, que traz o nome de uma ave rara e que possui um cântico muito apreciado. Presente em boa parte do Brasil, a ave Curió possui uma espécie rara e endêmica, o Curió-de-Paracambi, quase extinta na década de 1980 e graças às ações do Clube dos Criadores de Curiós e Bicudos da cidade, a ave saiu da lista dos pássaros ameaçados. No parque é possível fazer trilhas com guias especializados do Batalhão de Floresta, conhecer aves típicas da região principalmente o Curió e do mirante tem-se uma vista de toda a cidade, que se estende desde a Fábrica Brasil até a estação ferroviária em meio a um vale com toda geografia formada por seus morros em meias laranja. É um exemplo de como o patrimônio natural faz parte da cultura local, pois o Curió-de-Paracambi e o parque florestal que leva seu nome são os símbolos do patrimônio natural.

Como já mencionado, o grande impulsionador populacional de Paracambi começou com construção da estação ferroviária em 1861, dez anos depois, os processos de instalação da Companhia Têxtil Brasil Industrial ou simplesmente Fábrica Brasil como é mais conhecida, além de outras duas fábricas tecidos, que também contribuíram para o aumento da população local. Ao longo de suas atividades, essas fábricas deixaram um marco na cidade de Paracambi, primeiro pela empregabilidade na região e segundo, por toda a rede de assistencialismo que esses grupos fabris ofereciam à classe operária, pois com isso a cidade foi se desenvolvendo.

O POTENCIAL TURÍSTICO DA CIDADE

O município de Paracambi, distante da cidade do Rio de Janeiro quase 80 km, apresenta um grande potencial turístico, ainda que não se conheçam estudos relacionados a isso. A cidade possui uma parcela importante da história industrial do Estado, além de ser porta de entrada para a região do Vale do Café Fluminense, onde se concentra o maior número de estações ferroviárias de todo o Estado.

Visitada em duas oportunidades pelo Imperador D. Pedro II, sua maior Fábrica têxtil já foi palco de novela (*Orgulho e Paixão*, de 2018, produzida pela Rede Globo) e atrai visitantes diariamente. Apesar de o município ter se emancipado em 1960, sua história remonta ao século XVIII, envolvendo antigas propriedades jesuítas e terras que pertenciam às cidades de Vassouras e Itaguaí. Tudo isso faz Paracambi ser tão rica historicamente. A introdução de um roteiro cultural bem organizado, em um espaço que já existe, permitiria que se mostrasse a essência de

um lugar e não somente uma sequência de atrativos; este roteiro precisaria estar adequado à realidade local, ser criativo e conter muita pesquisa histórica.

Para chegar a Paracambi, o visitante pode tomar dois caminhos: o rodoviário, seguindo pela Via Dutra, BR 116 e entrando na RJ 127, que leva até o centro, totalizando todo o trajeto quase 2h; o ferroviário, que é mais econômico e custa ao viajante praticamente o mesmo tempo de viagem. Tomando o trem na estação Central do Brasil com destino a de Japeri, nesta última faz-se a baldeação com um novo trem para cidade.

Segundo dados do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro (TCE - RJ), a partir de um estudo socioeconômico (2006), Paracambi conserva até hoje suas características de interior. Recheada de belezas naturais, cerca de 20% de sua área é coberta por Mata Atlântica, praticamente intocável, abrigando cachoeiras, rios e trilhas que levam os visitantes a conhecerem a riqueza de sua fauna e flora. Semanalmente, a área rural da cidade recebe dezenas de visitantes somente para a prática de esportes radicais como o *mountain bike* e o *Motocross*, graças a sua geografia acidentada. As visitas aos pontos turísticos de Paracambi variam conforme o clima e, para atender os visitantes, a cidade dispõe de alguns hotéis.

Há várias estações ferroviárias como, por exemplo, a de Lages, antiga Nicanor Pereira, que é a mais antiga da velha Estrada de Ferro D. Pedro II, inaugurada em 1858; foi durante muito tempo a estação terminal do ramal até 1861, quando foi inaugurada a estação de Taireté em Macacos, mais tarde denominada Paracamby. Da estação de Lages havia uma linha que ia em direção à represa de Ribeirão das Lages. A Estrada de Ferro Light passava pelas localidades de Guarajuba e Ponte Coberta, bairros da periferia da cidade, este último já na Via Dutra, no sopé da Serra das Araras. Hoje não existe mais a linha férrea e conseqüentemente as estações de embarque.

A estação Doutor Eiras foi inaugurada em 1964, a última a ser construída no ramal de Taireté. Composta apenas de uma simples plataforma, seu propósito era atender ao hospital Psiquiátrico Doutor Eiras⁴², o maior manicômio da América Latina. Durante muito tempo, Paracambi carregou o título de Cidade Manicômio, conforme revelam os moradores da cidade

⁴² A Casa de Saúde Dr. Eiras Paracambi foi fundada em 1963, como filial da Casa de Saúde Dr. Eiras Botafogo instalada no bairro de Botafogo, região nobre do município do Rio de Janeiro. A unidade Paracambi, exclusivamente psiquiátrica, recebia pacientes com problemas crônicos, chamados “sem possibilidades terapêuticas”. “Os pacientes internados em Paracambi, ali permaneciam pelo resto de suas vidas”. A Casa tinha capacidade de receber 2.550 internos e já chegou a ser conhecido como o maior hospício privado da América Latina conveniado à rede pública de saúde. Fonte: <http://www.lappis.org.br/site/noticias/1208-um-pouco-de-historia-saude-mental-ja-foi-o-sustento-do-municipio-de-paracambi> (Acessado em 05/05/2018).

em conversas informais. Com o fechamento da Casa de Saúde Doutor Eiras, em 2012, a estação teve sua operação desativada pouco tempo depois.

A estação Paracambi (Macacos e Taireté) foi inaugurada com a presença do Imperador D. Pedro II em 1861. A estação passou a ser a ponta do ramal com o nome Macacos, devido à proximidade com o rio que leva esse nome. No início do século XX, passou a se chamar Paracamby, nome que durou até os anos de 1940, quando passou a chamar-se Taireté. A designação perdurou até 1960, ano da emancipação do município, quando a estação tornou a se chamar Paracambi. Após a Estação Paracamby havia mais 1 quilômetro de linha que seguia em direção à Fábrica Brasil Industrial, atravessando hoje a atual Praça Cara Nova e seguindo pela Avenida dos Operários. Os trens da Central trafegaram por anos até a Fábrica, sendo posteriormente substituídos por bondes movidos à tração animal. No trecho da via férrea que vai da estação de Japeri (antiga Belém) até Paracambi (antigo ramal Taireté), ficava a estação Guedes da Costa, a qual ficou, durante muito tempo, conhecida como Bifurcação, porque se dividia entre o antigo ramal de Taireté e a linha que seguia de Japeri para Barra do Pirai.

Há ainda as estações Mário Bello, que se chamava Oriente, a estação Engenheiro Gurgel, a Ellison e a estação Palmeira da Serra, todas na linha férrea da serra, um trecho repleto de túneis que, atualmente, só servem ao trem cargueiro. Havia também uma linha auxiliar saindo da estação Taireté até a Fazenda Sabugo, localizada em bairro de mesmo nome; esta linha servia de escoamento da produção agrícola na referida propriedade e dos tijolos de sua grande olaria.

A estrada Presidente Pedreira, citada na introdução deste trabalho, foi idealizada em 1840, mas só se tornou praticável por volta de 1850; por ela escoava o café do Vale do Paraíba até construírem as linhas férreas já mencionadas. Hoje a estrada está asfaltada e é uma continuação da RJ 127, ligando Paracambi a Vassouras. Em um bom trajeto de serra, a via no território de Paracambi passa por dentro do Parque do Curió, de onde se avista a cachoeira do parque e uma densa floresta de Mata Atlântica, além de cortar as cidades de Engenheiro Paulo de Frontin e Mendes.

Outros pontos de interesse turístico são os recursos naturais que a cidade oferece. Um deles é Parque Municipal do Curió, cujo principal atrativo é uma caminhada ecológica em meio a Mata Atlântica. Por seu turno, o Rio das Lages / Ribeirão das Lages, o principal do município, possui grande número de pequenos afluentes, dos quais se destaca o Rio dos Macacos, que corta o centro de Paracambi. A Cachoeira do Bonjacá, localizada na divisa com o município de Engenheiro Paulo de Frontin, dispõe de dois saltos com 45m de altura; já a Cachoeira da

Cascata, destaca-se por ter um único grande salto de 50m de altura. As águas das referidas corredeiras são claras, transparentes e de temperatura fria, provenientes de nascentes na serra do Parque do Curió que, com o passar do tempo, foram represadas e formaram açudes localizados logo acima da cachoeira. A prática de esportes radicais como *rafting e rappel* pode ser realizada nas corredeiras do Ribeirão das Lages. O ponto de encontro para o esporte acontece o ano todo, sempre aos fins de semana, na Fazenda Terra Verde, situada no bairro Ponte Coberta, distante apenas 17 km do centro de Paracambi; o referido bairro fica às margens da Via Dutra, muito próximo à subida da Serra das Araras, sentido São Paulo.

Tudo o que foi citado aqui mostra que Paracambi tem um potencial turístico considerável. A cidade está localizada na rota da região turística do Vale do café Fluminense e quem sai do centro do Rio de Janeiro com destino a essa região turística do Estado, repleta de fazendas da época colonial, passa obrigatoriamente pelo município. Os pontos de interesse turístico mostrados aqui estão localizados fora do perímetro urbanístico da cidade, salvo algumas estações e a Cachoeira da Cascata. Contudo, eles são de fácil ou médio acesso e na sua maioria estão ligados ao turismo ecológico.

Já os outros pontos que se espera mostrar estão ligados à história da cidade e sua relação com a maior Fábrica da região, a Brasil Industrial. São pontos de interesse histórico-cultural e que aqui chamaremos de turismo cultural, pois eles têm relação com as indústrias têxteis ali instaladas. Estes pontos serão tratados no próximo capítulo quando falaremos do roteiro cultural.

O TURISMO CULTURAL EM PARACAMBI

Turismo cultural é o acesso a esse patrimônio cultural, ou seja, à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade. Sendo assim, o turismo cultural não busca somente lazer, repouso e boa vida. Caracteriza-se, também, pela motivação do turista em conhecer regiões onde o seu alicerce está baseado na história de determinado povo, nas suas tradições e nas suas manifestações culturais, históricas e religiosas. (MOLETTA, 1998:46).

Vânia Moletta resume bem a essência do que vem a ser turismo cultural. É partindo do conceito apresentado pela autora que esta pesquisa propõe um roteiro cultural em Paracambi, de modo a relacionar a história da cidade com os diversos espaços do patrimônio cultural, entre eles, a antiga Fábrica Brasil, a maior das três fábricas têxteis instaladas na região. Ela acrescenta

que para compor um roteiro cultural, alguns aspectos devem ser observados, pois o turista adepto desse tipo de turismo é exigente e aprecia o modo de vida, o sistema alimentar e as atividades recreativas de uma determinada localidade. (MOLETTA, 1998:16).

Vale ressaltar que o pesquisador deste trabalho tem uma visão humanística do local em estudo e por isso tem elaborado um roteiro que estimule os fatores culturais e até mesmo o desenvolvimento econômico e educacional dentro da cidade de Paracambi, que demonstrou características favoráveis ao setor do turismo.

É bom frisar que o desenvolvimento deste roteiro cultural tem as características de um produto para o Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais da FGV RJ. Com potencial educativo e principalmente patrimonial, sua proposta é centrada no passado e na memória industrial, uma vez que a memória é essencial para uma cultura que se deseja preservar como identidade. Uma boa via de conduta para isso é através da educação. A educação patrimonial na escola faz parte do currículo como tema transversal e proporciona a integração com diversas áreas do conhecimento da educação básica. Com isso, é capaz de incentivar a valorização e proteção do patrimônio cultural de uma região. Uma iniciativa como este roteiro pode contribuir para o entendimento dos vários aspectos que formam o patrimônio cultural em Paracambi, além da cidadania, identidade cultural e memória.

Espera-se também que o roteiro cultural possa atrair interesses de várias indústrias instaladas na cidade e região onde o visitante possa ter o conhecimento do processo industrial oferecido. Como já mencionado, o turista que se interessa em conhecer determinada indústria acaba por usufruir da rede hoteleira, da gastronomia, das belezas naturais, da cultura, da arte e da história do local e essa parte o roteiro cultural já será responsável. Essa atividade pode trazer divisas e movimentar a economia da cidade.

Dentro do turismo cultural, o industrial é o aproveitamento do patrimônio industrial por vez esquecido, por vez em plena atividade produtiva. Muito forte na Europa, na Ásia e na América do Norte, tem sido uma alternativa dentro do turismo praticado no país e que vem se destacando, conseguindo cada vez mais novos adeptos.

Segundo Dalonso (2006), o turismo industrial pode ser classificado como a atividade de visitação a uma empresa de manufaturas, onde o turista conhece o processo de fabricação dos produtos, possibilitando, em algumas situações, o teste dos bens produzidos, além de

caracterizar-se como um roteiro educacional e cultural, participando assim da atividade de prestação de serviços.

CAPÍTULO 3

O ROTEIRO CULTURAL EM PARACAMBI

A proposta deste roteiro é contribuir para o meio sociocultural da cidade trazendo-lhe informações sobre a história e os bens culturais de Paracambi. Neste trabalho são apresentados alguns espaços na cidade que, de certa forma, fazem ligação entre a cidade e a Fábrica Brasil, bem como todo o seu patrimônio industrial. A pesquisa realizada em diversas fontes, como os depoimentos de antigos operários coletados por mim ou por outros pesquisadores, a literatura sobre a história da Fábrica e da cidade, fontes iconográficas e da municipalidade, entre outras, serviram de base para a seleção e escolha dos lugares que comporão a proposta de roteiro cultural. As histórias narradas e interpretadas estarão contidas em diversos QR *code* e impressas em um mapa físico. Havendo possibilidade, tais informações poderiam ser transformadas em placas fixadas em frente a cada espaço proposto por este roteiro.

Percorrido a pé por aproximadamente 2h, o roteiro cultural aqui sugerido começará na estação ferroviária da cidade. Optou-se por se iniciar na estação ferroviária por ser o principal ponto de chegada à cidade e por ser a mais antiga construção “de pé” de que se tem notícia. O itinerário termina na Fábrica Brasil, símbolo maior do período industrial na cidade. O parque fabril, no entanto, poderia ser o início do roteiro; mas por uma questão de sequência geográfica e não cronológica, optou-se por começar na estação e terminar no complexo fabril.

A ideia central deste projeto de roteiro é conduzir o visitante no espaço geográfico e no tempo histórico em que as relações cidade e Fábrica Brasil se entrelaçavam e ainda se entrelaçam de forma afetuosa. Os lugares selecionados mostram, na sua maioria, a forma desse lugar no passado por meio de fotografias em preto e branco, encontradas em domínio público e que propõe ao visitante uma análise reflexiva com o presente. No mapa estilizado da cidade de

Paracambi, haveria pontos de identificando esses locais e as imagens apresentadas no corpo desta pesquisa estariam contidas nos códigos eletrônicos acompanhadas de informações que contextualizassem a história local. Como complemento, haveria marcações no roteiro acompanhadas de falas de ex-operários, acessíveis por qualquer mídia eletrônica com internet.

A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE PARACAMBI

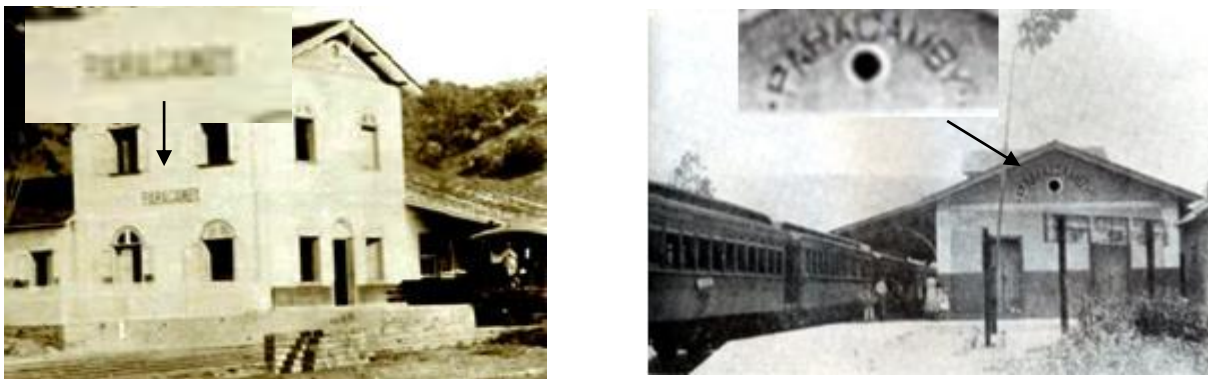


Fig. 11 e 12 - Antiga Estação de Macacos por volta de 1920 e 1940 respectivamente. Autor desconhecido. Notar detalhe de caligrafia quando Paracambi ainda se escrevia com “Y” no final. Fonte: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/estrada.de.ferro.central.do.brasil/memoria-historica-1908/0001-o-Livro.shtml>. Acesso em 02/12/2017.

Inaugurada em 01 de agosto de 1861 com o nome de um rio da região, Macacos, a estação foi um dos primeiros ramais construídos pela antiga Estrada de Ferro D. Pedro II, que mais tarde passou à Estrada de Ferro Central do Brasil e, posteriormente, à Rede Ferroviária Federal S.A. De 1996 até os dias de hoje, é a concessionária Supervia que opera o transporte ferroviário. Como ponta do ramal, a estação de Macacos passou a ser chamada de Paracambi no início do século XX e, em um período na década de 1940, chamou-se Taireté, mas em 1960 voltou a ser Paracambi, como é chamada até os dias de hoje. (Memória Histórica da EFCB, 1908).

A eletrificação aconteceu em 20 de fevereiro de 1948, com a presença do Presidente Eurico Gaspar Dutra entre outras autoridades, conforme mostra o recorte do Jornal Folha da Manhã um dia antes da inauguração, (figura 18).

Trens eletricos no ramal de Taireté

RIO, 19 — Será inaugurado amanhã o tráfego elétrico no ramal de Taireté, da Central do Brasil. A cerimônia será presidida pelo general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, que para ali se transportará, às 7 h 30, em trem especial, acompanhado dos titulares das pastas da Viação e do Exterior, do diretor da Central do Brasil, do governador Macedo Soares, do Estado do Rio, além de membros do seu gabinete, outras autoridades e convidados. O ramal de Taireté, que já se chamou Paracambi e antigamente Macacos, começa em Japeri, antiga estação de Belém.

Fig. 13 – Informe jornalístico falando da eletrificação da estação de Paracambi. Fonte: <http://acervo.folha.uol.com.br/fdm/1948/02/20/1/>. Acesso em 30/11/2017.

A linha do ramal Paracambi não terminava onde hoje está o terminal ferroviário da cidade; havia, conforme já adiantamos em outra altura desta dissertação, uma linha de pouco mais de 1 km em direção a Companhia Têxtil Brasil Industrial, inaugurada dez anos depois da estação de trem. Era formada por um par de trilhos, que serviam ida e volta a um antigo trem movido a carvão. Os trilhos se estendiam até um galpão (figura 14) anexo à fábrica de tecidos, servindo, pois, tanto de transporte de carga quanto de passageiros⁴³. A posição da seta indica por onde passavam os trilhos e onde aportava o trem.



Fig. 14 – Galpão onde funcionava o terminal do trem da antiga linha férrea de Macacos. Fonte: https://www.google.com.br/search?q=foto+da+fabrica+brasil+industrial+em+paracambi&rlz=1C1PRFI_enBR744BR744&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=N0P9f9uk4_rzYM%253A%252C35qzZf6r7j19aM%252C_&usg=__lc0Hoa2zs7ohfwu98v8LJUeYRQk%3D&sa=X&ved=0ahUKEwiM-NuvlflaAhUHD5AKHUsoCjQ9QEIPzAL#imgrc=. Acesso em 05/05/2018.

⁴³ Site: www.estacoesferroviarias.com.br acessado em 30/11/2017.

Posteriormente, o trecho que ligava a estação-fábrica e que passava em meio a Avenida dos Operários serviu ao bonde de tração animal, responsável pelo transporte dos diretores da Fábrica; mais tarde fora substituído pelo bonde elétrico. A história da estação ferroviária está ligada à Fábrica Brasil e ambas à cidade de Paracambi, que surgiu e cresceu entre esses dois pontos, um em cada extremo.

A implantação da estação ferroviária fez com que o primeiro núcleo urbano da região, o de São Pedro e São Paulo, fosse deslocado para o entorno da nova estação. Antes disso, era a região hoje ocupada por um paiol do exército que abrigava o centro da cidade. Uma década depois, no ano de XXXX, com a chegada da Brasil Industrial, o núcleo urbano reinstalado próximo da estação ganhou novo fôlego.

A presença de S.M. Imperial D. Pedro II na inauguração da estação ferroviária de Macacos repercutiu em toda a região, como mostram os jornais da época; ele ainda viria mais duas vezes à região, uma por conta da inspeção da capacidade total da Fábrica Brasil, em 1876, e outra na reinauguração de 1885, logo após o complexo fabril ter sofrido incêndio em 1883.

Hoje operam, em toda a via férrea, trens modernizados com sistemas de refrigeração e multimídias. Para se chegar à cidade de Paracambi é preciso fazer uma baldeação em Japeri, município vizinho. O mesmo ocorre quando se quer sair de Paracambi com destino a outras cidades ao longo da via no sentido centro da capital fluminense. Contudo, durante muitos anos a ligação Paracambi-Central do Brasil, no centro do Rio, se fez diretamente.

Quando se desembarca do trem ou se chega pela rodovia, o visitante se depara com a Praça Cara Nova (figura 15), a praça central da cidade, criada em 24 de maio de 1991 com o nome de Praça José de Sousa Junior; foi reformada em 2012 e rebatizada com o nome atual. Antes da reforma, havia nela grandes árvores de diversas espécies da Mata Atlântica, o que contribuía, de certa forma, para amenização do clima da cidade, muito quente em determinadas épocas do ano. Muitos moradores a chamam de “Praça Micro Ondas”, devido às altas temperaturas que o local atinge. Noutros tempos, contudo, os paracambienses costumavam conversar à sombra de imponentes árvores, hoje reduzidas a pequenas palmeiras.



Fig.15 – Local antes da Praça Cara Nova em 1935. Em primeiro plano, a Rua Dominique Lével ainda no paralelepípedo, fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs>. Acesso em 29/01/2018.

Antes da reforma não existia bem uma praça como nos moldes atuais, pois bem no meio do local cruzava a linha férrea, que se estendia até a Fábrica Brasil. Na figura 15, vê-se o prédio da estação ferroviária com os trilhos atravessando em diagonal, hoje não mais expostos aos olhos, visto que cobertos pela calçada. No local onde terminam os trilhos está instalada uma banca de jornal, que tem à sua direita atualmente um ponto de táxi e a cabine do 24º Batalhão de Polícia Militar; à direita, surge a Avenida Ministro Sebastião de Lacerda, via de chegada rodoviária e à esquerda, a primeira rua a ser calçada em 1951, a Rua Nicanor Pereira, que já não existe mais. Igualmente à esquerda, fazendo parte da atual praça, tem-se o Relógio de Sol. A Praça Cara Nova possui ainda um centro de artesanato da cidade inaugurado em 2015 e o terminal rodoviário.

Dentro do espaço geográfico da Praça Cara Nova há alguns pontos que merecem destaques. O relógio solar⁴⁴ (figura 16) encontra-se em uma das extremidades da praça de frente para Rua Dominique Lével, a antiga Rua Nicanor Pereira. É considerado o primeiro relógio de sol instalado no estado do Rio de Janeiro segundo dados da Câmara dos Vereadores da cidade. A antiga Rua Nicanor Pereira foi a primeira rua a ser calçada antes da inauguração da cidade. Não há registro na Prefeitura de quem tenha sido Nicanor Pereira; sabe-se que foi o primeiro nome da estação ferroviária de Lages, considerada uma das mais antigas (1858), permaneceu como ponta de linha do ramal até 1861, quando surgiu o terminal de Paracambi. Hoje a rua é incorporada à Praça Cara Nova.

⁴⁴ Fonte: <http://www.camarap aracambi.rj.gov.br/relogio.php>. Acessado em 03/12/2017.



Fig.16 – Relógio Solar antes da reforma da Praça Cara Nova, em primeiro plano vê-se a Rua Dominique Lével. Fonte: http://www.rdvetc.com/2007/06/paracambi-e-seropdica-ou-seria_04.html. Acesso em 05/05/2018.

A Avenida Ministro Sebastião de Lacerda é uma continuação da Rodovia RJ 127 que liga a BR 116 a Vassouras e passa por Paracambi, ladeando a linha férrea e a Praça Cara Nova. Sebastião de Lacerda foi Ministro dos Transportes e do Supremo Tribunal Federal na primeira república. Era avô de Carlos Lacerda, que foi Deputado Federal e estava Governador do antigo Estado da Guanabara no ano da emancipação de Paracambi. O local onde se encontra a estação ferroviária e a Praça pertencia a Vassouras, cidade dos Lacerda.

O TUPY SPORT CLUB

Voltando pela Avenida Ministro Sebastião Lacerda, extensão da Rodovia RJ 127, pode-se caminhar cerca de 200 metros até a Rua Nair Ramalho e chegar à sede do Tupy Sport Club (figura 17) que ganha destaque neste roteiro por se tratar do segundo time de futebol criado na cidade. Fundado em 01 de janeiro de 1922 a partir de uma dissidência entre atletas oriundos do Atlético Clube Bangu, fundadores do primeiro clube esportivo da cidade, o Paracamby Futebol Clube criado uma década antes do Tupy e que em 1937 veio se chamar Brasil Industrial Futebol Clube.

A intriga se deu por vários motivos, entre eles, o fato dos atletas, operários da Fábrica Brasil, juntos com os outros vindos de Bangu, não aceitarem algumas imposições por parte dos industriais da época, como não aceitar que alguém “estranho à empresa” fosse designado à diretoria do clube como impunha os diretores da Fábrica. Uma multa por indisciplina também gerou muito incômodo nos atletas, além da mudança do nome do clube e até mesmo a escolha do

padrão de uniforme obedecendo ao gosto dos patrões. Com esses descontentamentos, os atletas fundadores do PFC saíram e fundaram o novo clube, gerando uma grande rivalidade na cidade. Segundo Keller (1997):

Não há condições de apontar uma única versão que tenha impulsionado a dissidência no clube. Contudo, podemos sugerir uma soma de todas as versões a partir de um descontentamento com a direção do clube esportivo. Na primeira versão da dissidência, fica claro o domínio que a direção da fábrica já exercia sobre o clube esportivo. Nesse sentido, o descontentamento dos atletas era reflexo de um controle disciplinar da fábrica na medida em que era ela quem tinha hegemonia na direção do clube – através do seu presidente de honra e da restrição de uma diretoria ligada exclusivamente aos quadros fabris. (KELLER, 1997:96).



Fig. 17. Sede do segundo time de futebol de Paracambi. Foto do autor: 2018.

O estádio se chama Oswaldo Delgado de Moraes, em homenagem ao “maior dirigente da história do clube”⁴⁵. O centro esportivo jamais ocupou outro endereço que não aquele em que até hoje se encontra. Formador de muitos nomes no esporte em suas dependências, o Tupy revelou jogadores como o próprio Nair Ramalho, nome do logradouro onde está instalada a sede do clube. Carlos Alberto Ramalho e Luiz Carlos Ramalho, os alas esquerdos do A.C. Bangu, começaram no TSC e jogaram na Seleção Carioca na década de 1960. Os atletas Ramalho faziam parte da mesma linhagem dessa família, que chegou à região no final do século XIX e instalou a primeira igreja protestante.

Em entrevista cedida no dia 12 de novembro de 2017, o Sr. Humberto Ramalho comenta, mas sem muitos detalhes, sobre seus antepassados que atuaram como atletas de futebol no clube:

⁴⁵<http://cacellain.com.br/blog/?p=3822>. 29/01/2018.

Meu irmão Moisés, o segundo da ordem de chegada, ele gostava muito de futebol e até comprou material, foi juiz da Brasil Industrial (...). Agora nós tivemos na família Ramalho dois excelentes jogadores: Carlos Alberto e Luiz Carlos Ramalho jogaram no Bangu, naquela época em que o Bangu era um time forte, excursionaram pela Europa, *tiveram* na Alemanha depois do fim guerra, ele contou *pra* mim que ficou impressionado com tudo aquilo que ele viu lá (...), esses dois já faleceram. (HUMBERTO RAMALHO, 15/11/2017).

Atualmente, o Tupy não disputa mais os campeonatos estaduais, tornou-se um clube social, porém, desenvolve e participa, com frequência, de outros eventos e competições esportivas na região próxima a Paracambi: partidas beneficentes na cidade, amistosos entre jogadores famosos e artistas são alguns exemplos de eventos comuns no clube.

Lugar tradicional da cidade, o clube também se ocupa de preservar suas próprias tradições. Note-se, por exemplo, o uniforme de seu time de futebol. O padrão da vestimenta (figura 18) se mantém até os dias de hoje:



Fig. 18 – Escudo e Uniforme do TSC. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tupy_Sport_Club. Acesso 5/12/2017.

A IGREJA EVANGÉLICA CONGRAGACIONAL

A congregação está na cidade há 105 anos, completados no mês de setembro de 2017. Localiza-se à Rua Dr. Nilo Peçanha, 222, bem em frente à Praça 13 de Novembro. Trata-se do mais antigo grupo protestante da cidade. O templo faz parte deste roteiro pelo fato de seus primeiros fundadores, membros da família Ramalho, terem trabalhado na antiga Fábrica Brasil

Industrial no final do século XIX e início do século XX, como comenta o senhor Humberto Ramalho⁴⁶. Ele conta que seus avós foram os agitadores das primeiras greves na antiga Fábrica, época em que se “trabalhava de domingo a segunda e de segunda a domingo”, como contou, em fragmento já citado nesta dissertação, a ex-operária dona Francisca da Silva. A respeito do papel da religião, (2009) diz:

A religião como uma das formas de resistência forjada pelos operários têxteis da Brasil Industrial ocorreu devido ao embate entre a ideologia religiosa dos operários protestantes e a ideologia capitalista do patronato fabril. Segundo a concepção de mundo do minoritário grupo protestante (congregacionistas) era inconcebível o trabalho dominical na fábrica, pois “domingo era o dia do senhor”, afirmou uma antiga operária. (KELLER, 2009:5).

Segundo relato do senhor Humberto Ramalho, mesmo antes da grande greve de 1918, que paralisou não apenas as fábricas em Paracambi, mas outras no Estado por muitos dias, estas igrejas tinham como bandeira a redução da carga horária no ambiente fabril. Os evangélicos, por sua vez, já se mobilizavam contra o trabalho dominical pelo menos uma década antes da greve geral, como diz Keller (2009):

Segundo relato de operários este fato ocorreu por volta de 1907 ou 1908, quando um grupo de bíblias (como eram chamados os crentes congregacionistas) não foi trabalhar no domingo e todos foram sumariamente dispensados da fábrica na segunda-feira seguinte. (...) A prática religiosa dos bíblias ameaçava a unidade do sistema social fábrica com vila operária alicerçado na moral católica. (KELLER, 2009:5).

A Igreja Evangélica Congregacional (figura 19) tem uma relação histórica com Paracambi, em primeiro lugar, por seu pioneirismo no culto religioso local, passando por alguns bairros como Serra e Cascata, na zona rural da cidade; em segundo, por ter tido em seus fundadores os primeiros militantes anti trabalho dominical no início das atividades fabris na Brasil Industrial.

⁴⁶ Em entrevista do dia 12/11/2017.



Fig. 19 – Templo da Igreja Evangélica Congregacional em Paracambi. Foto do Autor, 2017.

A RUA DOMINIQUE LÉVEL

Esta rua ganha destaque nesse roteiro por ser a primeira rua transversal do centro de Paracambi logo que se desembarca da estação ferroviária ou do terminal rodoviário e cruza-se a Praça Cara Nova. Não é possível chegar à cidade por esses dois pontos sem atravessar o logradouro que homenageia Dominique Lével (figura 20), primeiro diretor-presidente da Companhia Brasil Industrial, eleito no dia 03 de setembro de 1889 em Assembleia Geral Ordinária (KELLER, 1997:36). Segundo este autor, os antigos operários chamavam o então diretor de “Coronel” ou simplesmente “Seu” Lével. Ao que consta em alguns trechos de entrevistas realizadas por Keller, o Sr. Lével estava sempre presente nas festas do cassino, nas comemorações da padroeira da Fábrica nos meses de dezembro. Foi, ainda, presidente de honra do Paracamby Futebol Clube. Era, portanto, um símbolo do paternalismo industrial.

São da época de sua gestão duas escolas para o ensino dos menores de ambos os sexos, filhos dos operários da Fábrica e dos habitantes de Macacos. As escolas funcionavam no perímetro da Companhia e tiveram o apoio do governo do Rio de Janeiro. A criação do Clube Cassino é outro destaque da gestão de Lével, pois a instituição tornar-se-ia o maior centro social da cidade até os dias de hoje.

Ele foi o grande símbolo na história da Fábrica Brasil, uma autoridade conhecida e reconhecida no meio operário. Muitos relatos antigos o descrevem como uma figura não apenas patronal, mas paternal. Em entrevista concedida a Keller (1992), Dona Francisca da Silva Cruz, ex-operária da Fábrica Brasil, cujos pais - também ex-operários - conviveram com o diretor

presidente, descreve Lével a partir do que ela ouvia deles; ela ainda se recorda da missa de 7º dia do então presidente, época em que, ainda criança, estudava no colégio da falecida Maria Cândida:

Eu me lembro que teve a missa do Dominique Lével, eu estava no colégio e eu fui *prá* lá com seis anos de idade. Eu sei que falou: morreu o diretor da fábrica, Dominique Lével, vai ter a missa dele. Então fizeram a missa primeira no campo, então as professoras tudo levaram os seus colégios. Eu sei que nós assistimos a missa lá no campo. O pessoal gostava dele, eu sei que no tempo dele os operários tinha muito direito, os outros é que chegaram é que tiraram o direito que *os operários tinha*. Ele dava muita coisa *aos operário*, favorecia muito os operários. Meu pai, minha mãe sempre conta. Eu não entendia nada naquele tempo, mas eles contavam muito. O Dominique Lével, que ele fazia, por exemplo, agora vem natal, ele mandava dar roupa *aos operário*, ao pessoal da fábrica para ter suas roupinhas novas no natal. Então ele botava tudo quanto é qualidade. Cada operário tinha direito a ganhar uma boa bolsa *pra* levar para casa passar o natal com sua família. Festa na fábrica, de véspera da festa ele mandava *nas sala*, nas *seção*, de máquina em máquina entregar dinheiro para o pessoal comprar doce na festa. (...) Tinha as festas no domingo e as festas iam até 2 h da madrugada, 3 h da madrugada, então ele dava o dia de segunda-feira, quer dizer que no dia de segunda-feira o pessoal não trabalhava, mas ganhava. No tempo dele era assim, o pessoal gostava muito dele. Ihh! O pessoal falava era seu Lével, não falavam Lével não, era Lével, seu Lével era bom (...). (DONA FRANCISCA DA SILVA, 14/11/1992).



Fig. 20 – O diretor Presidente da Antiga Companhia Têxtil Brasil Industrial em Paracambi. Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=369381&pagfis=1510&url=http://memoria.bn.br/docreader>. Acesso em 08/12/2017.

Dominique Lével fazia questão de acompanhar tudo de perto. Foi o primeiro organizador da festa da padroeira e estava sempre presente na procissão, nas festas de carnaval e nos jogos de futebol. Com ele, as festividades, principalmente a de dezembro em homenagem à Nossa Senhora da Conceição, ganharam repercussão regional e até na capital, sendo divulgadas na imprensa, o que atraía gente de vários lugares. O periódico *A Época*, de junho de 1913⁴⁷, fala da festividade religiosa em Paracambi. O senhor Lével é descrito como “venerado e honrado ancião Coronel Dominique Lével”. Com tanto prestígio assim, a figura do então diretor presidente da Fábrica Brasil consolidou-se como símbolo do “bom patrão industrial”. Mesmo desconhecido da população atual, ganhou uma homenagem ao nomear um dos principais logradouros da cidade.

Em toda sua extensão, a rua dispõe de diversos estabelecimentos comerciais. Nela também se encontram a Igreja Matriz de São Pedro e São Paulo, padroeiros do município. O cinema da cidade fica na esquina que a rua forma com a Dr. Nilo Peçanha, um trecho da via Paracambi-Vassouras, onde se encontra o único sinal de trânsito do município.

No outro extremo da Rua Dominique Lével, temos uma ponte (figura 21 e 22) sobre o Rio dos Macacos, inaugurada pelo então prefeito Antônio Apecuitá em 1964. Nada restou dessa construção que fora destruída por uma enchente. A primeira imagem mostra toda extensão da Rua Dominique Lével, de onde pode ser avistada, ao centro da imagem, a antiga matriz de São Pedro e São Paulo, primeira paróquia da região. A segunda mostra o lado oposto da rua no sentido bairro do Sabugo. Nesta imagem, à direita do observador e antes da ponte, ficava o famoso Bico do Urubu, a respeito do qual trataremos na sequência.



Fig. 21 e 22 – Respectivamente a mesma ponte no mesmo período de sua inauguração em 1964. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs>. Acesso em 22/12/2017.

⁴⁷ *A Época*, de junho de 1913 do Rio de Janeiro. Fonte: <https://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em 01/05/2018.

BICO DO URUBU

No local próximo de onde se encontra, atualmente, a peixaria do Nildo, aos fundos do Supermercado *Berg's*, ainda no início do século XX havia se instalado um matadouro responsável por descartar no Rio dos Macacos todo o rejeito do beneficiamento primário dos animais ali mortos, o que acabou atraindo muitos urubus, que vinham se alimentar do farto banquete. Até hoje a área ao redor da ponte atrai essas aves em busca de alimentos deixados pelos rejeitos da peixaria às margens do rio.

Não há imagem que possa precisar o local onde ficava a sede do Bico do Urubu, tampouco documentos que provem sua existência como clube social, o material a que esta pesquisa teve acesso foi nada mais que relatos sobre esse ponto histórico na cidade. Ao que parece, o local que as pessoas não brancas frequentavam surge em um momento de tensão entre os que eram aceitos no já existente Cassino Social e os que tentavam ser, rejeitados por sua cor de pele, como narra um ex-operário:

Lá fora tinha um clube chamado Bico do Urubu, (...) ele era ao lado onde hoje funciona a peixaria e no local da peixaria tinha um matadouro, o que atraía muito urubu. Do lado dele um grupo de pessoas se reunia para dançar carnaval. (OTACILIO LIMA, 18/05/2011).

O Bico do Urubu não era um local somente frequentado por pessoas negras como foi relatado anteriormente. Brancos também dividiam o mesmo espaço, uma vez que no Clube Cassino havia muitas regras rígidas impostas pelos diretores da Fábrica Brasil, as quais proibiam, entre outras práticas, a aproximação íntima entre casais ou a entrada no recinto com roupas muito curtas. Segundo Percy Otaviano, ex-funcionário da Fábrica entre os anos de 1950 e o ano de seu fechamento - também diretor do Cassino por dois anos - diz:

Tinha um clube lá fora chamado Bico do Urubu, o pessoal saía tudo aqui do Cassino e ia tudo *pra* lá, porque no Cassino era tudo muito (...) se o casal tivesse dançando e desse um beijo, o diretor ia lá e chamava a atenção. Aí depois foi mudando né, agora no Bico do Urubu o bicho pegava, era largado, era bom lá. (PERCY OTAVIANO, 18/11/2017).

A IGREJA MATRIZ DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO

Criada Lei Prov. Nº 77 de 29 de dezembro de 1836, a edificação foi selecionada para este roteiro por sua localização privilegiada e importância histórica. Tudo leva a crer ter sido o lugar que hoje a igreja abrigou o primeiro povoado na região do atual município. O reconhecimento

deste povoado religioso se deu graças ao crescimento da cafeicultura e por sua localização, um de passagem obrigatória para quem viajasse entre as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e o Estado de Minas Gerais. A produção agrícola de Valença e de Vassouras passava através da estrada Presidente Pedreira, décadas antes da implantação das fábricas de tecidos no município. Com o tráfego na Estrada de Ferro Dom Pedro II, em 1861, viveu o povoado um surto de progresso, ainda mais acentuado quando ali foram instaladas, pouco depois, as fábricas de tecidos de algodão Companhia Brasil Industrial e Tecelagem Santa Luisa.

O fato do primeiro núcleo habitacional de Paracambi ter surgido a partir da igreja católica, localizada primitivamente onde hoje se encontra o Depósito Central de Munição do Exército Brasileiro (DCMUN), a transferência de local do templo religioso com sua construção na primeira metade do século XX e a emancipação política em 1960 fizeram com que os oragos dessa instituição se tornassem os padroeiros do novo município, celebrados todos os anos no dia 29 de junho, feriado na cidade. A fotografia (figura 23) mostra o templo nos dias atuais.



Fig. 23 – Matriz de São Pedro e São Paulo, Rua Dominique Lével, 35 – Centro. Foto do autor 2017.

Com pedra fundamental lançada em 1929 pelo então pároco iguaçuano João Musch, que chegou ao local no ano anterior, foi inaugurada somente em 1948, quase duas décadas depois do início das obras. A paróquia sofreu várias mudanças em sua liderança e, conseqüentemente na arquitetura de seu templo. A maior delas foi a torre sineira. Originalmente ela apresentava traçados neogóticos (figura 24), bem diferente do partido atual, que possui a mesma seção

quadrada da anterior, mas se diferencia pelo arremate de seu coruchéu. A primitiva pontiaguda e a atual formada por ameias em todo o seu perímetro quadrado se assemelham às fortificações medievais. Formada por dois níveis, a torre menor é encimada por uma cruz latina e quatro autofalantes. A torre maior possui um relógio em algarismos romanos, posicionado frontalmente à Rua Dominique Lével, além de janelas de óculo em suas quatro faces servindo de iluminação.



Fig. 24 – Rua Dominique Lével, esquina com a Avenida dos Operários onde passavam os trilhos do trem que ia até a Fábrica Brasil de onde se avista a antiga torre da Matriz de São Pedro e São Paulo, final da década de 1940. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs>. Acesso em 22/12/2017.

A FAZENDA SABUGO

Apesar da distância de quase dois quilômetros da estação de Paracambi, esta fazenda (figura 25) que dá nome ao bairro traz histórias muito curiosas sobre a região e contribuiu com a economia da cidade. Chega-se ao local a partir da Praça Cara Nova, dobrando à esquerda na Rua Dominique Lével até o seu final, quando se chega ao bairro do Sabugo⁴⁸. Seus donos eram de Valença e chegaram à região com o intuito de instalar um grande olaria, com grande produção de tijolos que eram transportados e vendidos para empresas do Rio de Janeiro. A produção era tão grande que foi construída uma linha férrea. Os tijolos e demais produtos da olaria eram colocados numa plataforma sobre rodas, puxada por burros pelos trilhos até a estação, onde eram embarcados nos vagões de carga; sua marca era um pequeno leão em encavo localizado em uma das faces maior do tijolo.

⁴⁸ Fonte: <http://www.portalparacambi.com/curiosidades.htm>.



Fig. 25 – Sede da Fazenda Sabugo, década de 1940. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs>. Acesso em 22/12/2017.

A fazenda hoje está em ruínas, mas quando foi vendida no final da década de 1940 encontrava-se com toda sua beleza arquitetônica. O novo proprietário, Sr. Flores, desativou a olaria, para tristeza dos operários desempregados e prejuízo da economia local. Em 1951 foi feito um loteamento em parte das terras da fazenda que se estende até a Rua Dominique Lével.

Em conversa informal com moradores do bairro quando se pesquisava a origem do nome sabugo, uma mesma história surgiu em várias ocasiões. Contou-se que nos anos de 1920 a fazenda era grande produtora de laranja, chegando a exportar para o exterior. A produção do fruto se estendeu até início dos anos de 1950, paralela à produção de tijolos, época em que a propriedade já havia sido vendida. Ex-operário da Brasil Industrial, o Sr. Ramalho conta também que a produção de laranja era tão grande que o rio chegava a ficar amarelo com os rejeitos que a fazenda descartava dos frutos que não serviam à exportação. Os moradores locais viviam colhendo os frutos que boiavam por toda a extensão do afluente.

A olaria fez história em Paracambi, aquele prédio lá que está abandonado, que é uma coisa triste né, vê aquilo naquela situação, aquela chaminé enorme, quanta história. Lá no Sabugo, hoje Vila Nova do Sabugo, tinha a olaria fabricando tijolos e além da fabricação de tijolos tinha o cultivo da laranja, olha, era uma coisa extraordinária! E na época da colheita quando eles iam selecionando, as pequenininhas jogavam no rio, aí meninada toda pegando, pescando laranja, laranja, amarela. (HUMBERTO RAMALHO, 15/11/2017).

Além de grande produtora de laranja, a fazenda também tinha muito gado e havia plantação de milho que servia de alimento aos animais. A água era farta uma vez que próximo à propriedade passasse o Rio Ingá, cuja nascente fica na Serra do Saudoso e a foz, no Rio das

Lages. Em uma forte chuva na década de 1930, o moinho que servia de triturador fora destruído pelo temporal causando grande ruína e espalhando os sabugos das espigas de milho por toda a propriedade. A partir daí a toponímia do bairro foi estabelecida em cima desse fato ocorrido na fazenda que, oficial ou não, acabou sendo o nome da propriedade e que até hoje é conhecida como Fazenda Sabugo.

A região do bairro Sabugo certamente fora ocupada pelos escravos da Fazenda Santa Cruz, proprietária das terras antes mesmo dos industriais do tecido chegarem durante a segunda metade do século XIX. O que sobrou da fazenda (figura 26) provoca indignação da população adjacente, que exige do poder público o tombamento e a transformação do local em uma biblioteca comunitária. O bairro se desenvolveu a partir de uma propriedade rica em estórias que só os moradores sabem contar. Por um bom tempo, ela contribuiu para a economia da cidade junto com a Fábrica de tecidos da Cascata e Fábrica Brasil Industrial.



Fig. 26 – Ruínas da Fazenda Sabugo. Foto do autor 2017.

AVENIDA DOS OPERÁRIOS

Ganhou esse nome por ser o principal acesso à Fábrica Brasil Industrial, caminho por onde milhares de operários, a pé ou de bicicleta, transitaram diariamente durante mais de um século. Por este motivo ela faz parte deste roteiro, além de guardar vários pontos interessantes que contam um pouco da história da cidade.

Famosa pela antiga vila operária da Fábrica Brasil, data do final do século XIX, tendo sofrido modificações ao longo do século XX. Ela se inicia na Rua Dominique Lével, como pôde ser visto na figura 24; tem pouco mais de 1 km de extensão, distância percorrida pelo trem até o

complexo fabril. Hoje pode ser dividida em cinco partes muito distintas: a primeira caracteriza-se pelo comércio (apesar de algumas residências); a segunda parte da via é formada por repartições públicas como O Banco do Brasil, a Câmara dos Vereadores, o Posto de Saúde Municipal, uma escola pública, o Fórum e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB); a terceira parte, já depois da ponte sobre o Rio dos Macacos, compõem-se majoritariamente de residências e de alguns poucos estabelecimentos comerciais, muitos deles anexados às moradias de seus habitantes; a quarta é a área do lazer, onde estão o Cassino Social, o complexo esportivo e a Praça Castelo Branco - apesar deste último espaço geográfico ser uma mescla de residências e alguns estabelecimentos comerciais, principalmente de alimentos, seus destaques são o Clube e a Praça; por fim, a quinta parte da Avenida é marcada pelo complexo fabril, suas casas gerenciais e pela capela.

Na figura 27, pode-se ver uma imagem da avenida nos dias de hoje, no trecho que vai da metade de sua extensão até o início, a partir da pequena ponte sobre o Rio dos Macacos, antigo marco geográfico que separava a região dos municípios de Itaguaí e de Vassouras. Neste ponto da avenida, ou seja, a primeira metade, não havia casas da vila operária que só exista, efetivamente, depois do rio no sentido Fábrica.



Fig. 27 – Avenida dos Operários vista do meio para o início. Em frente ao carro estacionado à esquerda fica o BIEC, no lado oposto o CEPRA. Foto do autor 2017.

Bem no início, em meio à avenida por onde passavam os trilhos, encontra-se hoje uma calçada com uma fileira de Palmeiras Imperiais dividindo a via em duas faixas. Nessa divisão há um jardim, bancos de praça e uma escultura em bronze (figura 28) homenageando o ex-governador do Rio de Janeiro Roberto Silveira, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), primo do primeiro prefeito da cidade Délio Basílio Leal.

O governador teve uma grande importância no processo de unificação dos dois distritos, o sétimo de Vassouras, denominado Taireté e o Terceiro de Itaguaí, denominado Paracambi. Há relatos de que o governador só havia visitado a nova Paracambi uma vez e mesmo assim de helicóptero por conta das fortes chuvas que assolaram o Estado. O governador morreu em 1961, após graves ferimentos causados em um acidente aéreo na cidade de Petrópolis, região serrana no Rio de Janeiro. Seu nome está imortalizado em uma via que dá acesso ao bairro da Cascata.



Fig. 28 - Escultura de Roberto Silveira no início da Avenida dos Operários no Centro. Foto do autor 2017.

A partir desse ponto, à direita, no sentido Fábrica, ficava o primeiro posto de gasolina da região com data de 1930⁴⁹. Seu proprietário chamava-se Manoel Florio Corrêa, conhecido como Dedeco, como afirmou o Sr. Humberto Ramalho em entrevista no dia 15/11/2017.

Seguindo a avenida, logo após a Câmara Municipal de Paracambi, tem-se à esquerda um dos mais antigos colégios públicos da cidade, o Colégio Estadual Presidente Rodrigues Alves (CEPRA). A fotografia é de 1963 (figura 29). Hoje a imagem da escola não corresponde a que aqui é mostrada, pois o complexo ganhou um muro e algumas árvores.

Construído em tom modernista na forma de grande caixotão retangular horizontal e vãos separados por pilotis, que formam duas colunatas, segue o mesmo estilo do famoso Edifício Gustavo Capanema, antigo prédio do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, respeitando as devidas proporções de gabarito. Inaugurado em 1954, o maior colégio estadual do

⁴⁹Fonte: www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs. Acesso em 22/12/2017.

município teve seu primeiro nome de Grupo Escolar Presidente Rodrigues Alves, depois Escola e por fim Colégio. Com a enchente da década de 1960, todo o seu antigo arquivo foi perdido e por isso há carência de informações sobre a instituição de ensino.

Difícilmente se encontra um cidadão paracambiense que não tenha estudado no CEPRA nos últimos cinquenta anos, pois ele foi e ainda o é a maior referência escolar para todos os cidadãos da cidade.



Fig. 29 – Colégio Estadual Presidente Rodrigues Alves, o CEPRA, década de 1963. Fonte: www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs. Acesso em 22/12/2017.

Bem em frente à escola costuma-se armar um palanque para as comemorações dos desfiles cívicos de emancipação da cidade, que data de 8 de agosto. No mesmo local aconteciam os desfiles das escolas de samba da cidade e as festividades do dia *corpus christi*, entre outros eventos.

No lado oposto da avenida temos o campo de futebol e a sede do Brasil Industrial Esporte Clube ou simplesmente BIEC (figura 30), fundado em 01 de maio de 1912 com o nome Paracambi Futebol Clube. Era formado por funcionários da antiga Fábrica e por um grupo de jovens vindo do Bangu Atlético Clube, idealizadores do clube.

A oficialização do clube de futebol de Paracambi só se deu em 16 de julho daquele ano. Já em 1937, o antigo clube mudou de nome para BIEC, designação que permanece até os dias de hoje. Porém, a população da cidade, quando quer se referir ao primeiro time de futebol, preferem fazer uso de seu antigo nome.

Antes de se instalar no local que está hoje, durante a primeira metade do século XX, o BIEC ficava no lugar onde hoje se encontra o CEPRA. Em 1932 a área sofreu uma grande enchente e duas décadas depois o BIEC se mudou para onde hoje se encontra.



Fig. 30 - Sede do time de futebol da antiga Fábrica Brasil Industrial de Paracambi. Foto do autor, 2017.

Do mesmo lado direito da avenida e logo após o clube esportivo, tem-se o Fórum Emilio Carmo, primeiro juiz da cidade, que foi por dois mandatos o presidente da Associação dos Magistrados Fluminenses (AMF). Seu nome figura como logradouro onde fica a atual prefeitura do município, na estrada Lages-Paracambi. A instalação do fórum foi realizada em 09/6/1961 pelo Presidente do Tribunal de Justiça, o Desembargador Nestor Rodrigues Perlingeiro.

RIO DOS MACACOS

Margeando o Fórum, temos o Rio dos Macacos. Rasgando a cidade de norte a sul, foi durante muito tempo o divisor geográfico do pequeno povoado, que abrangia terras dos municípios de Itaguaí e Vassouras. Em 1901, a parte pertencente a Itaguaí, ao lado norte e onde está a Fábrica Brasil, foi elevada à categoria de distrito com o nome de Paracamby, originalmente “Para-camby” cujo significado é macaco pequeno. O lado pertencente a Vassouras continuou como povoado de Macacos até 1915 quando foi elevado à condição de Vila de Paracamby, sede do distrito daquele município; porém, em 1938, teve o nome mudado para Taireté. O Rio dos Macacos é o principal afluente do Rio das Lages e muitos paracambienses tiravam seu sustento daquele rio. É difícil de imaginar como o rio, no passado, serviu à

população com tanta fartura de peixes e águas para um banho em dias quentes. Há relatos que apontam o Rio dos Macacos (figura 36) como uma fonte de alimento da cidade, um tempo áureo que não volta mais devido à poluição e a escassez de águas.



Fig. 31 – Rio dos Macacos, Foto do autor, 2017.

Um ex-funcionário da Fábrica, seu Davi, comenta que tomou muito banho no Rio dos Macacos e que no seu tempo de juventude, além de água limpa, o peixe era muito abundante a ponto de ele encher sacos ou bacias com peixes, principalmente quando as comportas do açude eram fechadas, deixando o rio perene e facilitando a captura dos peixes.

O rio tinha muita água, muita água, cansei de tomar banho ali, o interessante é que quando chegava o final do ano eles esvaziavam o açude *pra* fazer limpeza, aí quando fechava o açude o rio ficava seco, aí o pessoal entrava *pra* pegar peixe, o pessoal chegava a sair de saco, era muito peixe, pescava-se com facilidade. (DAVI ROMEIRO, 15/11/2017).

A VILA OPERÁRIA

Mencionada anteriormente, foi um importante núcleo urbano da região. O primeiro, o de São Pedro e São Paulo ainda no século XIX, originalmente formado nas dependências do atual quartel do Exército Brasileiro, instalado nas antigas terras da Fazenda Ribeirão dos Macacos, não

possuía o mesmo volume de residências que teve, posteriormente, a vila operária da Fábrica Brasil, que totalizava 345 casas (figura 32 e 33), segundo Natal e Natal (1987).



Fig. 32 e 33 – Exemplares de casas da antiga vila operária. Foto do autor 2017.

A vila que teve início na década de 1880 foi ganhando novas construções à medida que a Fábrica aumentava sua capacidade produtiva e os operários iam surgindo. Na figura 34, vê-se a antiga Avenida dos Operários em uma época em que a vila ainda não havia sido construída. As casas da antiga vila que conhecemos hoje não foi o primeiro local de moradia desses operários. Segundo Keller (1992), os operários se instalaram em uma primitiva construção:

Os primeiros trabalhadores têxteis ocuparam num primeiro momento da instalação da Fábrica de tecidos Brasil Industrial a senzala que foi anteriormente ocupada pelos escravos da antiga Fazenda de Macacos: “os empresários ocuparam a antiga casa-grande de dois andares, recentemente convertida em hospedaria para cem menores que empregamos”, um depósito e a senzala dos escravos ao lado do forno. (KELLER, 1992:25).

Havia duas vilas operárias em Paracambi. A primeira pertencia e era administrada pela Fábrica Brasil Industrial, tinha casas na Avenida dos Operários, Rua Dr. Barcelos, Rua Plínio Soares, Rua Américo Rodrigues Ferreira, entre outras. Já a segunda vila ficava no Bairro da Cascata e era administrada pela Fábrica Maria Cândida. Segundo Keller (1992), o sistema fábrica com vila operária constituía:

Um conjunto de relações sociais que se estabelecia entre o espaço da fábrica (trabalho) e o espaço da vila operária (moradia dos trabalhadores), sendo o espaço da moradia subordinado ao espaço do

trabalho na medida em que a fábrica é proprietária das casas desses mesmos operários, conseqüentemente o trabalhador além de ser operário da fábrica é também inquilino do imóvel desta mesma fábrica. O que transforma uma relação patrão-empregado num relacionamento duplo tendendo a ser total: Patrão (locador) X operário (locatário). (KELLER, 1992:7).

As vilas eram geridas pelas direções das fábricas e só residiam operários que trabalhavam nessas fábricas, assim como seus familiares. Se um dos chefes da família perdesse o emprego, por exemplo, bastava um filho trabalhar na Fábrica para garantir o imóvel, por isso era muito comum vários membros da mesma família trabalharem.



Fig. 34 – Antiga Avenida dos Operários antes da construção da vila operária, fotografia batida do Morro do Parque.
Fonte: www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs. Acesso em 23/12/2017.

Na imagem acima, por volta de 1920, veem-se algumas casas da antiga vila, mas não às margens da Avenida por onde passava o trem vindo da estação de Macacos, à esquerda. As primeiras construções foram sendo ocupada a certa distância da linha férrea, que seguia para o terminal no pátio da Fábrica Brasil à direita da imagem. Essa fotografia foi batida do alto do Morro do Parque, que pode ser observado na figura 35. O local tem esse nome por conta do parque instalado pelos industriais em períodos festivos, além de um salão de bailes.



Fig. 35 – O Morro do Parque na década de 1930, autor desconhecido. Essa fotografia foi tirada do Cassino em frente à antiga Praça Castelo Branco. Fonte: www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs. Acesso em 03/01/2018.

O Sr. Percy Otaviano, ex-funcionário da Fábrica Brasil, conta que o parque era cercado por grandes e pesadas placas de zinco formando uma espécie de cerca. Essas placas (figura 36) hoje formam o muro do atual estádio de futebol do BIEC. O morro continua no mesmo lugar, porém cercado agora de casas da antiga vila operária e completamente desconhecido da população, pois seu uso se deu no início do século XX e, portanto, não há mais moradores desse período.



Fig. 36 – Muro do atual estádio do BIEC na Avenida dos Operários, formado pelas antigas placas de zinco que cercava o parque no morro do mesmo nome. Fonte: www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs. Acesso em 23/12/2017.

O SINDICATO DOS TÊXTEIS DE PARACAMBI

O sindicato dos Têxteis de Paracambi localiza-se à Rua Dr. Barcelos, no número 247 (figura 37), próximo à Fábrica Brasil, um logradouro pacato, formado pela segunda etapa de casas da vila, repleta de árvores amendoeiras e por onde passa um afluente do Rio dos Macacos. A rua fica paralela à Avenida dos Operários e há várias pequenas passarelas sobre o córrego, que mede cerca de cinco metros de largura e uma única ponte por onde passam carros, nomeada, Ponte dos Tecelões em homenagem aos profissionais da Fábrica Brasil. o prédio onde funcionou o Sindicato dos Têxteis de Paracambi encontra-se fechado e vazio.

Fundado oficialmente em 1966, em plena ditadura militar, o sindicato era até então uma sucursal da União dos Operários em Fábricas de Tecido (UOFT), fundada em 1917⁵⁰, mas que começara suas atividades de lutas já no ano de 1914. Este ponto faz parte do roteiro por se tratar de uma instituição histórica na região, ligada às lutas de classe na cidade.



Fig. 37 – Sede do antigo Sindicato dos Têxteis de Paracambi na década de 1990. Fonte: www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs. Acesso em 23/12/2017.

As reuniões sobre a formação de um sindicato específico em Paracambi aparentemente começaram em 1963 a partir de uma associação de trabalhadores têxteis, criada por um grupo de operários, cujo primeiro presidente foi Domingos Tresse, um contramestre geral da Fábrica Brasil Industrial e depois da Maria Cândida. Segundo ele, havia uma delegacia do sindicato dos

⁵⁰ Segundo Leila Cristina Pinto Pires em seu artigo: A organização da União dos Operários em Fábricas de Tecidos (UOFT) entre os anos de 1917 e 1918, publicado em 2014, a data oficial para a sua criação é reconhecida por seus membros como sendo 04 de agosto de 1917. Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n°.910. 24 de janeiro de 1918, p.1.

trabalhadores de fábricas de tecido em Niterói e todo dinheiro arrecado em Paracambi nas duas Fábricas de tecido iam para aquela cidade. Vendo que isso não estava dentro de seus ideais, o Sr. Tresse funda a associação, que mais tarde, em 1966, viria a ser o Sindicato dos Têxteis de Paracambi,

Eu cismeiei de criar um sindicato em Paracambi, porque aqui em Paracambi só tinha uma delegacia do sindicato de Niterói, só tinha aqui um delegado, que era uma tremenda tapeação. Então toda nossa renda da Brasil Industrial e da Maria Cândida ia tudo pra Niterói, nós tínhamos muito pouco em troca, tinha lá um médico uma vez por semana, um dentista, então eu resolvi com mais alguns amigos criar uma associação, um sindicato e tal onde eu fui o presidente. (DOMINGOS TRESSE, 30/07/1992).

O relato aqui mostrado foi obtido do primeiro idealizador do movimento sindical na cidade, o Sr. Domingos Tresse, e por isso é baseado por de seu ponto de vista, pois não há estudos a respeito do sindicato dos trabalhadores têxteis em Paracambi. A entidade, quando foi criada, era uma sucursal de Niterói e, até se tornar sindicato independente, levou alguns anos.

O Sr. Tresse teve que renunciar à presidência da associação para que esta se tornasse sindicato. Naquela época, eram necessários dois meses para uma associação se transformar em sindicato; em Paracambi, o processo durou mais de dois anos, pois não era interessante para a delegacia da União dos Operários em Fábricas Têxteis (UOFT) que a cidade tivesse uma sede própria e que ele, o Sr. Tresse, fosse o líder, pois, segundo relata o próprio ex-operário, havia uma briga pessoal que gerou muitos conflitos, por ele se tratar de uma pessoa muito politizada e preocupada com o bem-estar dos operários da cidade, como ele mesmo diz:

Nós levamos uma grande pressão, que foi justamente os delegados de Paracambi não interessava criar o sindicato (...). Então eu e os outros lutamos muito *pra* que isso acontecesse, nessa época eu já tinha saído da Brasil Industrial e já estava como contramestre na Maria Cândida, nem era para eu está me envolvendo com sindicato, mas eu pensava muito naquela situação, em melhorar Paracambi, ter um sindicato, então eu me apeguei a um fiscal do Ministério do Trabalho, que nos ajudou muito, então nós lutamos muito *pra* que essa associação virasse um sindicato e só foi possível quando eu renunciei, quando eu e os outros companheiros renunciemos logo foi transformado em Sindicato dos Têxteis de Paracambi. (DOMINGOS TRESSE, 30/07/1992).

Esses conflitos são apontados por um ex-operário⁵¹ em uma entrevista que essa pesquisa realizou em setembro de 2016, além de outra⁵² entrevista realizada por Keller em 1991 e

⁵¹ O Sr. Álvaro Teixeira trabalhou do início de 1968 ao final de 1970, dos 16 aos 18 anos.

⁵² O Sr. Domingos Tresse começou a trabalhar na Cia. Têxtil Brasil Industrial em 1952 com 14 anos.

gentilmente cedida a esse trabalho. Essas entrevistas funcionam como instrumento de luta política, dando voz a quem não tem voz.

A história das lutas de classe na região de Paracambi começa com uma forma de resistência dentro das religiões cristãs⁵³. Segundo Keller (1992), nos primeiros anos do século XX, grupos religiosos crentes recusaram-se a trabalhar no dia de domingo, alegando que este dia, segundo a Bíblia Sagrada, era o dia do Senhor. Já o grupo católico também reivindicava seu dia; na verdade queriam expressar sua devoção a São Jorge no dia 1º de maio.

Entrevistado por Keller em 23/08/1995, o presbítero da igreja evangélica Congregacional em Paracambi Humberto Ramalho, que trabalhou na Fábrica Brasil Industrial nos anos de 1950, conta que seu avô, um dos fundadores da congregação da região em 1900, que foi a primeira igreja evangélica no antigo povoado de Taireté, se recusou a trabalhar nos dias de domingo.

O pai do meu pai chegou aqui vindo do Rio, ele veio *prá fundá* a igreja na região onde o catolicismo imperava, não foi fácil, meu pai dizia que eles passaram por muita dificuldade e perseguição também, por volta de 1908 meu pai, meu avô e um monte de irmãos foram todos mandados embora porque faltaram o trabalho no domingo, não tinha conversa, naquela época vovô pegava 6h da manhã e só largava 8h da noite, até no domingo. (HUMBERTO RAMALHO, 23/08/1995).

Com este depoimento, vimos que as insatisfações com as condições de trabalho oferecidas pelo patronato da época são de longa data. Na região da antiga Paracambi, elas começaram bem antes da greve geral de 1918 e continuaram ao longo de todo o século XX. Trabalhadores que se submetiam a um regime de trabalho muito intenso nas fábricas têxteis nos primeiros anos da República não tinham muita opção. Ou aceitavam as duras condições impostas pelos patrões ou voltavam para o campo⁵⁴

A NOVA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Apesar de nova, essa capela (figura 38) e seu orago tem uma importância muito grande para o operariado da Fábrica Brasil Industrial. Nossa Senhora da Conceição virou padroeira da Fábrica após um incêndio ocorrido nos primeiros anos de atividade, ainda no século XIX, e por

⁵³ Católicos e protestantes

⁵⁴ Do final do século XIX até a primeira metade do século XX há uma migração intensa de camponeses vindo de Minas Gerais e Espírito Santo (Relatório anual da fábrica de 1947).

isso merece destaque nesse roteiro. Sua história começa em 1880 com a construção da antiga capela, o que será relatado mais adiante.



Fig. 38– A nova capela de Nossa Senhora da Conceição, foto tirada da calçada do antigo casarão, que pertencia aos gerentes da Brasil Industrial. Fonte: www.youtube.com/watch?v=M5El10QPVhs. Acesso em 23/12/2017.

Mas o que se quer destacar nessa imagem é o morro atrás da capela. Trata-se do antigo cemitério da Fábrica e não há nenhum vestígio funerário da época no local e a área hoje pertence à prefeitura. Segundo Keller (1992), o cemitério foi construído em 1891 em terras da Companhia. A via à esquerda da imagem é a Rua Coronel Othon, um dos irmãos dessa família que adquiriu a Companhia Têxtil em 1955. O Grupo Othon Bezerra de Mello administrou a Companhia Brasil Industrial até a década de 1980 e foi responsável pela venda das casas da vila operária na década de 1970 e de outras propriedades da Fábrica.

A PRAÇA CASTELO BRANCO

Este ponto ganhou destaque no roteiro não apenas por ser a porta de entrada da Fábrica Brasil, mas por ser, além da maior área de lazer da cidade, o lugar dos maiores encontros sociais de Paracambi, pois neste reduto está o Cassino Social, a antiga capela de Nossa Senhora da Conceição, além da própria praça com seu palco em formato de concha que substituiu o velho coreto. A praça é contornada pela Avenida dos Operários e pela Rua Américo Rodrigues Ferreira, antigo escrivão de Paracambi. Ela passou por várias modificações arquitetônicas ao longo da história da cidade e tem este nome em homenagem ao primeiro General ditador após o golpe de 1964.

Na figura 39, vemos a praça na década de 1980. É possível identificar um forte rigor geométrico na sua composição paisagística, além do edifício da esquerda onde funcionou uma escola noturna, o açougue e o armazém da Fábrica Brasil. Acima do prédio da direita, há uma pequena clareira na copa das árvores destacado pela seta; trata-se da torre sineira da antiga capela de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Fábrica Brasil.



Fig. 39 – A Praça Castelo Branco em 1983, autor desconhecido. Fotografia tirada na direção em que está o antigo Morro do Parque, mas certamente posicionada do alto de alguma casa da Rua Américo Ferreira. Fonte: www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs. Acesso em 03/01/2018.

É nesta Praça onde acontecem os grandes eventos artísticos da cidade, uma vocação muito antiga do local que usava o antigo coreto como palanque (figura 40), onde a banda da região se apresentava e aconteciam os bingos nos períodos festivos como, por exemplo, a grande festa da padroeira da Fábrica em dezembro. Hoje o espaço é mais conhecido como Praça do Cassino ou Praça da Concha Acústica, e conta com um grande palco com uma cobertura geodésica formando uma concha. No relato do Sr. Afonso⁵⁵, um ex-operário e ex-músico da banda, realizada por Keller em 1995, comenta-se sobre isso:

Tinha um leilão no dia da festa, às vezes no sábado, se a festa caísse no domingo e no dia seguinte fosse feriado, então se fazia um leilão no dia e na véspera da festa. A fábrica dava uma porção de coisas, os compradores ofereciam também uma porção de coisas para colocar no leilão, que era feito em uma daqueles coretos, ali dentro tinha mais de um coreto, uns dois ou três coretos, alguns já foram destruídos já. (...) Depois da procissão tinha a banda tocando no coreto em frente à fábrica *pra os*

⁵⁵ Ex-operário, era flautista da banda de música da antiga Fábrica Brasil e filho de ex-operária. Esta trabalhou no início do século XX. Seu pai era escrivão Américo Rodrigues Ferreira, nome de uma rua que contorna a praça. Essa entrevista foi realizada em 22/08/1995 por Paulo F. Keller e gentilmente cedida a esta pesquisa em setembro de 2016.

operários dançarem e os diretores com suas famílias também, todos dançavam, tinha muito respeito. (AFONSO FERREIRA, 1995).



Fig. 40 – Um dos coretos na década de 1909, autor desconhecido. Fonte: www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs. Acesso em 03/01/2018.

O CLUBE CASSINO

O Clube, ao qual se fez referência nesta dissertação diversas vezes, ganha destaque neste roteiro por ser a segunda construção mais imponente do período industrial em Paracambi, ficando atrás apenas da própria Fábrica Brasil Industrial. Localizado nas mediações da Praça Castelo Branco, o Clube Cassino (figura 41) teve sua construção datada de 1894 e foi feita por iniciativa do diretor Dominique Lével, que concedeu ao operariado o sólido barracão de madeira, coberto por zinco e com dois pavimentos, todo pintado a óleo Natal e Natal (1987). Servindo de sede, era considerado um luxo para a época tornando-se o mais antigo espaço de lazer fundado no âmbito da Brasil Industrial.

O local transformou-se no polo da vida social dos operários e congregados de Paracambi nos primeiros anos da década de 1910. Visto com orgulho pelos trabalhadores locais, era nele que se organizavam as festas de casamentos, os batismos, os bailes de carnaval, ensaios da banda e do grupo de teatro, além das festas dançantes e outras ocasiões sociais permitidas pela Fábrica. Consistia, assim, no lugar comum compartilhado pelos operários para as atividades criadas, além da reprodução do mundo fabril. Na mesma entrevista dada a Keller, em agosto de 1995, o Sr. Afonso, ex-operário, fala das festas no Cassino:

Tinha o baile no cassino onde os diretores da época compareciam, tinha uma programação de teatro cênico, inclusive Dona Marina fez muito, traziam de fora os grupos espanhóis, portugueses, franceses, aquelas danças típicas, aquelas roupagens típicas, era bonito, tudo no cassino, alguns do lado de fora. Na véspera e no dia da festa, o dia todo, o dia todo tinha festividade. (...) O Cassino tinha um lugar reservado a música, um lugar reservado a polícia, o outro *pra* guardar capa de chuva, chapéu, guarda chuva, galocha, essas coisas que se usavam na época e tinha as autoridades, quer dizer, os convidados, que ficavam na outra parte, geralmente no palco. (AFONSO FERREIRA, 1995).



Fig. 41 - Clube Cassino, em cerca de 300 metros à direita se chega à antiga Fábrica. Foto do autor, 2017.

Como símbolo da sociabilidade paracambiense, o Cassino realiza o maior número de eventos da cidade, entre eles o Reencontro, onde moradores e ex-moradores da cidade se encontram nos meses de setembro. Idealizado pelo antigo prefeito Arildo Capitão, como é mais conhecido, o evento surgiu em setembro de 1977⁵⁶ e foi realizado ano após ano no mesmo local. Com a demolição da antiga estrutura na década de 1980, o Cassino foi substituído pelo Grêmio Recreativo Esportivo e Social de Paracambi (GRESPE) até as obras terminarem. Hoje a secretaria de turismo municipal organiza o evento no último final de semana do mês de setembro. Há uma canção entoada todas às vezes que o evento é realizado, de autoria de Sylvio de Carvalho, também autor do hino de Paracambi. A letra da canção é reproduzida por Natal e Natal (1987).

⁵⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=mkgK53DUCHQ>.

CANÇÃO DO REENCONTRO

Vamos dar as mãos, vamos cantar
 neste reencontro tão feliz...
 Nada vale mais do que voltar
Ao lugar que a gente sempre quis...
 Gente que se quer rever de novo
 Que a saudade sempre lembrou...
E fitar meu céu, meu chão, fitar meu povo,
 Que o tempo, decorrido, não mudou...
É trazer de volta o amor de um peito amigo
 E misturar ao amor do que ficou...
 Quando estou aqui eu sinto a paz,
 Que eu deixei ficar quando parti...
 Sofro se estou ausente
 Deste meu rincão: Paracambi...
Terra dos meus pais. Dos filhos meus.
 Sob a luz do sol e a Mão de Deus.
Tu és, dentre outras mil: o pedacinho mais querido do Brasil.

BAIRRO DA RAIA

Perto do Cassino, localiza-se o bairro da Raia, (figura 42), cujo nome se explica pelo fato de no passado haver na principal rua uma pista, uma espécie de raia onde aconteciam corridas de cavalo. O local era muito frequentado pela elite industrial da época. Próximo à antiga Estrada da Pedreira, por onde escoava o café do Vale do Paraíba Fluminense, já citada no início desta pesquisa e que hoje faz parte da Rodovia RJ 127, o bairro da Raia é margeado pelo Rio dos Macacos, cuja nascente fica no Parque Municipal do Curió em Paracambi.



Fig. 42– O bairro da Raia em 1930. À direita da imagem chega-se à atual RJ 127, que liga Paracambi a Vassouras; à esquerda, situa-se a Praça Castelo Branco. Fonte: www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs. Acesso em 03/01/2018.

Na imagem acima, o Rio dos Macacos passa à direita da fotografia e vem da parte superior onde fica o Parque do Curió. Ao cruzar a estrada, hoje Rua Américo Rodrigues Ferreira, na parte inferior, o rio segue para o centro de Paracambi. À esquerda fica o bairro Boqueirão que, assim como a Raia, foi formado a partir de loteamentos antigos da Fábrica Brasil. Essa fotografia, de autor desconhecido, foi tirada do antigo Morro do Parque (figura 38) já citado anteriormente, pois se trata da única elevação no local que permite tal visão.

BAIRRO BOQUEIRÃO

É um dos lugares mais valorizados da cidade de Paracambi, cercada de verde e formado por belos casarões. O terreno que antes pertencia a Fábrica Brasil foi vendido durante a gestão do Grupo Othon Bezerra de Melo na década de 1980. Fica localizado entre a Praça Castelo Branco, onde se encontra o Cassino Social, e o bairro da Raia visto anteriormente. Esses dois bairros possuem o metro quadrado mais caro da cidade.

A PRIMEIRA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

A construção se destaca neste roteiro por ser uma das construções mais antigas da cidade e por ter tido, no passado operário, um caráter de lazer, apesar de ser um templo religioso. As celebrações na capela (figura 43) acabavam se tornando grandes festividades religiosas e eram celebradas com muita alegria em frente à Fábrica, na Praça ou dentro do Cassino.



Fig. 43 – Capela de Nossa Senhora da Conceição em Paracambi.
<https://br.pinterest.com/pin/370843350550232912/?lp=true>. Acesso em 7/10/2017.

A capela de Nossa Senhora da Conceição tem esse orago pelo fato de essa imaginária religiosa, na cultura católica, ser a padroeira dos operários. É o mais antigo templo religioso de pé em Paracambi foi construído com uma parceria entre a diretoria da Fábrica, que doou o terreno, e os operários, que ergueram o prédio no alto de um morro que dá acesso à Companhia Brasil Industrial. Essa construção teve sua inauguração em 6 de maio de 1880. Em entrevista realizada no dia 01/01/2011 pela professora Angelissa Silva e sua assistente de pesquisa Gisele Amaral, o professor Marcelo Arong relata como foi construída a capela de Nossa Senhora da Conceição.

Foi um pedido que feito pela esposa de um dos presidentes da companhia têxtil que surgiu a ideia de se construir uma nova igreja, porque a primeira era lá onde hoje fica o quartel, mas como tudo mudou *pra cá*, resolveram fazer aqui. O terreno foi cedido pela fábrica e a construção, os operários caíram em cima, faziam uma festa aqui, ali, juntavam um trocadinho e fizeram a capela. (PROFESSOR MARCELO ARONG, 01/01/2011).

Dali saíam as procissões em comemoração ao dia da padroeira da Fábrica, a Nossa Senhora da Conceição, que ganhou da Brasil Industrial o dia 8 de dezembro, data nacionalmente comemorada, mas que em Paracambi apresenta uma curiosidade. Muitos atribuem essa data ao dia em que houve o incêndio nas instalações da companhia. Muitos contam que a diretoria da Fábrica, por contensão de despesas, não queria realizar a festa da padroeira nesse ano. Em castigo à desobediência, conta-se, os administradores foram punidos pela “santa” com o incêndio. O professor Marcelo (2005) disse que desde então nunca se deixou de comemorar o dia da padroeira.

Localizada dentro de um terreno que engloba a casa gerencial, de que falaremos a seguir, a capela só é aberta em datas específicas e permanece pouco divulgada, o que impossibilita a população mais nova de conhecer esse patrimônio industrial. Esta pesquisa teve acesso pela primeira vez ao seu interior (figura 44), quando na ocasião acontecia um recital natalino no mês de dezembro de 2017. Ao analisarmos a imagem abaixo, nota-se que o orago na capela mor não é mais o original. Em conversas informais com alguns moradores mais antigos, os mesmos afirmaram que a imagem sacra original, vinda da Europa, fora extraviada, bem como outros objetos de valor. Atualmente o templo encontra-se fechado e suas funções primárias foram transferidas para capela nova, também já citada nesse capítulo.



Fig. 44 – Interior da antiga capela de N.S. da Conceição em Paracambi. Foto do autor, 2017.

A CASA GERENCIAL

Apesar de se ter poucas informações a respeito desse edifício, a casa que abrigou os presidentes da companhia por mais de um século teve sua importância na história do operariado local e por isso está neste roteiro. Conhecida na cidade como “casarão” (figura 45), este prédio em tijolo aparente, tal qual a Fábrica Brasil, não só abrigou os presidentes da Companhia como era o local das tomadas decisões do complexo fabril desde sua fundação até seu fechamento.

Localizado no mesmo morro da capela, tinha uma visão privilegiada, pois do topo da colina se via todo frontispício da Fábrica, um verdadeiro posto de observação de todo o complexo. Aqui chegavam e daqui saíam as caixas de dinheiro com os pagamentos de todos os

funcionários, os envelopes contendo os ordenados e os vales descontos eram levados às seções onde eram entregues pelos encarregados e distribuídos um a um aos operários.

A casa é desconhecida entre os moradores mais novos que apenas ouvem a respeito, mas nunca entram no prédio, a menos que participem de alguma festividade promovida por alguém que alugar a casa, que virou um salão de festas e pertence a particulares na cidade. O casarão foi adquirido pela prefeitura no início dos anos 2000 e foi em um encontro social que esta pesquisa teve acesso às dependências desse prédio histórico, que ainda preserva alguns móveis de época.



Fig. 45 – A casa gerencial da Fábrica, à esquerda do muro fica a capela de N.S. da Conceição. Foto do autor 2017.

A COMPANHIA TÊXTIL BRASIL INDUSTRIAL

O principal ponto de visita deste roteiro é sem dúvida a Fábrica Brasil. Seu nome foi a expressão mais usada em todo esse trabalho uma vez que ela é a grande responsável pela formação da cidade de Paracambi. Construída na década de 1870, a Companhia Têxtil Brasil Industrial (figura 46) foi a maior Fábrica do gênero até início do século XX e empregou milhares de operários em diversos turnos e produziu tecidos de qualidade para os mercados nacional e internacional.

Assim que se desce a colina onde está localizada a casa gerencial e a capela de N.S. da Conceição, chega-se a uma bifurcação em meio a um bosque. Os dois caminhos dão na antiga Fábrica Brasil. O da direita, em asfalto, é o caminho da antiga linha férrea que começou com uma locomotiva e posteriormente foi substituído por transporte semovente, como já citado nesse

trabalho, o Trolley. Por esse caminho chegava-se às outras casas gerenciais, estas destinadas a encarregados e chefes de setor da Fábrica e que já não existem, pois todas foram derrubadas e construídas novas casas.

O outro caminho, em paralelepípedo e cercado de árvores, era o principal acesso à Fábrica, pois destinava-se somente a pedestres. Alguns moradores antigos lembram que nos tempos das atividades fabris, o caminho de acesso, principalmente no horário de início e fim expediente, era repleto de operários, a pé ou de bicicleta. O caminho do bosque, como é mais conhecido, é na verdade uma extensão da Avenida dos Operários.

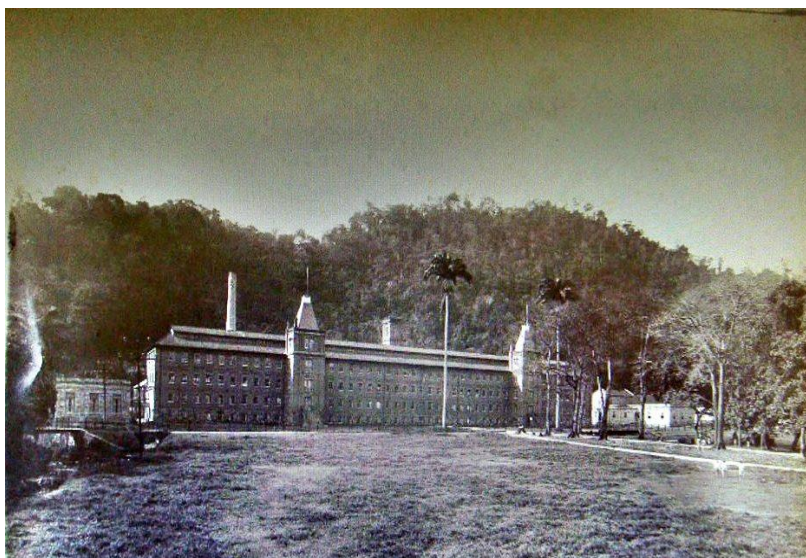


Fig. 46 – Companhia Têxtil Brasil Industrial, sem data. Fonte: <https://www.facebook.com/search/top/?q=paracambi%20antigo>.

A imagem acima jamais poderia ser vista nos dias atuais, pois o gramado à frente do edifício, onde já existiu o campo de futebol do BIEC, está completamente tomado por um bosque formado por árvores da Mata Atlântica, além duas fileiras de oitizeiros ladeando o caminho de acesso. Ainda sobre a fotografia, convém notar uma pequena construção à esquerda; trata-se a casa dos geradores de energia que está em funcionamento até hoje e aproveita a água de um riacho, afluente do Rio dos Macacos, para fazer rodar suas turbinas.

O caminho à direita da imagem é o final da Avenida dos Operários ou o caminho do bosque. A pequena construção também à direita era o terminal do trem de carga. A chaminé localizada por trás da torre, à esquerda, já não existe mais, bem como as palmeiras imperiais frontalmente ao edifício. O grande caixotão é hoje totalmente ocupado por instituições de ensino já mencionadas neste trabalho. Outras dependências do antigo complexo fabril são ocupadas por

MAPA DO ROTEIRO CULTURAL

1. ESTATION FERROVIÁRIA
Inaugurada em 01 de agosto de 1861 como o nome de Maracás, a estação foi sua das primeiras e suas locomotivas pela antiga Estrada de Ferro D. Pedro II



11. O CLUBE CASINO
Ajuda nas melhorias de Praça Castelo Branco temo o Clube Casino teve sua construção datada de 1894 e foi feita por iniciativa do diretor Domingue Lével



12. CAPELA DE S. SEBASTIÃO
Ajuda nas melhorias de Praça Castelo Branco temo o Clube Casino teve sua construção datada de 1894 e foi feita por iniciativa do diretor Domingue Lével



13. CASA GERENCIAL
Conhecida no início como casarão, este prédio em estilo neoclássico, tal qual a fábrica Brasil abrigou os presidentes da companhia desde sua fundação até seu fechamento.



14. CIA. TÊXTIL BRASIL INDUSTRIAL
Alguns dos melhores antigos bairros que nos tempos das estradas férreas, o caminho de acesso à fábrica principalmente no bairro de início e fim rapidamente era repleta de operários, e por ser de bairros.



2. PRAÇA CARAÍVOA
A ideia de criação de uma grande Praça no Centro surgiu em 1913, durante o governo do presidente Djalma Lima.



3. TUPY SPORT CLUB
Fundado em 01 de janeiro de 1922, formador de muitas gerações em suas modalidades.



4. BARRILAVIA COMERCIONAL
Localizada bem em frente a Praça 13 de Novembro, que recebe esse nome em homenagem ao dia em que a primeira colheita e o primeiro produto foram exportados.



5. RUA DOMINIQUE LÉVEL
O Sr. Dominique Lével foi o primeiro diretor presidente da Companhia Brasil Industrial, eleito no dia 03 de setembro de 1893.



6. FAZENDA SABUGO
Sua área, Sr. Alfredo Gomes e Berakko Sach, eram de Valença e chegaram a região com o intuito de instalar um grande sítio.



7. S. MATEZ DE S. PEDRO E S. PAULO
Com pouco fundamental tempo em 1929 pelo então governador Juscelino Kubitschek, que chegou ao local no ano anterior, mas foi inaugurada somente em 1948.



8. AVENIDA DOS OPERÁRIOS
É uma avenida a principal via do bairro de Paccaembé, famosa pela antiga via operária da fábrica Brasil Industrial



9. VILA OPERÁRIA
A vila era gerida pela direção da fábrica e os vizinhos operários da Brasil Industrial e suas famílias.



10. PRAÇA CASTELO BRANCO
Visando para o caminho da fábrica chegou ao maior área de lazer do estado, passou por várias modificações arquitetônicas ao longo da história



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O roteiro cultural sugerido nesta pesquisa propõe-se a valorizar a história de Paracambi e sua mais importante Fábrica, a Companhia Têxtil Brasil Industrial, principal impulsionadora do crescimento da cidade. Muito embora este roteiro esteja na condição de um projeto, o mesmo foi testado na prática, e seu funcionamento com um grupo de alunos do IFRJ-CPAR se mostrou bem-sucedido.

A pesquisa desenvolvida se manteve, desde sua origem, na mesma direção: produzir algo que pudesse trazer à tona a memória operária, por vezes esquecida, que se constituiu ao longo de quase 150 anos, desde que a Fábrica Brasil foi estabelecida. A história de Paracambi perpassa dois marcos arquitetônicos bem distintos nas suas funções, mas interligados física e historicamente. O primeiro é a estação ferroviária, responsável pelo principal transporte na região e grande condutor da mão de obra local. O segundo é a notável Companhia Têxtil, responsável, em todos os aspectos, pelo desenvolvimento econômico e cultural da cidade.

Desprovida de obras de arte pública e marcos arquitetônicos monumentais, a cidade de Paracambi guarda em suas ruas algumas expressões espaciais emblemáticas pelos seus diversos significados. São ruas, praças, algumas construções civis e religiosas, as quais retratam uma organização espacial pretérita e rica em simbolismo, somadas aos elementos naturais e aos seus habitantes, atores que completam e formam uma paisagem cultural complexa.

Moradores de Paracambi, especificamente os ex-operários da Fábrica, foram os que mais contribuíram para que esta pesquisa pudesse amenizar o hiato que se produziu entre os anos de 1950 e o fim das atividades fabris em Paracambi. Indício desta lacuna, uma das grandes dificuldades deste trabalho foi a falta de bibliografia referente a esse período. Conforme enunciado em outra altura desta dissertação, o período ficou marcado pela administração do Grupo Othon Bezerra de Mello, a partir do ano de 1955. As mudanças que essa nova administração propôs, de alguma forma, contribuíram para ruptura de relações patronais estabelecidas ainda no século XIX. E para consolidar essas mudanças, a emancipação da cidade em 1960 criou um novo quadro político e econômico local, pois a partir de então, os dirigentes da Fábrica não dariam mais as cartas na cidade, e sim a prefeitura e a câmara dos vereadores. Tudo isso se mostrou favorável ao declínio da Companhia Têxtil.

Pode-se dizer que uma das principais mudanças da nova administração foi a venda das casas da vila operária, fazendo com que fosse quebrada uma das principais formas de dominação patrão-empregado. Com a aquisição da casa da vila, por parte do trabalhador, que teve num plano de governo um grande facilitador financeiro, a classe trabalhadora obteve ganhos substanciais, pois adquirir a casa própria era não apenas um sonho, mas uma forma de segurança para toda sua família, que não sofreria mais as ameaças de despejo caso alguém que trabalhasse na Fábrica fosse demitido.

Um novo quadro começa a ser desenhado na cidade, pois o número de postos de trabalho na Fábrica diminuiu, obrigando o trabalhador a procurar novas frentes de emprego,

principalmente em outros municípios maiores. Se no passado, toda a cidade dependia da Fábrica basicamente em tudo, com seu fim, a dinâmica da região muda.

Com o encerramento das atividades fabris em meados da década de 1990, a “nova” cidade passou por uma espécie de crise econômica, pois durante mais de um século a Fábrica Brasil Industrial empregou milhares de pessoas, formou a região e moveu a economia e a cultura local. Seu fim provocou um verdadeiro colapso até que esse quadro mudou com a reconversão da antiga Fábrica em um centro educacional conhecido como “Fábrica do Conhecimento”.

Ao estudar a história da Fábrica Brasil Industrial e todo o patrimônio instituído por ela, descobrimos ter havido uma tentativa de preservação e conservação. Consultando as fontes, junto aos órgãos competentes, identificou-se um pedido de tombamento. A solicitação, contudo, se encontra, até os dias de hoje, na condição de “provisório” e não definitivo, o que a nosso ver incorre em enorme prejuízo para cidade. Ter um bem classificado como tombado significa, entre outras coisas, que aquele bem é de suma importância para a história e cultura locais, significa que houve uma tentativa de preservação de uma memória.

Hoje, com a reconversão da Fábrica, o edifício encontra-se guardado pelos órgãos que preenchem seus espaços. Porém, é possível afirmar que nestas condições ele está preservado? E se está, até quando? E o que houve com a memória operária? O que houve com os outros bens patrimoniais instituídos pela Companhia e com a participação de seus trabalhadores? Essas e outras perguntas sempre virão à tona quando se desejar estudar sobre a história de Paracambi e sua grande Fábrica Têxtil.

Foi pensando nessas questões que surgiu o título para este trabalho, algo que pudesse trazer para o presente uma história pretérita de uma cidade que se desenvolveu por meio da Indústria Têxtil. Acreditamos que o turismo cultural tenha sido uma boa escolha. Primeiro pelas condições favoráveis que a região apresenta, tanto pela sua proximidade com outras regiões turísticas, quanto pela riqueza natural e histórica de Paracambi; segundo porque o turismo, quando feito de forma pensada e estudada, tem a capacidade de gerar recursos financeiros no intuito de contribuir social e economicamente para determinada região.

No entanto, um projeto de roteiro cultural para a cidade industrial de Paracambi intenta colaborar não apenas para a economia local, mas, sobretudo, para a prospecção da história desconhecida e esquecida ao longo dos tempos. Esta pesquisa entende que isso só será possível se houver alguma articulação com os órgãos públicos, os quais poderiam mediar e incentivar esta ideia junto à Secretaria de Educação, Turismo e Cultura e às escolas do município. Outra questão importante diz respeito à preservação patrimonial da cidade, pois a relevância simbólica que cada lugar proposto neste roteiro cultural apresenta pode despertar na comunidade local o desejo de guardar o que é seu.

Finalizando esta pesquisa, reforçamos que a ideia de um roteiro cultural na cidade poderá contribuir positivamente com a comunidade local. Esperamos que a partir deste roteiro, outros possam surgir, vindo a somar-se a este, completando-o ou modificando-o, num esforço permanente e necessário de preservação da memória, do patrimônio e da história de Paracambi.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein e **KUHL**, Beatriz Mugayar. Patrimônio Industrial: Algumas questões em aberto. Ust – arq.urb – n. 3 - 1º semestre de 2010.

BARBOSA, Alex Bento, **MARTINS**, Edson Aparecido, O código QR e a rastreabilidade como ferramenta de Marketing. 5ª Jornada Científica e Tecnológica da FATEC de Botucatu
24 a 27 de Outubro de 2016, Botucatu – São Paulo, Brasil.

BARROS, Paulo Cesar de; **SANTOS**, Everaldo Lisboa dos; **SILVA**, Luiz Bezerra da. Redefinição de Espaços Periféricos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Paracambi – a Cidade Fábrica à Cidade da Informação. PPGeo/UERJ 2012.

BERGER, Stefan e **WICKE**, Christian - Um imaginário pós-industrial? A popularização do patrimônio industrial no Ruhr e a representação de sua identidade regional A post-industrial mindscape? The popularization of industrial heritage in the Ruhr and the representation of its regional identity, Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 27, nº 54, p. 231-254, julho-dezembro de 2014.

BAUDRIHAYE, Jaime-Axel Ruiz. El Turismo Cultural: Luces y Sombras. Madrid, Instituto de Turismo de España-Turespaña, Estudios turísticos, 1997.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. Considerações sobre o conceito de turismo sustentável. Revista Formação, n.16, volume 1 – p.48-59.

CIAVATTA, Maria (coord.). Memória e Temporalidades do trabalho e da Educação, Lamparina, FAPERJ, 2007.

CHALHOUB, Sidney e **FONTES**, Paulo - História Social do Trabalho, Perseu, Nº 4, Ano 3, 2009.

CORDEIRO, José Manuel Lopes. Desindustrialização e Salvaguarda do Patrimônio Industrial: Problema ou Oportunidade? Oculum Ensaio 13 | Campinas | p.154-165 | 3, 2009. Janeiro/junho 2011.

_____. A norma de qualidade e os desafios que se colocam ao turismo industrial, Universidade do Minho/ Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Braga Portugal, II Oficina de Patrimônio Industrial, Unicamp 2016.

DALONSO, Yoná da Silva. O Turismo Industrial como novo segmento turístico: A experiência da cidade de Joinville. Faculdade Cenicista de Joinville.

FERNANDÉZ, Guillermina e **RAMOS**, Aldo Guzmán, Patrimonio Industrial, Turismo Cultural Y Rutas turísticas Pra Um Desarrollo Local Sustentable. Caminhos de Geografia, Instituto de Geografia UFU, Fev/2014.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Patrimônio industrial: Lugares de trabalho, lugares de memória. Museologia e Patrimônio, Vol. II n. 1 – Jan/Jul. 2009.

FONTES, Paulo. “Mapeando o patrimônio industrial em São Paulo, ” Patrimônio Revista Eletrônica do IPHAN 4 (March-April 2006). <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=166>.

FUJITA, Renata Mayumi Lopes e **JORENTE**, Maria José. A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural - The Brazilian Textile Industry: a cultural and historical perspective. Revista ModaPalavra e-Periódico, vol. 8, n. 15, Jan./Jul. 2015.

FURTADO, Cristiane Silva, Tecendo as Redes do Paternalismo, Lazer e Identidade entre os trabalhadores da fábrica Paracambi (1874-1918), PUC – Rio de Janeiro, 2012.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Mal-estar no patrimônio: Identidade, tempo e destruição. Estudos Históricos, v. 28, n. 55, 2015. P 211-228.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo, Vértice, 1990. (Capítulo 1 e 2).

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Liv Sovik (org); trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. Varia História, Belo Horizonte, Vol. 22, n. 36: p. 261-273, Jul/Dez 2006.

KELLER. Paulo F. Construção e apropriação da memória fabril e operária na cidade de Paracambi – Estado do Rio de Janeiro. II Encontro Nacional sobre Patrimônio Industrial. Junho de 2009.

_____. Fábrica e Vila Operária: a vida cotidiana dos operários têxteis em Paracambi/RJ. Engenheiro Paulo de Frontin/RJ: Solon Ribeiro, 1997.

KON, Anita e **COAN**, Durval Calegari. Transformação da Indústria Têxtil Brasileira: A Transição Para a Modernização. Revista de Economia Mackenzie, Ano 3, n. 3 p. 11-34, 2009.

KÖRÖSSY, Nathália. Do “turismo predatório” ao “turismo sustentável”: uma revisão sobre a origem e a consolidação do discurso da sustentabilidade na atividade turística. Caderno Virtual de Turismo, Vol. 8, N° 2 (2008).

LEITE LOPES, José Sérgio. Memória e Transformação Social: Trabalhadores de cidades industriais, 2011.

_____. A Tecelagem dos Conflitos de Classe na ‘Cidade das Chaminés’. São Paulo: Editora Marco Zero (co-edição com CNPq), 1988.

MADURO, António Valério, **GUERREIRO**, Alberto e **OLIVEIRA**, Aurélio. O Turismo industrial como potenciador do desenvolvimento local – estudo de caso do Museu do Vinho de Alcobaça em Portugal. Instituto Universitário da Maia – ISMAI Portugal. Passos Revista de Turismo, 2015.

MEDEIROS, Lindenberg da Câmara, **MORAES**, Paulo Eduardo Sobreira. Turismo e Sustentabilidade Ambiental: Referências para o Desenvolvimento de Um turismo Sustentável. Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade | vol.3 n.2 | jan/jun 2013.

MEIRELLES, Renzo de Souza Alibert, Turismo de Massa em Florianópolis e consequências culturais, socioeconômicas e ambientais, Universidade de Santa Catarina, 2016.

MOLLETA, Vânia B. Florentino. Turismo Cultural. Porto Alegre: SEBRAE, 1998.

NATAL, Clélia R. N.; **NATAL**, Gilson. História de Paracambi 1800 a 1987. Rio de Janeiro: Guavira Editores, 1987.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aum Khoury. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Márcio Pinon de – Quando a Fábrica cria o bairro: Estratégias do capital industrial e produção do Espaço Metropolitano no Rio de Janeiro. Scripta Nova, Vol. X, núm. 218 (51), Universidad de Barcelona, 2006

PANAZZOLO, Flavia de Brito: Turismo de massa: Um breve resgate histórico e sua importância no contexto atual. Universidade de Caxias do Sul, 2015. <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt8-turismo-de-massa.pdf>. Acesso: 24/03/2018.

PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Os jogos do Sentido: Os Literatos e a Popularização do Futebol no Rio de Janeiro. In Coleção História do Brasil, A História Contada, (org) CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Nova Fronteira, 1998.

PINTO, Leila Cristina, A organização da União dos Operários em Fábricas de Tecidos.

(UOFT) entre os anos de 1917 e 1918. XVI Encontro Regional de História, Rio de Janeiro, 2014.

ROCHA, Isabel. Tijolo por tijolo – Construindo alvenarias no Vale do Paraíba Fluminense 1820/1890, Tese de Doutorado, FAU/UFRJ, 2006.

ROSA, Carolina Lucena. O patrimônio industrial: a construção de uma nova tipologia de patrimônio, anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, jul. 2011.

SALES, Telma Bessa e **SILVEIRA**, Cid Morais. A Fábrica nas construções da memória: Narrativas e imagens na construção de um diálogo sobre o mundo do trabalho em Sobral- Ceara. Revista Homem, Espaço e Tempo Ano VIII, número 2, 2014.

SANTOS, Joanilda Maria dos. Paracambi: Estudo de Caso do Processo de Reconversão de Uma Fábrica de Tecidos em “Fábrica do Conhecimento”, Dissertação de Mestrado, CPDOC/FGV-RJ, 2017.

SIMÕES, Manoel Ricardo. A Cidade Estilhaçada: Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense. Tese de doutoramento em Geografia, Universidade Federal fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

_____. Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense. Mesquita: Editora Entorno, 2011.

SIMOSEN, Roberto. Evolução industrial do Brasil e outros estudos. São Paulo, EDUSP, 1973.

SJOBORG, Gideon. Origem e Evolução das cidades. In: DAVIS, Kingsley (org.). Cidades: a urbanização da humanidade. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1965.

SINGER, Paul Israel. Economia Política da Urbanização. São Paulo, Brasiliense, 1971.

SOUZA, Gabriela Gomes Rodrigues de. A Indústria Têxtil na Crise do Império. O caso da Companhia Têxtil Brasil Industrial. XVII Encontro de História da ANPUH, Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, Thiago Ferreira de. Interpretação Ambiental da trilha do Jequitibá-Rosa no Parque Natural Municipal do Curió de Paracambi, RJ. Monografia de conclusão de curso de Engenharia Florestal. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2011.

STEIN, Stanley. Origens e Evolução da Indústria no Brasil: 1850/1950. Rio de Janeiro, 1979.

_____. Vassouras, um município brasileiro do café, 1850-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

TUAN, Yi Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1977.

SUZIGAN, Wilson. Indústria: Origem e Desenvolvimento, Brasiliense, São Paulo, 2000.

VASQUES, Ronaldo Salvador. A Indústria Têxtil Formadora de Conceitos e Moda Brasileira Nos Anos 1960, V Congresso Internacional de História, 2011. OI: 10.4025/5cih.pphuem.0911 Acesso em 12/05/2018.

VIDAL, Marcelo de Oliveira. O Surgimento da Indústria Turística no mundo: uma análise da origem da expansão do capital nacional no setor durante a segunda metade do século XIX e início do XX. XIV ANPUH, Rio de Janeiro, 2010.

SITES

http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens_tombados/detalhar/173 - Acessado em 10/11/2015

<https://www.youtube.com/watch?v=M5E110QPVhs> - Acessado em 16/08/2016

<https://www.skyscrapercity.com> - Acessado em 16/08/2016

IBGE. Banco de Dados. <https://www.ibge.gov.br>. - Acessado em 06/05/2017

<https://www.turismo.gov.br> - Acessado em 06/05/2017

<http://www.pell.portland.or.us/~efbrazil/electro/efcb.html> - Acessado em 07/10/2017.

catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=bs&pr=mic_pr&db=mic...ss - Acessado em 08/10/2017.

<http://www1.folha.uol.com.br/opinia0/2017/08/1909392-fazer-do-pais-uma-potencia-do-turismo.shtml> - Acessado em 05/10/2017.

<http://www.brasil.gov.br/turismo/2014/04/brasil-e-o-6o-no-mundo-em-economia-do-turismo> - Acessado em 05/10/2017.

<http://www.saobernardo.sp.gov.br> - Acessado em 08/10/2017.

<http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital> - Acessado em 15/10/2017.

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/tu000019.pdf> - Acessado em 16/06/2018.

http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/535468/clt_e_normas_correlatas_1ed.pdf - Acesso em 16/06/2018.

<https://www.dicionarioetimologico.com.br/patrimonio/> - Acesso em 16/06/2018.

<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/o-turismo-no-brasil.htm> - Acesso em 16/06/2018.

<https://www.brasil247.com/pt/247/economia/87207/Potencial-do-turismo-brasileiro.htm> - Acesso em 16/06/2018.

OUTRAS FONTES

COMPANHIA BRASIL INDUSTRIAL. 1º Relatório aos Acionistas de 1874.

_____. Terceiro Relatório aos Acionistas: 18º de 1891.

_____. Quarto Relatório aos Acionistas: 24º de 1897.

_____. Quinto relatório aos Acionistas: 48º de 1871/1921.

INVENTÁRIO DE ENTREVISTAS

Entrevistas realizadas por Paulo Fernandes Keller

Afonso Ferreira, ex-operário a CBTI I, data 22/08/1995 – duração 90 minutos.

Clélia Natal, ex-moradora da cidade de Paracambi, data 19/11/1992 – duração 82 minutos.

Domingos Tresse, ex-operário da CBTI, data 30/07/1992 – duração 90 minutos.

Dona Francisca da Silva Cruz, ex-operária da CTBI, data 14/11/1992 – duração 120 minutos.

Humberto Ramalho, ex-operário da CBTI, data 13/08/1995 – duração 90 minutos.

Entrevistas realizadas por Maria Ciavatta

Maria das Graças Santos, ex-operária da CBTI, data 02/01/2006.

Entrevistas realizadas por Angelissa Silva

Leonan Oliveira, ex-operário da CBTI, data 18/5/2011- duração 30 minutos.

Otacílio Lima, ex-operário da CBTI, data 18/5/2011- duração 45 minutos.

Entrevistas realizadas por esta pesquisa

Álvaro Teixeira, ex-funcionário da CBTI, data 16/09/2016 – duração 102 minutos.

Davi Romeiro, ex-funcionário da CBTI, data 15/11/2017 - duração 90 minutos.

Humberto Ramalho, ex-operário da CBTI, data 15/11/2017 – duração 113 minutos.

João Batista da Silva, morador de Paracambi, data 16/11/2017 – duração 27 minutos.

Percy Otaviano, ex-funcionário da CBTI, data 18/11/17 – duração 105 minutos.